



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

ANDRÉ LUIZ DE VASCONCELOS

**TEORIA E NARRATIVAS NO DOCUMENTÁRIO
STALINGRAD**

Londrina
2014

ANDRÉ LUIZ DE VASCONCELOS

**TEORIA E NARRATIVAS NO DOCUMENTÁRIO
STALINGRAD**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História Social, na linha de História Política.

Orientador: Prof. Dr. Sylvia Ewel Lenz.

Londrina
2014

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central
da Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

V331t Vasconcelos, André Luiz de.

Teoria e narrativas no documentário Stalingrad / André Luiz de Vasconcelos. –
Londrina, 2014.
142 f. : il.

Orientador: Sylvia Ewel Lenz.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina,
Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História
Social, 2014.

Inclui bibliografia.

1. História – Filosofia – Teses. 2. Memória – Teses. 3. Guerra Mundial – 1939-
1945 – Narrativas pessoais – Teses. 4. Cinema e história – Teses. I. Lenz, Sylvia
Ewel. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas.
Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1

ANDRÉ LUIZ DE VASCONCELOS

TEORIA E NARRATIVAS NO DOCUMENTÁRIO STALINGRAD

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Centro de Letras e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História Social, na linha de História Política.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Dra. Sylvia Ewel Lenz-
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr.Dennison de Oliveira
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Prof. Dra.Marcia Teté
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr.José Miguel Arias Neto
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr.Andrew Patrick Traumann
Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA

Londrina, 10 de Abril de 2014.

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa é fruto da colaboração de muitas pessoas, que me ajudaram de forma direta ou indireta. Em primeiro momento gostaria de agradecer minha família, pela compreensão e ajuda. Ao departamento de História da Universidade Estadual de Londrina. Saliento alguns docentes em especial.

Ao professor José Miguel Arias Neto por ter me ajudado com o tema ainda na graduação e, pela contribuição dada após não estar mais sobre sua orientação.

A professora Márcia Elisa Teté Ramos, pelas dicas e sugestões na elaboração do livro que organizamos no mestrado. Foi uma experiência agradável, também agradeço por fazer parte da banca. Ao professor Márcio Santos, que na especialização pode me dar sugestões com contribuições significativas para que essa pesquisa fosse desencadeada.

Não poderia deixar de agradecer a minha orientadora Sylvia Ewel Lenz pela ajuda e orientação, nessa dissertação com sugestões e opiniões que foram de extrema importância. Ao Marcelo e Luis Gustavo, pelas conversas acaloradas sobre a Segunda Guerra e Stalingrado. Ao meu amigo Emilio Colman, que na graduação tive ótima amizade e a cargo até hoje. Enfim são muitas pessoas que essa página se tornaria pequena para todos.

**O SOFRIMENTO É REPARTIDO AO
LONGO DA VIDA E SEPARADO POR
BLOCOS DE ESQUECIMENTO**

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE).

VASCONCELOS, LUIZ. André. *Teoria e narrativas no documentário Stalingrad*. 2014. 144p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo relativizar através do documentário *Stalingrad* temas e relações que o mesmo possui com o campo da teoria da história e, também analisar algumas narrativas presentes na fonte. A questão central dessa dissertação é criar um campo de reflexão amplo que possibilite uma discussão acerca do gênero cinematográfico em discussão como fonte de pesquisa ao historiador. Aproximações entre o fazer do historiador e do documentarista, se fazem presentes tais como; a noção de realidade que ambos apresentam em suas idealizações. Memória e narrativa tão presentes em *Stalingrad* também serão articuladas com o campo da História, a fim de mostrar a importância da fonte como semeadora de um passado que está sendo diluído pelo esquecimento e ressentimento.

Palavras-Chave: Memória. História. Narrativa. Segunda Guerra.

VASCONCELOS, LUIZ. André. *Theory and narrative in the documentary Stalingrad*. 2014, 144 p. Dissertation (Master's História Social). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

This research is to relativist objective through Stalingrad documentary themes and relationships that it has with the field of the theory of history and also analyze some narratives present in the source. The central question of this dissertation is to create a wide field of reflection that enables a discussion about the film genre under discussion as a research resource for the historian. Approaches between doing historian and documentarian, are present such as; the notion of reality that both present in their idealizations. Memory and narrative as gifts at Stalingrad also be articulated with the field of history in order to show the importance of the source as sowing of a past that is being diluted by the wayside and resentment.

Keywords: Memories. History. Narrative. World War II.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO 1 – TEORIA, MEMÓRIA E DOCUMENTÁRIO	17
1.1 REFLEXÕES SOBRE PRESENTE E PASSADO	17
1.2 TRAUMA COLETIVO E INDIVIDUAL	23
1.3 O TESTEMUNHO.....	24
1.4 MEMÓRIA E DOCUMENTÁRIO	28
1.5 WALTER BENJAMIN E O ATO DE NARRAR.	32
1.6 O DOCUMENTÁRIO COMO UMA RELEITURA DO PASSADO.....	33
1.7 O DOCUMENTÁRIO COMO “SEGUNDA REALIDADE”	40
1.8 O DOCUMENTÁRIO COMO “IDENTIDADE”	46
CAPITULO 2 – 2º GUERRA: HITÓRIA ENQUADRADA	50
2.1 GUERRA – ANÁLISE E ILUSÃO	50
2.2 O PODER E A VIOLÊNCIA	56
2.3 A SEGUNDA GUERRA	59
2.4 CORPOS, TECNOLOGIAS BÉLICAS E POSTURAS	65
2.5 RUMO À URSS - OPERAÇÃO BARBAROSSA	68
CAPITULO 3 – OPERAÇÃO BARBAROSSA E O EXÉRCITO VERMELHO	78
3.1 A GUERRA CIVIL NA URSS E O EXÉRCITO VERMELHO	78
3.2 A DESORDEM DO EXÉRCITO VERMELHO ENTRE OS ANOS 1937-1939.....	81
3.3 A VITÓRIA SOVIÉTICA E UMA POSSÍVEL VERSÃO DE SUA HISTÓRIA.....	83
3.4 (RE) ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO VERMELHO	87
3.5 O CERCO A LENINGRADO	92
3.6 MOSCOU: O DESPERTAR DO EXÉRCITO VERMELHO	95
CAPITULO 4 – CONTEXTO DE STALINGRADO, LEMBRANÇAS EM STALINGRAD	100
4.1 STALINGRADO: ÚLTIMA ALTERNATIVA DO REICH ALEMÃO.....	100
4.2 MEMÓRIAS DO COMBATE	107

4.3	STALINGRAD - O DOCUMENTÁRIO DE 2003.....	110
4.4	SOFRIMENTO, DOR E VIOLÊNCIA EM STALINGRADO.....	111
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
6	FONTE	137
7	BIBLIOGRAFIA	138

INTRODUÇÃO

A relação do historiador com o passado se dá mediante o fato histórico¹. Porém, nem todo o fato passado² é histórico; o próprio historiador é quem seleciona o que é, e o que não é fato histórico, e são eles que os legitimam como parte da conjuntura histórica. A relação é definida por uma seleção que tem, como mediador principal, o mesmo.

Só interpretar não justifica a relação em que esta representa o presente e o passado. O historiador emergido no presente faz com que sua interpretação do fato histórico interaja com este, reinterpretando-o a partir do contínuo diálogo entre o passado e o presente.³

Esta seleção de fatos e a interpretação imbuída no presente é que leva à relação com o fato histórico, ou seja, é construída uma ponte de diálogo contínuo entre as partes. O conceito de “significância histórica” implica na seleção do que seria primordial para a História que interfere na compreensão, julgamento e avaliação dos fatos históricos, das personagens e das narrativas históricas e, conseqüentemente, na compreensão da História.

Em suas reflexões, Carlo Ginzburg⁴ nos questiona porque aceitamos como “reais” fatos contados num livro de história ao que também indago: por que percebemos como “reais” os fatos contados em um documentário? É exatamente no espaço entre o real e a ficção, que se torna possível o diálogo entre a historiografia e o documentário, tornando-o mais intrigante. De antemão o fazer historiográfico impõe vários desafios a historiadores: Como lidar com a subjetividade que permeia a investigação histórica? É possível pensar em “provas documentais” que atestem a veracidade dos fatos sem levar em conta as sensibilidades dos atores e dos eventos que a produziram? Como se instaura a relação entre memória e história?

¹ GOFF, Le. 1994, p. 423-483. Não há realidade histórica acabada a ser entregar ao historiador. Todo homem de ciência, conforme expressão de Marc Bloch deve “diante da imensa e confusa realidade”, fazer a “sua opção”- o que não significa nem arbitrariedade e nem simples coleta, mas sim a construção científica do documento cuja análise deve possibilitar a reconstituição ou a explicação do passado. Lucien Febvre, na aula inaugural no college de France (1933), dá um exemplo: “[...] porque onde pegaríamos o fato em si, este pretense átomo da história?

² KOSELLECK. 2007, p.97. De acordo com conhecida frase de Epíteto não são os fatos que abalam os homens, mas sim o que se escreve sobre eles. A despeito do ponto de vista estóico segundo o qual não devemos deixar irritar por palavras, a oposição entre *pragmática e dogmática* é sem dúvida mais complexa do que se faz supor sentença moral de Epíteto. Ela lembra a força peculiar às palavras, sem as quais o fazer e o sofrer humano não se experimentam nem tampouco se transmitem. A frase de Epíteto faz parte da antiga tradição que se ocupa, há muito tempo, da relação entre as palavras e as coisas, entre o espírito e vida, entre consciência e linguagem e mundo. Mesmo aquele que admite a relação entre história dos conceitos e história social não pode se esquivar do peso da influência dessa tradição. [...]

³ CARR, Edward Hallet. **O Que é História?** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

⁴ GINZBURG, C. **O fio e os rastros**. Companhia das Letras, SP, 2007.

Michel de Certeau demonstra que o próprio significado da palavra historiografia, carrega consigo um paradoxo, ou seja, o relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso.⁵ Podemos afirmar que, grosso modo, a história nos direciona ao passado, e este nos remete à memória. No instante em que há separação da concepção positivista/cientificista da história, os historiadores passaram a analisar fontes outrora “renegadas”. Assumiram, então, escolhas e subjetividades, sem invalidar, contudo, o fazer historiográfico.

Antinomias como objetividade x subjetividade, história x ficção remetem-nos a questões sobre as relações história e memória, mas essas fronteiras tem sido minimizadas. Carlo Ginzburg é um paradigma nessa percepção da história ao ponderar para o fato de que, embora uma fonte não seja “objetiva”, não significa que não possa ser utilizada. Ele usa metáfora para discorrer e refletir sobre a questão: “*A contigüidade entre ficção e história faz pensar naqueles quadros de Magritte em que estão representados, lado a lado, uma paisagem e seu reflexo num espelho quebrado*” (GINZBURG, 2007, p.11).

Antes de Ginzburg pensar a história como metáfora de uma imagem e seu reflexo, para Siegfried Kracauer⁶, no início do século XX, assim como a câmara fotográfica não poderia ser vista como um espelho que reflete a realidade retratada, o mesmo valia para a história, pois “*de fato não há, absolutamente, nenhum espelho*”. Quanto à História, Kracauer (2005) salientou que o conhecimento histórico coloca muito mais em jogo a subjetividade do que o conhecimento estritamente científico. Tal se deve ao fato que “*em universos diferentes, as capacidades formadoras do pesquisador se encontram evocadas da maneiras muito diversas*” (KRACAUER, 2005, p.121).

Em decorrência da indagação metodológica acerca do posicionamento do historiador diante de seu objeto ele constata a inutilidade da busca de uma história objetiva, isenta da do olhar subjetivo. Como base a metáfora do espelho o historiador tem, como instrumento de reflexão, imagens multifacetadas. A história não obedece a critérios estanques tampouco a comprovações. Ginzburg afirma que o ofício do historiador se liga a “*destrinchar entrelaçamento do verdadeiro falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo.*”

As análises feitas até o momento se valem de noção de imagem e de reflexos para problematizar a história e aplicadas ao gênero documentário. Afinal, nosso objetivo nesta dissertação é analisar, como as narrativas dos ex-combatentes e civis, no que

⁵ CERTEAU. 2008, p.11

⁶ KRACAUER. 2005.

diz respeito a seu sofrimento na batalha de Stalingrado, são articuladas no documentário “*Stalingrad*”.

Entendemos que esta ele fomenta a sensibilidade e que, por isso, dirige-se ao espectador pela percepção e nos auxilia a ampliar os olhares sobre o documentário, que deixa de ser o reservatório dos vestígios do real, para se caracterizar como interpretação de uma “realidade”. Como prática cinematográfica, ele também nos acessa a “um mundo” que, por mais que se refira diretamente ao “mundo histórico”, também é a visão do diretor a respeito deste mesmo “mundo” (CARROL, 2005).

Porém, este gênero fílmico não deve ser reduzido à mera falsidade, inverdade, mas inserido no sentido de construir, do fazer artístico que tanto é executar como inventar, ou seja, seu processo compreende objetividade e subjetividade intrínsecas. Portanto, é necessário questionar que experiência estética nos oferece o filme documentário, quais elementos compõem o olho da história no seu “fazer artístico” que oferecerem a melhor compreensão das proposições postas para a sociedade.

Entendo que o exercício da história e o fazer do documentário, relacionam-se na noção de “documento”, consciente de que ambos têm forte carga de subjetividade. Para Manuela Penafria⁷ é desnecessário propor nova designação para “documentário” como o fez Noel Carroll⁸ que sugeriu alteração para “filme de asserção pressuposta” com o intuito de amenizar a ambigüidade que do termo. Para além da mera alteração de nome, defendo a maneira de “olhar” o documentário, como proponho com “*Stalingrad*”.

Quanto ao documentário, na elaboração de argumentos, historiador e documentarista dispõem de múltiplos recursos: personagens, fontes orais, documentos e imagens, arquivos. Esses suportes passam por critérios de seleção, supressões, tendências, conceitos, etc. Pierre Nora afirma que a memória dita enquanto a história escreve; com as novas tecnologias de captação de entrevistas, a escrita da história vai além do papel e chega a monitores de ilhas de edição e écrans cinematográficos. O apelo ao realismo da imagem e a sedução do testemunho, coloca o historiador frente a certos impasses.

Nessa relação complexa - a história, o filme documental e a questão vinculada ao testemunho, Primo Levi, em “*Os afogados e os sobreviventes*”, parte de sua experiência no campo de concentração e atenta para a ação do tempo nas evocações do passado: “*As recordações que jazem em nós não estão escritas na pedra; não tendem a*

⁷ PENAFRIA. 2011, p. 337-358.

⁸ CARROL. 2005, p.69-104.

apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam, aumentam, incorporando elementos estranhos” (LEVI, 1990, p.9).

François Hartog⁹ ressalta que, na década de 1980, aumentou o interesse pelo testemunho que influi em diversos suportes: transcritos e reescritos, gravados e filmados. No instante em que o vivido ganha importância, o testemunho, segundo Hartog, ganha caráter de portador da memória, por outro gera risco recorrente, uma: *“confusão entre autenticidade e verdade, ou pior, de uma identificação da segunda com a primeira, já que a distância entre a veracidade e a fiabilidade de uma parte, a verdade e a prova de outra, deveria ser mantida”* (HARTOG, 2006, p. 192).

Observamos que a veracidade e a fiabilidade estão presentes na história e em sua forma de expressão, ou seja, a narrativa escrita. Somos “possuídos” pela sedução das imagens, por consequência, há uma memória visual desenvolvida. Michel Pollak notou que essa produção relacionada à memória visual deveria ser mais bem trabalhada por parte dos historiadores:

Tenho a impressão de que há como que uma memória visual que é reconstruída. Mas em termos de pesquisa, não temos nada a esse respeito. Só posso me referir aos trabalhos de Nora sobre a integração dos lugares da memória e sobre os símbolos e imagens que se formam a partir dos monumentos (POLLAK, 1992, p. 204).

O grande diferencial do documentário é o seu forte apelo à imagem como possibilidade narrativa, esse gênero cinematográfico assim como a história indicam negociações ao lidarem com depoimentos e documentos, aproximam e estabelecem questões comuns, principalmente quanto a temas: “real/ficção”. Considero que a afirmação de Le Goff sobre documento também é aplicável ao documentário:

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio (LE GOFF, 1996, p.574).

⁹ HARTOG. 2006, p.193.

Nessa reflexão de Le Goff em relação ao documento, Edgar Morin questionou o estatuto de verdade atribuído ao *cinema vérité*¹⁰, alertando para “ousadia” de falar de uma “verdade” já que a mesma foi “escolhida, editada, provocada, orientada, deformada”.¹¹ A evidência da subjetividade coloca em pauta a tênue divisa entre as narrativas históricas e de ficção. Ginzburg extrapola as contraposições e afirma que do ponto de vista histórico, não existe nenhuma diferença entre “*uma afirmação falsa, uma afirmação verdadeira e uma inventada*”. Le Goff parte da idéia de que todo documento é uma mentira:

Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo [...] um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos monumentos (LE GOFF, 1996, 474).

No tocante à fonte “*Stalingrad*” podemos relacioná-la tanto ao viés que circundam o campo da pesquisa histórica como o da produção documentária e, assim, observar a visão dos idealizadores sobre a Batalha na produção desse filme. O foco de nossa pesquisa por tanto é analisar mediante o documentário, e as relações que circundam essa produção e o campo da teoria da História. Como também mostrar a importância dessa produção no que diz respeito à memória e o esquecimento, uma vez que essa produção através dos depoimentos leva o espectador a conhecer um passado silenciado por décadas.

Esse documentário foi produzido em 2003 pelos diretores Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt e transmitida no ano de 2006 em rede aberta na televisão estatal alemã *Hessischer Rundfunk*, afiliada à rede nacional ARD. Seus idealizadores visavam a contar a Batalha de Stalingrado a partir das narrativas dos sobreviventes. Os diretores dividiram o documentário em três partes “O Ataque”, “O Cerco” e o “Caldeirão do Inferno”; tudo somado, são mais de três horas de duração. Essa produção foi toda realizada em estúdio, onde as imagens do passado junto aos depoimentos funcionam como resíduo de memória.

Às imagens da época do combate juntam-se aos depoimentos conforme ênfase dada pelo diretor em determinados pontos; verificam-se também fotos do arquivo

¹⁰ É um termo, referindo-se a um estilo de documentário, inventado por Jean Rouch, inspirado por Dziga Vertov teoria sobre o Kino-Pravda e influenciado por Robert Flaherty filmes. Ele combina a improvisação com a câmera para desvendar a verdade ou destacar assuntos escondidos atrás da realidade. Às vezes é chamado cinema de observação quando entendido como cinema direto principalmente sem um narrador de voz-over. Há diferenças sutis, mas importantes, entre os termos que expressam conceitos. Cinema Direto está preocupado com a gravação de eventos em que o sujeito e o público desconhece a presença da câmera: operação dentro do que Bill Nichols, historiador americano e teórico do documentário, chama de “modo observacional”, uma mosca na parede. Pois muitos vêem um paradoxo em chamar a atenção para longe da presença da câmera e, simultaneamente, interferir menos na realidade que ele registra ao tentar descobrir uma verdade cinematográfica.

¹¹ MORIN. 2008, p.45

peçoal de muitos dos sobreviventes. Em nenhum momento a voz do diretor questiona os depoentes - alemães militares e soviéticos civis e militares falam abertamente sobre experiências e traumas.

Após destacar pontos da relação do documentário com a pesquisa histórica, apresentamos algumas questões pertinentes sobre a historiografia escrita sobre a Segunda Guerra Mundial. Mais de sessenta anos se passaram desde o término do conflito e muitos afirmam que suas linhas gerais foram estabelecidas há tempos. Inúmeros livros foram publicados sobre o tema, milhares de filmes produzidos, retratando aspectos dos acontecimentos militares e das provações civis. Incontáveis memórias de participantes, grandes e pequenos, foram compiladas, principalmente após o fim da Guerra Fria. Centenas de monumentos grandiosos e vários museus foram erguidos para manter viva a memória da guerra. Poder-se-ia julgar que nada há de novo a acrescentar e pensar assim até perceber o que tudo o que é dito ou, mas também silenciado.

Realmente o que chama atenção são as abordagens que cada nação vencedora apresenta assim como celebra o fim da guerra. Em 2005, nos Estados Unidos, por exemplo, um esplêndido memorial da Segunda Guerra Mundial foi inaugurado em Washington DC, ao lado do Parque do Obelisco da cidade, próximo ao Museu do Holocausto. Lá os visitantes são convidados a conhecer as fontes e a ver o vasto número de inscrições e nobres citações esculpidas. Chama-lhes a atenção as palavras inscritas acima do portão: de um lado constam “Pacífico”; no lado oposto, “Atlântico” e, o mais interessante, com a seguinte inscrição sobre o período: “Segunda Guerra Mundial, 1941-1945.”

Esse memorial revela que os cidadãos estadunidenses têm sido ensinados a pensar que a Segunda Guerra começou em 1941, ano, quando os Estados Unidos entraram no conflito. Europeus que se depararem com esse monumento ficarão perplexos, e afirmarão que o conflito não começou em 1941, mas sim em 1939; entretanto, para os espanhóis, por exemplo, iniciou-se em 1936, na Guerra Civil entre franquistas e republicanos.¹²

A história nos remete ao passado, mas também pode apagá-lo. Guerras duradouras, truculentas e difíceis são travadas ao redor do mundo em torno de motivos

¹² TAYLOR. 1979, p.330. [...] Em julho de 1914, todas as grandes potências estavam em paz, e um mês depois, no início de agosto de 1914, houve uma explosão, e estavam todas em guerra. Podemos realmente descrever esse acontecimento em termos de uma semana, ou de mês no máximo, [...] Mas exatamente quando a II Guerra Mundial se tornou Mundial? E quando, na verdade se tornou uma guerra. Suponhamos que uma declaração de guerra possa ser o indicio de que o conflito mundial havia começado - nesse caso, teríamos de remontar a 1932, quando Mao Tse-tung e Chu Teh declaram guerra ao Japão, em nome do soviète de Kiangsi. Para os abissínios, a guerra começou em 1935. Para os republicanos espanhóis, ela teve início em 1936. Para os tchecos, embora tenham sido derrotados sem hostilidades práticas, a guerra começou em 1938. Para os ingleses, creio que começou a três de setembro de 1939.

omitidos ou subestimados pela história pelo que deveria fazer parte dela. Quando as pessoas enfatizam a necessidade de uma história “apropriada” - o que fazem com frequência - na verdade, referem-se à história que elas gostariam de ler, ouvir e ver. Livros didáticos e acadêmicos, cursos universitários, filmes, memoriais de guerra, galerias de arte e museus têm aberto debates que tratam mais do presente e de seus interesses imediatos, do que da história. Educar as gerações e nelas instilar nelas visões e valores convenientes seria primordial para sociedades. O fato de muitos países, sobretudo os ocidentais, terem recebido grandes levas de imigrantes, enfatizou ainda mais essa questão (MACMILLIAN, 2010).

Na Polônia, em diversas ocasiões foram prestadas solenidades (mais diretamente Auschwitz) para celebrar sua libertação pelo Exército Vermelho, ao final da guerra pois, em 1939, a URSS fora conveniente com a ocupação do país pelos nazistas. Nestas celebrações, é comum estarem presentes os principais chefes de Estado do mundo, representantes de minorias perseguidas pelo partido nazista, além da congregação de ex-prisioneiros representada por várias etnias. As palavras que mais se ouvem em discursos proferidos, por aqueles que se incumbem de tal função são: “nunca mais”, “libertação”, “triunfo sobre o mal”, mas: *“enquanto Auschwitz era libertada, outros ex-campos de concentração nazistas eram usados pelas forças de segurança soviéticas para encarcerar uma nova leva de prisioneiros. Dominados pelo emocionante conceito de libertação”* (DAVIES, 2009, p.14).

Assim, a história sobre a Segunda Guerra foi escrita sob a égide dos vencedores, ou melhor, dos que evocavam a si o direito de se proclamarem os “grandes heróis” da humanidade, redentores que livraram o mundo do nazi-fascismo. Após o fim do conflito, a historiografia oficial apresentou os EUA como os libertadores da guerra; a URSS, apesar de não receber o mesmo mérito, também foi considerada por parte dos historiadores ocidentais.

Por outro lado, até a queda do muro de Berlim, o regime soviético encobriu do mundo suas inúmeras atrocidades cometidas contra os povos do leste europeu e, também da Alemanha Oriental. Ao invadirem a Alemanha e os países aliados, tropas soviéticas sumariamente assassinaram civis; mulheres, dos oito aos oitenta anos sofreram violência sexual.¹³ A respeito dessa guerra na Europa¹⁴, raros historiadores conseguiram conciliar as

¹³ JUDT. 2010, p.33-34. As principais vítimas eram os homens adultos e mulheres de qualquer idade. Em Viena, segundo os registros de clínicas médicas, 87 mil mulheres foram estupradas por soldados soviéticos nas três semanas subseqüentes a chegada do Exército Vermelho na cidade. Em Berlim, ocorreu um número ligeiramente mais elevado de estupros de mulheres durante a marcha soviética que ocupou a cidade, a maioria dos casos acontecendo na semana do dia 2 a 7 de maio, logo antes da rendição alemã. Ambas as estatísticas, são certamente modestas e não incluem os ataques a mulheres cometidos em vilarejos e cidades localizadas na rota das forças soviéticas durante a marcha pela Áustria através da Polônia até a Alemanha. [...]

perspectivas contraditórias existentes. Há uma visão ocidental, inspirada pela ação dos aliados ocidentais e outra visão soviética, inspirada pela soviética.

Ocidentais que escrevem no rastro de memórias oficiais, como as de Churchill, até reconhecem, a bravura do Exército Vermelho, mas são incapazes de comparar o seu desempenho com o das forças de seus próprios países. Similarmente, os defensores soviéticos e pós-soviéticos, apesar de conscientes das supremas conquistas militares do regime de Stálin, têm grande aversão em divulgar seu passado criminoso.

Nesta perspectiva, o desfecho da guerra foi ambíguo, pois, na Europa do Leste houve apenas a substituição de um regime autoritário por outro, situação que Churchill cunhou com a expressão “cortina de ferro” para designar a nova realidade daquela região. A vitória dos Aliados, por sua vez, ficou comprometida em termos morais pela sua associação com o regime estalinista. Afinal, para muitas nações a libertação da opressão nazifascista de 1945, significou somente mudança de regime pois representou mais quase meio século de opressão totalitária. Foi o triste caso da Polônia que, apesar de ter lutado com os aliados ocidentais, foi abandonada por eles, principalmente por Londres, e, durante dezenas de anos sofreu sob a opressão de Moscou.

[...]. Depois de 1945 esqueceu-se com a maior rapidez possível a experiência da Nova Ordem do fascismo (e de seu efêmero fascínio). A municipalização de Bolonha fundiu uma estatua eqüestre de Mussolini e com bronze esculpiu um nobre par de *partigiani*; a França canonizou a lembrança de uma oposição coesa a Vichy, enquanto a Áustria descaradamente explorou sua condição de primeira vítima de Hitler e construiu memoriais aos antinazistas que “lutaram pela liberdade austríaca”. Esses foram os mitos de fundação de uma Europa libertada da história; eles apagaram lembranças incômodas e afirmam o triunfo inevitável da liberdade. Para manter intacto um sentimento de superioridade civilizacional européia, também foi preciso redesenhar incessantemente fronteiras mentais. A chamada “comunidade européia” implicitamente ignorou a metade do continente: a Europa do pós-guerra se equiparou ao ocidente. Desalentados, os europeus do Leste se convenceram de que compunham a “Europa Central” e, assim, distanciavam-se dos bárbaros. O hábito ainda persiste: um ilustre historiador britânico recentemente descreveu a guerra na Bósnia como “um conflito primitivo, tribal, que só antropólogos conseguem compreender”, preferindo ver a Iugoslávia como parte do selvagem terceiro mundo a aceitar que a Europa contemporânea pudesse contaminar-se. Parece que nem mesmo o recorde de mortes no século XX diminuiu, até o momento, a capacidade de iludir-se dos europeus (MAZOWER, 2001, p.38).

Do pós-guerra até o início da década de noventa do século passado, a historiografia se ateve mais em pesquisar os porquês da derrota alemã e como foi possível a vitória dos aliados, vinculada em grande parte à abordagem estratégico-militar, em que o lado humano era

¹⁴ MAZOWER. 2001. p.38 [...] a utopia nazista de um império alemão dinâmico e purificado do ponto de vista racial precisava de uma guerra para concretizar-se. Essa utopia era também uma horripilante revelação do potencial destrutivo da civilização européia – virando o imperialismo de ponta cabeça e tratando os europeus do leste como africanos.

relegado e irrelevante. Somente certos conflitos foram relevados, como o “Dia D”, em que tropas aliadas, junto ao exército norte-americano desembarcaram na Normandia, rumo à reconquista da França ocupada, posto que a República de Vichy era pró-Hitler. Mas quem de fato ocupou Berlim, Budapeste, Bratislava e Viena foram os militares soviéticos, portanto, eles é que ditaram a vitória sobre o Eixo. Fato é que todas as batalhas são importantes, pois vidas foram postas em jogo em busca de interesses convenientes aos governantes.

A partir dessas considerações, entendemos que a Batalha de Stalingrado abre espaço para abordá-la não do ponto de vista estratégico militar, mas sim humanitário, como expõe Eric Hobsbawm (1997) numa história vista de baixo. Não pretendemos distinguir entre o certo ou do errado; menos ainda, aliar-se a uma das nações envolvidas. Afinal, até certo período, a historiografia vinculada à narrativa tradicional levou a conclusões precipitadas com “alto foco sobre a liderança” e sua “redução dos soldados a peões”, mas que precisa ser superada. A dificuldade de se fazer isso pode ser ilustrada pelo caso do estudo de Cornelius Ryan sobre o Dia D.¹⁵

Para tanto, avaliamos como as narrativas de ex-combatentes e de civis foram produzidas no documentário - *Stalingrad; Alemanha, 2006* -, ou seja, na perspectiva da memória “em combate” contra o esquecimento e a denegação. As idéias de Walter Benjamin sobre memória e experiência e de Pierre Nora sobre lugares de memória, encaixam-se nos conceitos que permeiam esse tipo de produção e na finalidade desse gênero fílmico que compartilha a experiência de certas pessoas nestes difíceis momentos de suas vidas.

Documentário é um abrigo de memórias e traços, da memória viva da “imagem do passado” quando ele assume a conotação de uma atividade de luto. Ou seja, a sua função se assemelha a da história, a de não permitir que estes rastros do passado se apaguem, desapareçam, sejam esquecidos. O filme documentário nos lembra aquilo que gostaríamos de ter esquecido. Esperamos que o fascínio e a prática que o documentário exerce em seus realizadores, não decorra de ideais vazios como o “registrar a vida como ela é”, “ter acesso à Verdade”, “ser imparcial e objetivo” - máximas que atribuem ao gênero à capacidade de refletir, como um espelho, a realidade. Entretanto, elas camuflam todo filme que é produto de um encontro social sujeito a interpretações ou pontos de vista do cineasta. Mas o que importa mesmo, é que o documentário seja uma atividade experimental, inventiva e de vanguarda.¹⁶

¹⁵ Ver: CORNELIUS, Ryan. **O Mais Longo dos Dias**. São Paulo. Ed: Lp&M Pocket.2004. Ryan escreve sobre a guerra do soldado, em vez daquela do General. O livro é a extensão de seu trabalho como correspondente de guerra: suas fontes são, sobretudo orais e transmite bem o “sentimento” da batalha de ambos os lados. É vivo e dramático na verdade, como um drama clássico organizado em torno de três “unidades”: de lugar (a Normandia), de tempo (seis de junho 1944) e de ação. Por outro lado, a narrativa é fragmentado em discretos episódios. A experiência dos diferentes participantes não tem coerência; seria necessário.

¹⁶TOMAIN, Cássio 2009, p.54.

CAPÍTULO I

TEORIA, MEMÓRIA E DOCUMENTÁRIO

1.1 REFLEXÕES SOBRE PRESENTE E PASSADO

Temas abordados por Hannah Arendt como também por demais autores contemporâneos¹⁷ revelam sentimento de desconforto em relação aos acontecimentos que estudam. Arendt reflete sobre o mundo construído sobre o pilar de conceitos forjados pela era moderna cuja principal característica foi à quebra da tradição filosófica anterior, ao fundamentar a redefinição de conceitos primordiais tais como os de ação, história e liberdade.

A ação humana é uma das temáticas centrais do pensamento político de Arendt. E nesse, as concepções gregas compõem um dos suportes teóricos, que incluem, além dos filósofos, os políticos, os oradores, os poetas, assim como a mitologia e a cultura grega. Apesar dela não se demorar, explicando, as apreensões que deles fez, ela os cita adequando-os à própria exposição. Assim, aproximar as duas temáticas, a referente à ação humana daquela relativa aos referenciais gregos, permite ampliação dos horizontes teóricos que fundamentam o pensar da autora, assim como esclarece sua compreensão, tanto dos conceitos que utiliza, quanto dos escritos antigos.

Arendt distingue entre a vida ativa e a vida contemplativa ao afirmar que a vida ativa deve ser valorizada e equiparada, em importância humana, à contemplativa. A vida ativa é de labor (com a tarefa de manter a vida biológica), trabalho (o qual é responsável pela fabricação de instrumentos que formam o entorno, o mundo humano) e ação. A ação, então, é aquela que constrói ou mesmo desestrutura as comunidades humanas. Ao mesmo tempo ela singulariza os homens. Essa conjunção permite a existência da História. Porém, não é a ação cotidiana e repetitiva que Arendt enfoca em seu pensamento. Ela valoriza as ações que interrompem a rotina e o desenrolar “normal” da vida humana iniciando algo novo, distinto do processo que se delineava e gerando o inédito.

No ensaio “*O Conceito de História Antigo-Moderno*”, (à frente no texto apontaremos as idéias desta autora em relação ao conceito de História), ressaltar está filósofa que os deuses e a natureza são imortais, enquanto que os seres humanos não o são, ao menos individualmente. Os deuses e a natureza, pelo seu estatuto, possuem um tempo cíclico. O homem, por sua vez, e tomado em sua vida singular, vive em um tempo linear. Este tempo

¹⁷ Autores como Jean Paul Sartre, Albert Camus, Primo Levi, dentre outros que faziam parte de diferentes áreas como História, Literatura, Política e Filosofia apresentam essa sensação de desconforto.

linear “toca”, ou melhor, “corta” por várias vezes a linha circular de tempo biológico, natural e cíclico, através de atitudes que o ser humano, em conjunto ou mesmo sozinho, engendra. Isto é, a ação humana torna o “tempo” não circular, mas linear, não repetitivo, pois as atividades humanas (voluntárias) que são violentas do ponto de vista da natureza. Além dessas ações há aquelas que, segundo Arendt, referem-se à possibilidade dos homens “fazerem” história através de atos diferentes daqueles do ciclo natural.

A redefinição desses conceitos influenciou e influencia até hoje a maneira como os homens olham o mundo e agem sobre nele. Arendt se propõe a estabelecer uma reflexão sobre as implicações desse afastamento da tradição, e, sobretudo a respeito da situação contemporânea dos negócios humanos, o que permite um entendimento mais profundo da realidade humana atual e da maneira como o homem compreende a si mesmo.

Acontecimentos relevantes do século XX como a ascensão das ideologias fascista, nazista e comunista, e o uso da ciência e tecnologia contra o homem geram certa insegurança em relação ao presente. Mediante o conceito de ação, forjado na era moderna criou-se a idéia de que no futuro, por essa ação seriam melhores a ponto de permitir preservar o ser humano em sua universalidade por meio do reconhecimento entre todos os indivíduos. Quando as conseqüências de um mundo projetado são construídas pela ação e pelo trabalho têm a *Shoah* como exemplo, questionou-se e problematizou-se tal experiência. Essa ação sobre vítimas fatais e inocentes provocou hesitação tamanha a ponto de alterar o olhar do homem e suas expectativas em relação ao futuro.

[...]. Essa pelo menos parece ser a lição da tardia colheita de pensamento formalista e compulsória, no século xx, que veio depois que Kierkegaard, Marx e Nietzsche desafiaram os pressupostos básicos da religião tradicional, do pensamento político tradicional e da metafísica tradicional invertendo conscientemente a hierarquia tradicional dos conceitos. Contudo, nem as conseqüências no século xx nem a rebelião do século XIX contra a tradição provocaram efetivamente a quebra em nossa história. Esta brotou de um caos de perplexidades de massa no palco político e de opiniões de massa na esfera espiritual que os movimentos totalitários, através do terror da ideologia, cristalizaram em nova forma de governo e dominação. A dominação totalitária ser compreendida mediante as categorias usuais do pensamento político e cujos “crimes” não podem ser julgados por padrões morais tradicionais ou punidos dentro do quadro de referencia legal de nossa civilização, quebrou a continuidade da História Ocidental [...] (ARENDR, 2001, p. 54).

Em sua concepção, padrões morais e categorias políticas que compunham a continuidade histórica, desde a tradição ocidental se tornaram obsoletos, não só para oferecer regras para a ação¹⁸ também para estabelecer a realidade histórica e os

¹⁸ ARENDR. 2001, p.34. [...] historicamente, contudo, esse estágio no desenvolvimento do pensamento moderno foi procedido, pelo menos no século XX, não por um, mas por dois atos anteriores. Antes que a geração de René Char, por nós escolhido como seu representante, se visse arrancada de suas ocupações literárias para os

acontecimentos que acabaram por criar o mundo moderno. A questão de Arendt relativa à contemporaneidade causada pela quebra com a tradição implica em pensar e repensar conceitos como antigo e moderno; portanto o conceito de ação e a relação temporal entre passado, presente e futuro. A quebra em relação à tradição e a conseqüente resignificação do conceito de história permitiu a ação utilitária característica da era moderna que, gerou graves conseqüências. Essa ruptura é primordial para o advento da contemporaneidade, pois os mundos criados pela luz da época moderna se mostraram fantasiosos, mesmo com base na objetividade, determinadas pelo principio de meios e fins.

O problema, contudo, reside no fato de não parecermos estar nem equipados nem preparados para esta atividade de pensar, de nos estabelecermos nesse hiato entre passado e futuro. Durante períodos muito longos da nossa história, na verdade, durante os milhares de anos que se seguiram à fundação de Roma e que foram determinados pelos conceitos romanos, esse hiato foi vencido pela ponte daquilo que, graças aos romanos, denominamos tradição. Que esta tradição se foi desgastando mais e mais à medida que avançamos pela Idade moderna não é segredo para ninguém. Quando o fio da tradição por fim se rompeu, o hiato entre o passado e o futuro deixou de ser uma condição própria apenas da atividade de pensar e uma experiência restrita àqueles poucos que faziam do pensamento a sua atividade fundamental, para se converter numa realidade tangível e numa fonte de perplexidade comum: ou seja, tornou-se um fato de relevância política. (ARENDR, 2001p. 40).

Em relação a essa ação utilitária e suas conseqüências que o homem, fora da ação para refletir sobre ela, deu-se conta das catástrofes provocadas e de que se encontra em um mundo muito perplexo. O essencial é que mediante essa atitude, tudo se torna possível, fazendo com que antigos eventos, fatos e feitos extraordinários cada qual com a sua singularidade em relação aos outros, não encontrem seu lugar. Desse modo, Arendt relaciona a concepção de história antiga e moderna para melhor entender o conceito moderno de história, vinculado à crise do mundo moderno tratado acima. Partiremos para a sua análise relacionada à concepção de história antiga e moderna, para obtermos melhor entendimento sobre o conceito moderno de história, que está vinculado a crise do mundo moderno tratado nos parágrafos anteriores.

compromissos da ação, outra geração, apenas um pouco mais velha, voltara-se para a política como solução de perplexidades filosóficas e tentara escapar do pensamento para a ação. Foi essa geração que, mais tarde se tornou porta voz e criadora do que ela mesma chamou de existencialismo, pois o existencialismo, ao menos na sua versão francesa, é basicamente uma fuga dos impasses da filosofia moderna para o compromisso incondicional com a ação. E como, sob as circunstâncias d século xx, os chamados intelectuais-escritores, pensadores, artistas, literatos etc. só puderam ter acesso á vida pública em tempos de revolução, a revolução, veio a desempenhar, conforme Mahaux observou certa vez em A Condição Humana), “ o papel outrora desempenhado pela vida eterna” [...].

A autora iniciou sua caracterização de história tendo como pressuposto o mundo antigo¹⁹ a princípio, suas considerações se assentam em duas questões: mortalidade e imortalidade. Em vista que homens e mulheres são seres mortais, nascidos em um mundo que existia e que continuará a existir após o fim do ciclo de vida de cada um, a humanidade anseia pela imortalidade. Essa ânsia advém da vontade de se fazer eterno, mesmo ciente de que homens e mulheres são mortais.

Todas as coisas que devem sua existência aos homens, tais como obras, feitos e palavras, são perecíveis, como que contaminados com a mortalidade de seus autores. Contudo, se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua permissibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade e aí estaria em casa, e os próprios mortais encontrariam seu lugar no cosmos onde todas as coisas são imortais exceto os homens. A capacidade humana para realizá-lo era a recordação, Mnemosine, considerada, portanto, como mãe de todas as demais musas [...] (ARENDR, 2001p. 63).

É por esse viés de atingir a imortalidade, que a humanidade lançou mão do uso dos elementos imortais, oriundos da natureza, ou seja, do mundo, para assegurar a sua imortalidade. Então, qual é a contribuição de Arendt sobre a mortalidade e imortalidade, possibilitando assim, pensarmos o objeto de estudo da história, bem como o ofício do historiador? Para ela, o objeto de estudo do historiador é o fato singular, pois ele consegue romper com toda a cadeia de fatos edificada por homens e mulheres e que até então, permanecia em vigor. Mas esse processo é rompido através da corrente subterrânea da história que, por intermédio da natalidade, trás consigo a possibilidade de experimentação de algo novo que até não havia ocorrido antes. Esse desconhecido é a possibilidade de realização de novos feitos os quais revelam o seu esmagamento em face ao processo anterior.

Contudo, se o objeto de estudo do historiador é a identificação do novo, posto que garanta a imortalidade do homem no mundo por meio do resgate de suas ações empreendidas no espaço público, engolfadas pela história, então, conclui-se que o ofício do historiador é captar do evento singular o que é único para que se possa garantir a sua

¹⁹ ARENDR, 2007, p.45. Faz uma consideração importante entre a concepção de história antiga pauta, na idéia de que [...]. Nem mortalidade do homem, nem a fragilidade dos assuntos humanos eram, contudo, argumentos contra a grandeza do homem ou contra a grandeza potencial das suas empresas. A glória, quer dizer a possibilidade de imortalidade especificamente humana, era devida a tudo o que revelasse grandeza. No seu sentido da grandeza dos feitos e acontecimentos humanos, os historiadores gregos, e Tucídides não menos do que Heródoto, eram descendentes de Homero e de Píndaro. Quando registravam o que devia ser salvo do esquecimento para a posteridade devido a sua grandeza, não se preocupavam com a atenção que o historiador põe na explicação e na apresentação de um fluxo contínuo de acontecimentos. Como os poetas, narravam as suas histórias por mor da glória humana: sob este aspecto, a poesia e a história têm ainda essencialmente o mesmo tema, nomeadamente as ações dos homens que determinam as suas vidas e nas quais reside a sua boa ou má fortuna.

imortalidade. Por isso, Arendt convida o historiador a se deter quando estiver envolvido com as interpretações das ações humanas, ou seja, com a atividade investigativa dos fatos ao dado singular na história, tendo como horizonte a política. Isto porque a ação humana, excedida livremente nos espaços públicos, corrobora para imortalizar os grandes feitos humanos.

No mundo antigo a importância da história liga-se à tarefa de imortalizar o homem pelos seus feitos; é onde subjaz toda a importância da historiografia antiga, e sua razão de ser para a sociedade. A abordagem do passado serve como lição aos homens que a estudam. Na Grécia homérica a intenção dos registros históricos feitos por Homero, tinha como finalidade servir, como instrução e guia ao povo grego. O foco da historiografia antiga era a de exaltar a grandeza de seus atores e fatos registrados com a intenção principal de imortalizá-los. A história tinha uma relação estreita com o conceito de natureza, também imortal, mas com a diferença de que a imortalidade da natureza é parte do seu circuito natural, atrelada à idéia de tempo circular; já a dos homens precisa ser alcançada.

A moderna concepção de história funda-se numa visão linear e evolucionista de consumir a história e construir a sociedade. Hannah Arendt define a concepção moderna de história, atribuindo a ela a idéia de processo que reúne e sintetiza as histórias individuais em uma ordem objetiva e genérica. Na realidade, a idéia de processo toma conta da narrativa histórica moderna, dispensando o princípio da diversidade, presente no planejamento diário e aperfeiçoamento racional e progressivo de qualquer instituição. Processo se funde na idéia de progresso, essencial para a constituição da visão do passado que recusa a autoridade da tradição e junto com ela todos os valores que estejam em desacordo com a maneira moderna de se conduzir o mundo. A essa concepção de história progressiva e uniformizadora se compõem outras noções que recuperam a positividade do tempo passado mediante a descrição das tradições e experiências singulares de grupos sociais.

O termo *Historie* associado ao lugar da História Mestra da Vida e vigente com mais vigor durante o Renascimento vinculava-se à narrativa das diversas histórias que ensinavam como o homem deveria agir para conquistar a glória no espaço público. Servir como exemplo implicava na idéia de que os homens do presente reagiriam às situações de forma análoga aos do passado, o que evidenciava a crença em uma realidade humana mais estável, característica do período (KOSELLECK, 2007). No viés arendtiano o argumento utilizado por Koselleck pode ser relacionado ao fato de que até a modernidade a tradição filosófica dava conta da percepção da realidade vivida. Não é que não existem novidades, mas sim que as explicações para os eventos estavam em um quadro teórico de referência filosófica e propiciava para fazer surgir e acabar os fatos. Frente aos argumentos, o moderno conceito de

história advém de uma nova concepção de natureza. Na era moderna, a descoberta da história como uma nova ciência a seguir os padrões da ciência da natureza. Notamos a problemática da objetividade, científica do século XIX vinculado à imparcialidade. A imparcialidade homérica relaciona-se aos pressupostos de que as grandes coisas são auto-evidentes e brilham por si mesmas.

Para os antigos, essa grandeza era identificável com o que aspirava a imortalidade e inclui o desprezo por tudo que sobrevém e se extingue por toda a vida individual incluindo a própria. Na moderna discussão quanto à objetividade na ciência histórica encontra-se o fato de que nenhuma das condições quer da imparcialidade quer da objetividade estar presente na era moderna. Pelo fato de que na era cristã, diferentemente das antiguidades grega e latina, a relação entre vida e mundo era oposta. Na concepção sagrada cristã, o homem é o ser supremo sobre a terra.

A moderna idéia de história, estimulada pela dúvida acerca da realidade de um mundo exterior dado objetivamente a percepção humana como um objeto imutável, produziu como conseqüência a subjetividade, isto é, a sensação como mais real que o objeto sentido. Na busca pela verdade e pelo conhecimento, o homem não pode confiar nem na evidência dada aos sentidos, nem na verdade inata da mente e nem na luz interior da razão.

Para nosso conceito de história a versão positiva de subjetivismo teve conseqüências mais imediatas, pois, embora o homem parecesse incapaz de conhecer o mundo dado que ele não fez, devia ser capaz de conhecer ao menos aquilo que ele fez. Por isso, desde o século XVII, a preocupação dominante da investigação científica são processos focados mais no como (método) do que no o que (objeto). E nesse contexto a história emerge como o grande processo feito pelo homem, um processo global cuja existência deveu-se exclusivamente à raça humana. Nele ocorre a dissociação entre o concreto e o geral, entre o singular e o universal conferindo a seqüência temporal importância e dignidade que jamais tivera.

1.2 TRAUMA COLETIVO E INDIVIDUAL

A questão do trauma²⁰ se desenvolveu nas ciências humanas a partir do diálogo com a psicanálise, metaforicamente o termo se liga a uma ferida, na psicologia humana. A partir da década de setenta do século passado, historiadores, teóricos da literatura entre outros estudiosos passaram a trabalhar com “trauma”. Ressaltamos que o conceito é uma designação criada pelo homem moderno, por isso, devemos usá-lo com certa ressalva. Não devemos fazer uso livre desse termo, pois se adéqua a traumas históricos que nos fica fácil de compreender. Mas ao direcioná-lo a um passado distante cria-se certo desconforto.

Temos que o acontecimento traumático pode ser resultado de diferentes acontecimentos: catástrofes artificiais ou naturais, guerras, atentados, agressões num âmbito geral, abusos sexuais, acidentes individuais ou coletivos; ou seja, todas as experiências dolorosas que afetam o ser humano física ou/e psicologicamente.

Um evento pode ser compreendido e sentido como traumático por uma pessoa, já outra pode não percebê-lo assim, nem todos os indivíduos que passam por uma circunstancia traumática se tornam traumatizados. Segundo Márcio Seligmann Silva (2008), os traumas são coletivos, mas com componentes individuais, devendo-se articular ambos. Essa articulação se dá principalmente através dos testemunhos, seja de guerras, sobreviventes de campo de concentração, ou de ditaduras diversas. Esses testemunhos apresentam traumas individuais, que por sua vez servem como base para partir por um todo, e assim investigar a memória coletiva.

Por isso os traumas coletivos e individuais uma vez registrados na memória seja ela coletiva ou individual, será parte integrante de um passado sombrio de cada ser humano. Observa-se em um primeiro instante que há um silenciamento por parte da pessoa traumatizada, mesmo assim, há uma carência em narrar o trauma justamente para que a pessoa se levante das cinzas e volte às atividades cotidianas. Há também uma dificuldade de narrar o trauma ao fato do indivíduo traumatizado retornar a cena traumática, é justamente por

20 Essa terminologia criada por Freud se volta ao homem moderno que, ligada a uma série de outros conceitos que fazem parte dela, favorecem o entendimento das feridas psicológicas de certos grupos, por meio do trauma. No que diz respeito à pesquisa histórica, o coletivo têm um papel importante dentro das nossas objeções, frente aquilo que se tende a analisar. Na psicanálise o próprio Freud, têm vários estudos como “O Totem Tabu”, “O Moisés e o Monoteísmo” que tenta passar a teoria psicanalítica individual para a sociedade. Expirado no próprio Freud, esse fato também se dá nos estudos de traumas históricos. Paralelo a essa entronização de trauma nas ciências humanas, há uma abertura cada vez maior para a questão da memória. No século XIX, falava-se muito de história e historiografia, já no início do século XX, a memória começa principalmente com Walter Benjamin, um dos maiores teóricos do tema.

isso que se faz necessário uso da imaginação no testemunho, a “fantasia” propicia a memória esquecer o drama vivido.

Nos testemunhos da fonte estudada aqui, essa relação entre o individual e o coletivo se torna evidente. Quando determinado depoente narra as situações vivenciadas em Stalingrado sua fala evidencia marcas desse passado que ainda o assombra. Principalmente aquelas relacionadas à sobrevivência na cidade, essas trazem a tona marcas que ainda permanecem nítidas na lembrança dos sobreviventes.

A rigor, o trauma que o depoente carrega não pode ser pensado como algo isolado de caráter puramente individual. Em regimes autoritários a qual soviéticos e alemães vivenciaram, o teor de violência não se restringe a uma ou outra pessoa, mas sim a coletividade, que como um todo, deve ser vítima das atrocidades do sistema para que o modelo se sustente.²¹ Temos que o trauma coletivo é algo que caracteriza tal sociedade.

Logo o que se teria é uma história como trauma, ou seja, uma história cujos agentes são descritos a partir de sua condição de horror e perplexidade ao vivido. O processo de escrita dessa história se pautaria nas bases positivas, ao fato de não darem conta de toda essa carga de terror vivenciada. Teríamos então uma falsa projeção da realidade. Portanto o processo da escritura da história tal como ensina Benjamin (2012) calcado em ruínas, estilhaços de memória, fragmentos do passado, metáforas e elipses, corresponderia mais de perto ao vivido já que se aproxima de uma experiência de linguagem feita de orações inconclusas, de vocabulários extraviados, sintaxe desarmada. A deixar em suspenso as verdades completas e absolutas.

1.3 TESTEMUNHO

Consideramos a relação existente entre gênero documentário e a prática historiadora, e refletimos sobre a memória na produção de documentários. Com a incorporação da História Oral, onde novos métodos como o das histórias de vida, começaram a dar seus frutos,²² o interesse pelo vivido está ligado ao que vêm das profundezas da disciplina histórica, que ao fundir-se com as gravações sonoras e as imagens em movimentos, tomaria um novo impulso. Tanto para a história como para o cinema documental, os

²¹ É o caso de algumas crianças soviéticas que ao longo do combate em Stalingrado vieram a ajudar com informações militares alemãs. Assim que o regime soviético descobria essa traição por parte dos pequenos a sua pátria, eram sumariamente executados em lugares públicos, para que servissem de exemplo e, propagasse o medo na população para que não cometessem o mesmo erro.

²² GOFF. 1996, p.574

narradores são uma “fonte viva” que se mesclam a “verdade, vivido, adquirido e imaginário”.²³ Como nos lembra Alessandro Portelli a subjetividade presente no testemunho é uma “ambígua utopia da objetividade”.

Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais.[...] (PORTELLI, 1996,p.67).

Para além de conceitos como “verdade” ou “objetividade”, presentes no documentário, devemos considerar “*Stalingrad*” como um elemento que nos mostra a mentalidade dos envolvidos.²⁴ Pollack²⁵ salienta que “*a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros*”(POLLAK, 1992, p.209).

Desse modo, o testemunho têm como característica principal, ser um ato de sobrevivência. Nessa linha de pensamento afirmamos a princípio, que o mesmo é uma atividade elementar no sentido de que dela, depende a sobrevivência daquele que volta de uma situação radical de violência. Temos como resultado uma carência absoluta de narrar, por parte do depoente e de suas experiências após voltarem ao seu lar (SELIGMANN, 2008).

Ao vermos os depoimentos e analisarmos a fonte, logo percebemos a barreira entre o sobrevivente e os “outros” (são aqueles que não viveram a experiência de Stalingrado), principalmente quando se diz respeito aos soldados alemães retornados à Alemanha, em 1955, após anos aprisionados em trabalho forçado nos campos de aprisionamento. Este destaque, evidência o abismo entre o sobrevivente e os “outros”, que isolava aquele da vivência com seus demais companheiros de humanidade. Essa dificuldade em narrar suas experiências se liga ao choque que o soldado ou civil teve com a guerra. Principalmente desde a Grande Guerra explosões, tiros, bombas, mortes em massa criaram situações traumáticas;

²³ PORTELLI. 1996, p. 59-72.

²⁴ Documentários, apesar da designação remeter à objetividade, trazem em si alta carga de subjetividade, o mesmo se aplicando aos textos históricos, como bem ressaltou Marc Bloch: [...] até mesmo nos testemunhos mais resolutamente voluntários aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção. As Memórias de Saint-Simon ou as vidas dos santos da alta Idade Média nos interessam não tanto por suas referências aos dados concretos, volta e meia inventados, mas pela luz que lançam sobre a mentalidade de quem escreveu esses textos. Bloch, M. Apud in. GINZBURG, C. **O fio e os rastros**. Companhia das Letras, SP, 2007, p. 10. Documentário e história trazem questões concernentes ao “falso” e ao “verdadeiro”, noções que não devem ser contrapostas, mas sim nuançadas.

²⁵ POLLAK. 1992, p. 200 -212

[...]. a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. É cada vez mais freqüente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privada de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inclinável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 2012, p.214).

Por outro lado, a narrativa para quem viveu uma situação traumática como a de Stalingrado, seria como um “remédio”, que ajudaria a sanar a dor em suas memórias, e narrar o trauma, significa o anseio de renascer, o sobrevivente a sociedade. Fato é que no caso alemão, a população não desejava reviver ou escutar histórias ligadas ao período nazista em virtude do trauma coletivo sofrida por ela no pós-guerra, tudo que desejavam era esquecer aquela época:

[...] A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir da sobre-vida à vida. É claro que nunca a simbolização é integral e nunca esta introjeção é completa. Falando na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente. Na cena do trabalho do trauma nunca podemos contar com uma introjeção absoluta. Para o sobrevivente sempre restará este estranhamento do mundo advindo do fato de ele ter morado como que "do outro lado" do campo simbólico.[...] (SELIGMANN:2008,p.3).

Segundo Seligmann (2008) o estranhamento está ligado ao tema da irrealidade dos fatos vividos, e da conseqüente inverossimilhança dos mesmos e constitui-se fator importante das narrativas de traumas. O sobrevivente, como o tradutor, está submetido a um duplo vínculo. Ao traduzir deve também se submeter, ao mesmo tempo, sem esperanças de uma trégua entre a língua traduzida e a para a qual traduz, do mesmo modo que o sobrevivente de Stalingrado tenta conciliar as regras da verossimilhança ao universo concentracionário com as do “nosso mundo”.

Se não há vontade de escutar, sem o desejo de também portar aquele testemunho que se escuta, não existe testemunho que é, por excelência, singular, único, insubstituível. Sua singularidade absoluta relaciona-se com a de sua mensagem, pois anuncia algo excepcional.

[...] Por outro lado, é esta mesma singularidade que vai corroer sua relação com o simbólico. A linguagem é um constructo de generalidades, ela é feita de universais. O testemunho como evento singular desafia a linguagem e o ouvinte. Sabemos que a fragmentação do real, o colapso do testemunho do mundo, como vimos, emperra sua passagem e tradução para o simbólico. A conhecida literalidade da cena traumática - ou o achatamento de suas imagens, que vimos acima - trava a simbolização. Mas ao se reafirmar esta singularidade absoluta do testemunho barra-se a possibilidade de sua repetição [...] (SELIGMANN,2008,p.3).

Entendemos que o testemunho é por excelência fruto da memória. Se os estudos sobre testemunho, no seu sentido não mais religioso ou meramente jurídico, mas sim como uma busca de se ler na cultura as marcas das catástrofes do século XX que se desenvolveram nas últimas décadas, é porque ocorreu uma virada culturalista nas ciências humanas. A partir desta nova concepção, a memória passou a ocupar lugar de destaque, submetendo a historiografia quanto à escrita do passado. Nesse período, a historiografia se abriu aqui e ali aos discursos da memória, como nos trabalhos de história que fazem uso da história oral, ou nos que de estudo da imagem.²⁶

A técnica de conceder um depoimento na pesquisa histórica está vinculada à história oral enquanto o documentário se consagra como a essência do filme. Mesmo que os objetivos do historiador e do documentarista sejam análogos, ambos querem obter declarações sobre algum fato do qual o sujeito tenha tomado parte ou testemunhado.

No entanto, quando se faz o registro e a posterior análise do depoimento, deve-se levar em conta as disposições que o entrevistado quis manifestar por intermédio de suas declarações, pois o que emerge dos depoimentos não pode ser entendido nem como uma reprodução da realidade, nem como uma contrafação dela (SANTOS, 2008, p.19).

Ao contrário, trata-se de uma construção que cada indivíduo elabora a partir de uma realidade cognoscível e como os depoimentos acessam uma realidade demarcada pelas vivências de cada entrevistado. Tal situação manifesta-se na seletividade das experiências e dos espaços envolvidos nas lembranças narradas, que só podem ser interpretadas se relacionadas à vida do indivíduo entrevistado. Evidencia-se que a aprendizagem histórica é a própria consciência humana que vem em destaque nas narrativas, no ato de contar histórias. Que a torna uma forma coerente de comunicação e de tratar da identidade tanto do comunicador como do receptor que ocorre pelo fato das narrativas serem produtos da mente humana e, com seu auxílio as pessoas envolvem lugar e tempo de uma maneira aceitável por elas próprias. Rüsen afirma que:

[...] a narrativa histórica tem uma especificidade, a de que os acontecimentos articulados narrativamente são considerados como tendo ocorrido realmente no passado. Além disso, a coesão interna da narrativa é constituída como a representação temporal que está vinculada à experiência e como significativa para o auto-conhecimento e para a orientação dos sujeitos narradores (RÜSEN, 2001, p.155).

²⁶ SILVA, Márcio Seligmann. **Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100005

Por isso, o valor do testemunho não se encontra na sua capacidade de veracidade, como se fosse posto a prova em termos científicos. De acordo com Seligmann (2008) a base do testemunho consiste de uma ambigüidade: de um lado temos a necessidade de narrar o que foi vivido. De outro a percepção de que a linguagem é insuficiente para dar conta do que ocorreu. A identidade segura à voz da enunciação e faz da narração a busca de um sentido, que não foi antecipadamente definido. Relaciona-se a um discurso instável, híbrido em que os conflitos sociais são incorporados aos fundamentos expressivos.

Salientamos que o conceito de real pensado ao testemunho é problematizado, uma vez que não estamos diante de uma percepção de senso comum. A vítima do testemunho não vê apenas o que é trivialmente aceito o que merece testemunho em princípio, é caracterizado por uma excepcionalidade e exige ser relatado. O real é entendido como traumático, o testemunho fala e narra o nosso encontro com o real do trauma.

1.4 MEMÓRIA E DOCUMENTÁRIO

O campo da historiografia entende que a tarefa da memória deve ser compartilhada tanto em termos da memória individual e coletiva como também pelo registro da própria historiografia; afinal a memória nada mais é, do que a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual, que induz à representação seletiva do passado; não é somente a do indivíduo, mas sim dele imerso em contexto familiar, social e nacional. Conforme Henry Rousso seu atributo imediato é garantir a continuidade do tempo e *“permitir resistir à alteridade, ao tempo que muda as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e outros.”* (ROUSSO, 1998: 94-45)

A partir de Beatriz Sarlo²⁷ compreendesse que a memória é historicamente datada e moldada no tempo histórico e sempre reorganiza o passado, pautada em projeto

²⁷ SARLO, 2007. Sarlo aborda como se reconstituiu a história da ditadura militar e na memória que dela se tem pela voz de suas vítimas. No livro ela analisa a profusão de relatos, depoimentos e testemunhos surgidos nos anos de transição democrática, tanto na Argentina como em outros países latino-americanos e mostra como o testemunho em primeira pessoa foi fundamental para a reconstrução do passado graças aos relatos de ex-presos políticos, perseguidos e exilados. Mas esses atos de memória podem ser, alerta a autora, apenas uma versão e correm o risco de, no futuro, ter contestada sua validade como fonte histórica. Seu objetivo é evitar que a história transforme lendas em realidade. Fundamentando sua pesquisa em trabalhos teóricos sobre cultura e historiografia, que passa por Walter Benjamin e Giorgio Agamben, Jean Starobinski e Paul Ricoeur, Beatriz Sarlo dissecou a "virada subjetiva" que se seguiu ao renascimento do "eu", objeto de privilégios, e ampliado em sociedades que vivem a subjetividade não apenas em sua dimensão íntima, mas como manifestação pública.

individuais ou coletivos que garantem a inteligibilidade para um presente. Neste, as identidades mantêm em constante re-elaboração, em função dos conflitos entre o projeto pessoal com outros projetos individuais e coletivos.

Isto nos leva a compreender de que modo as circunstâncias em que se vive o presente implicam na modelação e remodelação da memória. Como a conjuntura do presente e, nela a posição ocupada por pessoas ou grupos, é favorável a algumas lembranças enquanto outras são esquecidas provocando nuances que tornam a memória um fenômeno dinâmico e fluido.

Fenômeno esse que, no documentário, evidencia-se pela fala dos sobreviventes, percebemos que suas histórias de vida revelam-se ricas em detalhes sobre a guerra e seus impactos, e que compartilham de uma mesma história vivida. Mas devemos considerar o lado positivo de se pesquisar a memória e investigar pelo documentário. Afinal, esses projetos participativos ajudam as pessoas a reconhecer e valorizar experiências antes silenciadas, ou ainda, a enfrentar aspectos difíceis e dolorosos de suas vidas.

Principalmente a memória nacional construída em cima da Batalha de Stalingrado, durante o período stalinista e posteriormente, a de um verdadeiro mito em que o povo soviético, graças à sua bravura e heroísmo, conseguiu derrotar a *Wehrmacht*. E o resultado é o forte sentimento nacional, do povo em torno dessa batalha e das idéias que direcionavam o partido soviético, durante e após 1945, ao fim da Guerra Fria. Em 2013 foi comemorado os setenta anos da sua vitória na Rússia e, mediante reportagens, nota-se, ainda hoje, a importância do fato na memória coletiva dessa nação.

Pollak alerta para a problemática desta construção da memória nacional ou oficial e sua contribuição nos faz pensar como os fatos se tornam coisas, ou seja, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade.²⁸ No caso da Rússia ainda existe a idéia consolidada, como se observa nos depoimentos da fonte, por parte dos sobreviventes, de que a luta pela vitória em Stalingrado seria a grande vitória patriótica contra o nazi-fascismo que matava e oprimia o povo russo desde a invasão da União Soviética em 1941. A vitória soviética significa a libertação do povo soviético de uma futura escravização

²⁸ POLLAK.. 1989, p. 3-15. [...] Aplicada à memória coletiva, essa abordagem irá se interessar, portanto pelos processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias. Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõe à "Memória oficial", no caso a memória nacional. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. Ao contrário de Maurice Halbwachs, ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados.

sob domínio nazista. Entretanto, foram os soviéticos que, sob a denominação de “trabalho forçado” fizeram com que os prisioneiros de guerra alemães, reconstruíssem Stalingrado conforme entrevista com sobreviventes alemães - algo omitido pela historiografia.

Os depoimentos irrompem uma memória subterrânea que evidencia a dificuldade que essas pessoas tinham de conciliarem seu passado à memória coletiva da nação. No caso alemão, o estigma da culpa alemã, além da fragmentação de seu país em duas zonas de influências políticas, levava alguns sobreviventes de Stalingrado a optar pelo silêncio ou até pela incompreensão. A partir de Pollak (1989) observamos o espaço entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, que distingue uma memória coletiva organizada, e resumem a imagem que uma sociedade majoritária ou Estado desejam passar e impor.

[...] O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o de sua transmissão intacta até o dia em que elas possam aproveitar uma ocasião para invadir o espaço público e passar do "não-dito" à contestação e à reivindicação; o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emergia nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples "montagem" ideológica, por definição precária e frágil (POLLAK, 1998, p.7).

É interessante destacar esse entrecruzamento entre a memória e o esquecimento, em vista que a fusão entre presença e ausência do passado sofre ambas as manipulações, negações que são determinadas por interesses, ressentimentos etc. Desta forma, segundo Beatriz Sarlo (2007, p.135) tanto a memória quanto o esquecimento devem ser entendidas como linguagens simbólicas. Ou seja, carregadas de afetividade, sejam de âmbito positiva ou negativa, que influa na possibilidade do passado ser reconhecido, como também construído com uma perspectiva para o futuro. Construção que aqui, para autora, soa melhor como atualização do passado, sempre trazendo a tona no presente como algo vivo, atual e, portanto, recriado.

Quanto ao aspecto de uma memória afetiva e viva, vejo o documentário como atividade de luto. Este gênero cinematográfico possibilita que o mundo vivido não seja apagado e esquecido com o tempo. Para Jeanne Marie Gagnebin, a “verdade do passado” se liga

à ética da ação presente, uma ação que se configura como luta contra o esquecimento e a denegação, em outras palavras, contra a morte e a ausência.²⁹ Esse é o compromisso assumido pelos documentários em geral, inclusive o que foi selecionado para esta pesquisa.

²⁹ GAGNEBIN, 1998, p.219-221.

Sendo assim, este processo de rememoração ou de atualização das imagens do passado não é mera restauração, como se o documentário tratasse de uma descrição exata do passado. Mas de uma operação do presente tal que se o passado perdido aí for reencontrado ele não fique o mesmo, mas seja, ele também, retomado e transformado.

[...] O que nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível de lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar. A “memória de papel” da qual falava Leibniz tornou-se uma instituição autônoma de museus, bibliotecas depósitos, centros de documentação, bancos de dados. [...] À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. (NORA, 1992, p. 15).

Pierre Nora afirma que não existe mais memória, pois ela é revivida e ritualizada em tentativa de se criar identificação por parte dos indivíduos; a história serve como meio para conferir-lhes lugares onde se possa pensar que não somos feitos de esquecimentos e sim de lembranças e de que: “*a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado*” (NORA, 1992, p. 9).

Suponho que a atividade do documentarista se assemelha a do historiador, respeitadas suas delimitações. Diferente do historiador, o documentarista tem certa liberdade na “criação”, mediada pela ética, ressaltando que o filme é um encontro com o outro, pela invasão da intimidade do outro, que exige uma postura no olhar parecida com o olhar do historiador imbuído em buscar o sensível na constituição do passado.³⁰

Em síntese, tenho que não há memória descompromissada com o passado. Em outras palavras, a narração do passado, atenta ao fato de ser escrito no presente e para o presente, logo o documentarista é responsável por articular um passado ameaçado pelos interesses do presente. Benjamin “*nos alertava ao fato de que a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agora*” (BENJAMIN, 2012, p.241).

³⁰ Segundo Pierre Nora a memória dita e a história escreve; com o advento de novas tecnologias de captação de entrevistas, a escritura histórica extrapola os limites do papel atingindo monitores de ilhas de edição e écrans cinematográficos. O apelo do realismo da imagem e da sedução do testemunho colocam novamente o historiador diante de impasses. Um dos aspectos fundamentais dessa relação é a fonte testemunhal que, tanto para a história quanto para o filme documentário, traz em si complexidades, como mencionei logo acima no item Testemunhos.

1.5 WALTER BENJAMIM ATO DE NARRAR E O DOCUMENTÁRIO

Benjamin³¹ em “ O Narrador”, leva-nos a uma reflexão direcionada a condição do ato de narrar. Salienta esse filósofo, que a narrativa tradicional (oral)³² tem por excelência, passar ao sujeito o valor da experiência, com isso auxiliar na formação do sujeito. O ato de narrar, é antes de tudo uma maneira de intercambiar experiências, é uma troca de relações onde quem tem algo a dizer ao outro e vice e versa. A partir dessa troca de experiência dialógica o homem encontra a sua humanidade.

Mas para Benjamin a atividade de narrar,³³ está se aproximando do fim, sua argumentação se baseia na experiência cotidiana. A seu entender, as causas dessa crise estão colocadas sobre duas questões: a ampliação continua da técnica e a privatização da vida, que ela determina. O desenvolvimento da técnica chegou a tal ponto, que a própria vida privada se torna alvo da sua violenta intervenção. O privado passou a ser público, e a subjetividade, que é determinante para o desenvolvimento do homem, é menosprezada em favor da objetividade. Desenvolvimento tecnológico, produção industrial, alienação do homem pela linguagem, tudo isso faz parte da crítica levantada por ele em o narrador.

[...] a arte de narrar aproxima-se de seu fim por que a sabedoria o lado épico da verdade – está em extinção. Mas este é um processo que vem de longe. E nada seria mais tolo do que ver nele um “sintoma de decadência”, e muito menos uma “decadência” moderna. Ele é muito mais um sintoma das forças produtivas seculares, históricas, que expulsam gradualmente da esfera do discurso vivo, conferindo ao mesmo tempo, uma nova beleza ao que está desaparecendo. (BENJAMIN, 2012, p.217).

³¹ A qualquer leitor incidente de Walter Benjamin, duas questões são nítidas em seus escritos: o lembrar e o esquecer, esses temas atravessam sua obra por um todo. E se coloca em dois contextos principais:

- Um contexto de teor literário ligado a teoria da narração, e das transformações dos gêneros literários. * **Ensaio sobre Baudelaire; O Narrador.**
- E um contexto mais historiográfico, de reflexão sobre a escrita da história. Sendo que essa história pode ser história singular do eu. A história pode ser tanto individualista ou coletiva, aquilo que filosofia alemã chamou de história universal que vai ser interrogado no ensaio sobre o conceito de História. * **A crônica Berlimense; A infância em Berlim.**

³² BENJAMIN. 2012, p.214. [...] A experiência que passa de boca para boca é a fonte a que recorre todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Essa utilidade pode constituir por vezes num ensinamento moral, ou numa sugestão prática, ou também num provérbio ou norma de vida de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe. [...]

³³ Na concepção de Walter Benjamin, as formas de narrar, lembrar e esquecer são essenciais para a formação da identidade, seja pessoal, coletiva ou ficcional. A identidade nos remete a narrativa, por isso memória, História e identidade para esse filósofo alemão, não são conceitos imutáveis, mas sofrem por sua vez transformações históricas. A análise dessas mutações elucidada as diferenças entre vários gêneros literários.

Por séculos³⁴ a narrativa foi à maneira mais eficaz, pela manutenção da tradição e da transmissão das culturas. Sendo o oposto da imprensa (ou do jornalismo) resultante das reproduções técnicas, que têm por objetivo a busca “pura em si da coisa” (o fato por si só), a narrativa tinha como exigência mergulhar na vida do narrador e daí emergirem com a experiência (BENJAMIN, 2012, p. 219). Fato é que isso se perdeu no tempo, nos restaram apenas borrões de tintas das máquinas tipográficas, uma operação essencialmente industrial. E recente, sobrou apenas às próprias máquinas tipográficas, já que com a digitalização e a virtualidade não há mais rastros do fazer humano.³⁵

1.6 O DOCUMENTÁRIO COMO UMA RELEITURA DO PASSADO

Em detrimento da perda narrativa Walter Benjamin, nos deixou a sentença: o homem moderno está fadado ao esquecimento e à perda da experiência. O dia-a-dia atarefado sempre apressado e estressado deste homem, não o favorece a deslumbrar o mundo, desfrutar o que este tem para oferecer-lhe em um momento de recolhimento. O que importa a ele é o hoje, o agora, a vida efêmera de passagens pelos lugares e pelas vidas dos outros. É um andante que vive atendendo aos chamados para interceptar os choques da vida moderna, reagindo de forma reflexa aos estímulos do mundo, sem permitir-se a experimentá-los intensamente.

Para o autor todas aquelas vivências ou impressões da vida cujo efeito de choque é interceptado pelo sistema percepção/consciência tornam-se conscientes. Logo, por estas vivências serem matérias da consciência, elas desaparecem instantaneamente, sem terem a chance de se incorporarem à “verdadeira” memória. Já aquelas experiências, excitações da vida que jamais se tornaram conscientes devido à ação do psiquismo, são remetidas ao inconsciente onde deixam nele rastros duráveis. Assim, para Benjamin, é a experiência que se assenta na “verdadeira” memória do homem, uma vez que a lógica benjaminiana obedece a seguinte ordem: quanto maior a atividade do fator choque nas impressões da vida, maior será a atuação do consciente em proteger-se contra estes estímulos; e quanto maior for o êxito desta operação, menos estas impressões serão incorporadas ao campo da experiência, conseqüentemente, corresponderão à vivência. (TOMAIM, 2009, p.59).

³⁴ Quando o tempo se torna uma grandeza econômica, portanto quando se trata de ganhar e poupar tempo, a memória também se transforma. O lembrar infinito e coletivo do tempo, pré-capitalista deixa lugares da narração, vida e do indivíduo que luta pela sobrevivência e pelo sucesso, em uma sociedade concorrencial. Com isso o espaço infinito da memória coletiva, comum encolhe dividindo-se em lembranças avulsas, e histórias particulares contadas por escritores isolados, assim como por seus leitores que se isolam no ato da leitura.

³⁵ BENJAMIN, 2008, p.218. [...] verificamos que com a consolidação da burguesia da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antiga que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora que ele, e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa forma de comunicação é a informação. A cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão para tal é que todos os fatos já nos chegam impregnados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece é favorável à narrativa, e quase tudo beneficia a informação. Metade da arte narrativa está em, ao comunicar uma história, evitar explicações. [...] o extraordinário, o miraculoso é narrado com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que falta a informação.

A interpretação de Benjamin não é por um todo catastrófica. Vislumbra ele que a experiência não estaria totalmente perdida, caso o homem moderno voltasse a se interessar, para a necessidade de retomar os vínculos com a tradição, mas em um sentido nostálgico. E sim por meio da rememoração onde o homem poderia fazer um movimento de retorno à origem, movimento aliás, que só poderia ser reconhecido como uma restauração incompleta do passado.³⁶ Para ele é essencial que o homem, reconheça a perda de sua tradição, e veja a necessidade em recomeçar tudo de novo, no âmbito de uma história como construção contínua. No entanto, “*não se trata de esquecer ou negar tudo, como desejam alguns revisionistas da história, mas de destruí-la para que possa ser recontada.*” (TOMAIM.2008,p.58).

Entende que novos significados possam ser-lhe conferidos, em principal no que diz respeito aquelas vozes que foram esquecidas, silenciadas. Benjamin ressalta que o desenvolvimento técnico capitalista contemporâneo, torna qualquer volta às técnicas comunitárias de vida, lembrança e narrativa ilusórias, portanto trata-se muito mais de inventar outras formas de memória, narração em particular para lutar contra a redução da percepção temporal.³⁷ Assim, o filme documentário é meio sutil para a retomada da força da tradição oral, como também da figura do narrador e do contador de história como desejava Walter Benjamin. Através do documentário, podemos ter acesso mesmo que limitado aos traços afetivos que compõem esta memória. É claro que isto dependerá da maneira que o cineasta irá escolher representar o mundo vivido.

Portanto, ato de rememorar carrega consigo um estigma revolucionário que para Benjamin só encontraria relação em uma arte comprometida a exercer um potencial de experiência, de crítica e revelação, como bem enfatiza Cássio dos Santos Tomaim (2008). Acreditamos, na possibilidade do documentário ser um exemplo, ao fato de possibilitar ao outro rememorar ou reler seu próprio passado, seus traumas e suas experiências. Esta produção, pode se estabelecer como um lugar de memória.

É verdade que há várias formas ou modos de (re) apresentar o mundo vivido ou a realidade, como também há inúmeras maneiras de posicionar uma câmera diante de um acontecimento. Entretanto, não há regras de como representar o passado nos filmes documentários, há sim escolhas de como se dirigir a este passado, de como fazê-lo cintilar no presente. (TOMAIM, 2008, p.59).

³⁶ TOMAIM, 2009 p. 53-69.

³⁷ GAGNEBIN, 1998.

É o que buscou fazer os diretores Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt no documentário *Stalingrad* (2006), com mais de três horas de duração, sobre os sobreviventes da Batalha de Stalingrado. A partir de uma mescla de imagens da atual “Stalingrado” (Volvogrado atualmente) com aquela da época que se misturam aos depoimentos dos sobreviventes, temos uma imagem viva do passado que só pode vir a se materializar em forma de pesadelo transmitido pela palavra. É o que os produtores nos mostram através das imagens de terror e medo, assim como das falas dos depoentes é que, a Stalingrado presenciada por eles não existe mais, o que existe são lugares mudos, silenciados, pelo tempo e o esquecimento. Baseado em BIOSCA (2001)³⁸ compreende-se que em *Stalingrad* a oralidade assume o compromisso de inscrever o vivido para que depois, desapareça definitivamente, uma vez que se existem imagens no filme de Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt, elas aparecem do encontro entre os lugares do passado tal e como tem permanecido e a palavra dos sobreviventes.

Portanto, o que nos interessa em um documentário não é o que ele testemunha, registra, mas como opera um discurso fílmico [...]. É do encontro do cineasta com os atores sociais que se procura reconhecer a “verdadeira imagem do passado”, aquela que perpassa veloz, num instante como um relampejar, antes que ela desapareça para sempre. Imagens do passado que fixadas no suporte (seja película, digital, analógico) são justapostas ou associadas a outros elementos fílmicos (imagens de arquivo, fotográficas ou cinematográficas, reconstituições de acontecimentos, músicas e trilhas, etc) no intuito de compor a “voz” do documentário, para usarmos um conceito de Bill Nichols. Um indicativo do argumento do diretor a respeito do mundo vivido, portanto, de um presente que procura recuperar a memória viva do passado, mas agindo sobre ela. (TOMAIM, 2008, p.60)

Ao entender de Bill Nichols³⁹ a “voz” do documentário não se relaciona a uma simples questão de estilo, menos ainda se resume ao que é dito verbalmente pela “voz over”, até mesmo por especialistas e autoridades que representam a visão do cineasta, tão pouco pelo o que é dito pelos entrevistados. Na visão desse autor, a voz é construída pela relação de todos os códigos de um filme, em outros termos seria a forma que o filme organiza o material que apresenta na tentativa de transmitir um ponto de vista. O documentário é tido como um argumento do mundo histórico, ou seja, este cinema apresenta uma relação indicativa com o mundo, ele possui uma “voz” tem algo a dizer sobre o mundo

³⁸ BIOSCA, 2001, p.283-302.

³⁹ NICHOLS, 2005.

Se os documentários representam questões, aspectos, características e problemas encontrados no mundo histórico, pode-se dizer que falam desse mundo através de sons como de imagens. Essa questão de discurso suscita a questão da voz. Todavia, documentários não são palestras, e questões de discursos e voz não entendidas literalmente. É obvio que a palavra falada desempenha papel crucial na maioria dos vídeos e filmes documentários. [...] a primeira vista, parecem não passar de discurso. Ainda assim, quando falam do mundo histórico, os documentários fazem-no com todos os meios disponíveis, especialmente com sons e imagens inter-relacionados ou, nos filmes mudos, só com imagens. (NICHOLS, 2005, p.72)

O documentário trabalha com uma “voz”⁴⁰ que está à disposição do poder criativo do cineasta, visível na seleção e organização de sons e imagens, com o intuito de criar uma estrutura narrativa para o filme. O cineasta em conjunto com a sua equipe, decide onde cortar, como montar, o que sobrepor como enquadrar, ou compor um plano, quais os movimentos de câmera (panorâmica) se vai usar voz-over ou não. E também, quais músicas ou sons, criar um clima ou não na cena, acrescentar comentários, usar fotografias e imagens de filmadas in loco por fim, em qual tipo de representação ira se basear para que tudo isto junto, estruturado venha dar vida a uma história a partir do mundo vivido. Notamos é que a “voz” do documentário transmite o ponto de vista social do cineasta, e como esse ponto de vista, se manifesta no ato de criar o filme, em linhas gerais ela nos passa uma perspectiva, um argumento ou encontro com o mundo vivido.

Ressaltamos que Stalingrad ou qualquer outro filme documentário, não deve ser visto como um modelo rígido de representação do passado, que venha a ser inovador para futuras produções, deve se apresentar como um gênero cinematográfico que busca de forma constante, e inovadora esse passado. Mas não no sentido de encará-lo como uma verdade, em vista que está “verdade do passado”, só é possível em termos de uma ética da ação presente, o que nos leva a aceitar que *“a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro”* conforme enfatiza Jeanne Marie Gagnebin (1998, p.221). Está é uma observação que está além do trabalho do documentarista, o que o filme é por essência é um testemunho de algo, que vêm a ser o encontro do cineasta com o outro e o mundo vivido, podemos dizer que o filme documentário é um convite ao espectador compartilhar de um presente verdadeiro que possibilita às vezes, que o passado cintile como num “instante de perigo”, parafraseando Benjamin.

O documentário seria menos um compromisso com a verdade do que um agente do presente, ou seja, trabalha para que não esqueçamos. *“Stalingrad”*, seja para o

⁴⁰ NICHOLS. 2005 p. 124 [...] o fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular dá a conhecer.

diretor como para os seus sobreviventes, é um registro em que possam se reconhecer e redefinir sua identidade enquanto grupo social que rememora suas experiências. Neste momento, o cineasta caracteriza o documentário como um lugar de memória, uma vez que para Nora⁴¹ estes lugares só existem porque os grupos sociais vêm seu passado ameaçado pelo esquecimento

[...] não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma á outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. E sobre o espaço, sobre o nosso espaço- aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir que devemos voltar nossa atenção; (HALBWACHS, 1992, p.98)

Assim, filmes como “*Stalingrad*” são a materialização de uma vontade de memória imbuídos em um sentido de vigilância do presente, como uma atividade afetiva empenhada “*em bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial*” (NORA,1993,p.22). Este é um dos fatores que torna este e outros documentários fascinantes. O que torna os depoimentos, sobre a condição de vida em Stalingrado, reveladores pois o documentário consegue levemente trazer a tona sentimentos e ressentimentos antes reservados à memória (involuntária) destes entrevistados, lembranças dolorosas de tempos de humilhação, de impotência e ódio. O amálgama do filme “*Stalingrad*” é vasculhar as inscrições afetivas da memória que, aliás, são duradouras.

Citamos o exemplo de quanto são duradouras, através do relato de Anna Protas, moradora de Belaya Tserkov (Ucrânia), que em 1941 enquanto uma divisão do 6º exército alemão descansava na cidade, ouviu de seu pai e assim como de outros moradores da cidade que, a unidade 4 A especial da SS, trancou noventa crianças judias num porão nos arredores da cidade, sem água nem pão.⁴² Seu destino, seu choro, chocou os moradores de

⁴¹NORA. 1993, p.28 [...] Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não tem referentes na realidade. Ou melhor, eles são, eles mesmos seu próprio referente, sinais que desenvolvem a si mesmos, sinais em estado não puro. Não que não tenham conteúdo, presença física ou história, ao contrário. Mas o que faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história. Templum: recorte no indeterminado do profano – espaço ou tempo, espaço e tempo- de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.

⁴²KERSHAW. 2010, p. 703. Não foi por acaso que a guerra no leste levou ao genocídio. O objetivo ideológico de erradicar o “judaico bolchevismo” estava no centro da guerra de aniquilação, associado de forma inseparável a campanha militar. O caráter genocida do conflito estava definido com o ataque violento dos Einsatzgruppen, apoiado pela Wehrmacht e deflagrado nos primeiros dias da invasão. E ele se transformaria rapidamente num programa genocida total, como o mundo jamais tinha visto. Durante o verão e o outono de 1941, Hitler falou muito para seu círculo próximo sobre seus objetivos ideológicos aos esmagar a União

Belaya Tserkov, entre eles a família de Anna Protas. *“Os seus silêncios nos ensinam que o sentimento de humilhação interioriza nos indivíduos a impotência de não poder modificá-lo, de não poder abandonar os traumas, transformando o sujeito em fonte de um sofrimento”* (Apud, TOMAIM, 2008, p.63). Seu testemunho nos diz que:

Primeiro pegaram os homens. Disseram que estavam sendo levados para trabalhar, mas eles nunca voltaram. Depois pegaram as mulheres sem as crianças. As mulheres também não voltaram. Então as crianças tiveram de assistir o fuzilamento de suas mães, ali diante de seus olhos. E aí foi a vez das crianças, elas foram levadas para um orfanato e fuziladas logo depois. Quando meu pai chegou em casa estava pálido como a morte, estava chorando. Ele disse ouvir as crianças gritando mamãe a plenos pulmões. Elas gritavam mamãe, mamãe! Ainda está ecoando em meus ouvidos, ele desabou a chorar. (Stalingrado. Produção Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt. São Paulo: Synapse, 2006. 1 DVD 126 minutos).

No momento dessa fala, Anna Protas é interrompida por um choro contundente, as lágrimas são incontroláveis em meio ao silêncio. O cinegrafista mantém o foco, e a testemunha nos diz que é difícil conviver com essa lembrança em sua vida. Ainda mantém em sua mente uma imagem muito forte do horror contra essas crianças. Essa mortandade era a profecia de Hitler tendo início com a Operação Barbarossa, e a conseqüente exterminação dos judeus de toda Europa, a expandir agora ao leste onde milhares foram assassinados brutalmente por soldados da Wehrmacht, que fazia parte de uma doutrina ensinada nas escolas e também da propaganda de Goering antes da invasão a União Soviética.

No que diz respeito a essas marcas do passado Walter Benjamin nos alerta para o fato, de que não adianta buscá-las em atos voluntários em vista que as verdadeiras experiências do homem fogem do nosso intelecto. Nessa lógica, o que temos como verdade é que o ato da entrevista no documentário nada mais é do que recordações voluntárias, uma vez que o que está sendo dito é o que o ator social se permite dizer, suas escolhas são conscientes. A impossibilidade ao acesso a dimensão da afetiva da memória, se restringe a pergunta do cineasta e o que ela pode motivar.

Por outro lado compreendemos que casos como este, vale mais o não dito do que o dito, o silêncio das palavras, os tropeços das falas do que a segurança no dizer, ou como a imaterialidade do sentimentos e ressentimentos consegue ganhar materialidade e depois forma no filme documentário. Exige-se de nós, como também do documentarista, atividade constante em retomar a capacidade de se ater aos signos e os sinais deste passado relâmpago,

Soviética, nos termos mais brutais que se pode imaginar. No mesmo período, falou também sobre os judeus em seus monólogos no quartel general do Führer, embora sempre em generalizações bárbaras. Esses foram os meses em que, a partir das contradições e da falta de clareza da política anti-semita, o programa para matar todos os judeus da Europa ocupada pelos nazistas começou a tomar forma concreta.

que emerge no presente carregado de uma força marcada por emoções e afetos.

Temos que o objeto do documentário é o mundo que ele descobre como nos diz Bill Nichols, mas sem deixar de ressaltar que o próprio cineasta é parte deste mundo, ao invés de um criador de um mundo imaginário. A especificidade do documentário está na intensidade da imagem-câmera ou da tomada.

A tomada é o recorte que o diretor faz do mundo, mas que nasce de uma circunstância que se destaca pela presença da câmera e daquele que a manuseia, enquanto autoridade do discurso. Para o autor a intensidade da tomada é um dos principais traços diferenciais da tradição documentária, e ela se configura a partir da idéia de que está explícito ao espectador do filme de não ficção a presença da câmera e do sujeito que a sustenta no ato do registro, por mais ausentes que eles tentem transparecer no filme. É a experiência do espectador com este jogo duplo da imagem documental, presença/ausência, ou seja, são as marcas deixadas pelo sujeito-da-câmera nas circunstâncias da tomada que aproxima o espectador de uma força viva: a intensidade do mundo vivido. (NICHOLS, 2005, p.64).

A partir da idéias de Fernando Pessoa Ramos⁴³, não devemos sintetizar o conceito de “sujeito câmera” apenas à pessoa que manobra a mesma no ato do registro, mas tê-lo como a dimensão subjetiva que funda toda a imagem-câmera. É a partir da tomada que o mundo se faz presente, que deixa o seu traço no suporte (digital ou vídeo) da câmera e por sua vez, esta presença do mundo refere-se a uma presença subjetiva, portanto indiscutivelmente se faz necessária a presença de um sujeito para constituirmos esta intensidade de imagens.

Frente às considerações feitas até o momento em relação ao documentário, temos que esse gênero de produção é uma representação que implica em afirmar um saber sobre o mundo; saber dado pelo olhar. “Olhar da Câmera”, na visão que, de Bill Nichols (1997, p.122-129), indica a perspectiva ética, política e ideológica do realizador, logo, evidencia a intenção do sujeito-da-câmera diante das circunstâncias da tomada. Neste sentido, o filme documentário é um dispositivo adequado aos rearranjos da memória, pois o passado salta para o presente na forma de silêncios, pausas, hesitações, sofrimentos. Afinal, para além das finalidades do cineasta, tem-se acesso ao que não se deixa traduzir em palavras.

De certa forma, no documentário há certa conotação revolucionária quanto ao ato de recordar, principalmente se o compreendermos na perspectiva benjaminiana. Ou seja, como um executar que potencializa a experiência do outro no sentido de revelação ou de salvação de significados, sentimentos ou ressentimentos ocultos/silenciados. O documentário

⁴³ RAMOS, 2008.

torna-se um lugar afetivo da memória ao permitir ao outro rememorar ou reler o passado em seus traumas em suas experiências.

1.7 DOCUMENTÁRIO COMO SEGUNDA REALIDADE

Billy Bitzer, um jovem americano de apenas vinte e cinco anos, era apenas um operador de câmera nos Estados Unidos da América que se preparava para embarcar no navio *Segurança* que tinha como destino Havana, em Cuba. Esse jovem foi convocado para registrar os primeiros movimentos após o bombardeamento do encouraçado U.S.S *Maine* da marinha estadunidense no porto de Havana. No período em questão Cuba ainda era uma colônia espanhola, grande produtora de açúcar, produto que abastecia o mercado interno norte americano. O objetivo do encouraçado *Maine* ao ser enviado para Havana era de apenas fazer uma visita de cortesia, em seguida a campanha da imprensa americana contra a repressão espanhola ao movimento cubano de independência.

Em dezenove de fevereiro de 1898, quatro dias após o ocorrido, Bitzer desembarcou em Cuba e deparou-se com os restos do encouraçado, que se resumia a um amontoado de ferro retorcido. Ninguém até o momento tinha registrado o ocorrido, com uma câmera então restava a Bitzer a tarefa de fazer imagens dos destroços. Mas o seu equipamento era apenas uma câmera grande e pesada, uma *Biograph* um verdadeiro Frankenstein, nas palavras do operador, o que tornava o acesso ao local difícil, por isso todas as tomadas do encouraçado foram feitas de uma vista da terra, diferente dos fotógrafos que puderam se aproximar mais de perto.

Estes profissionais do cinema tinham a fixação em capturar os instantes da realidade, assim como os da fotografia do final do século XIX. Essas pessoas se tornavam a ponte entre os acontecimentos reais (uma guerra, por exemplo) e o público que ansiosamente esperava as novidades do filme de atualidades, como eram denominados na época os jornais cinematográficos ou cine-jornal, mas havia casos em que não passavam de reconstituições fílmicas. O conflito que Bitzer foi registrar entre os EUA e a Espanha teve algumas reconstituições, pois, assim que foi declarado, muitos operadores viajaram para Cuba. A maioria não obteve sucesso em decorrência da proibição do comando militar, de poderem atuar no front, restando-lhes a frustração e, como recurso, voltar à Nova York onde, nos subúrbios, da cidade poderiam recriar os combates com telas pintadas, bacias de água e maquetes de navios. Estas reconstituições passam a ser uma marca dos estúdios como o Georges Méliès, o responsável por inventar a trucagem no cinema.

Num primeiro instante, percebemos que a reconstituição era uma resposta ágil e fácil às dificuldades de se ter acesso aos fatos reais ou à censura das autoridades, ao contrário ao passar dos tempos torna-se uma opção dos realizadores para se alcançar uma maior clareza no relato dos ocorridos, que por ventura privilegiava também a força do espetáculo. É o início do cinema de não ficção, que tem como foco o registro *in loco* dos fatos, a disputar o público com os primórdios do cinema espetáculo.⁴⁴ Na Primeira Guerra Mundial, o cinema de não-ficção voltou a ser importante, com fortes tons ideológicos. Os departamentos de propaganda dos Estados vieram no registro *in loco* do conflito bélico uma ferramenta útil para um combate em outro front, nas mentes e almas de seus compatriotas.

Ao longo do conflito, David Griffith e seu operador Billy Bitzer foram os únicos autorizados pelo governo norte americano a irem ao front francês, com o intuito de rodar um filme com viés propagandista para o governo e seus aliados. O historiador Kevin Brownlow lembra que eles não tinham equipamentos como fotômetros, zoom, câmeras leves ou aceleradas. Contavam apenas com uma câmera de madeira Pathé movida à manivela,⁴⁵ essas precariedades técnicas da época, foram sanadas com um toque de criatividade.

Bitzer⁴⁶ por exemplo, sem equipamentos de iluminação, usou espelhos para direcionar a luz do sol, com isso obteve resultados satisfatórios. Griffith, ao chegar no front ao final do conflito para fazer seu filme propaganda, deparou-se com uma guerra incompatível com as convenções cinematográficas da época, pois a guerra moderna abandonou o combate corpo a corpo; não sendo mais viável ao cineasta dimensionar os acontecimentos Griffith só conseguiu-o em algumas tomadas, graças ao capitão Kleinschidt que aceitou ser o seu operador de câmera.⁴⁷

Notamos que a guerra moderna tornou os dispositivos cinematográficos do século XIX obsoletos, já não havia como ter acesso a percepção do conflito. Como dito a Primeira Guerra Mundial pôs fim ao combate corpo a corpo e deu lugar ao massacre à distância do inimigo invisível. Daí vem à necessidade, segundo Paul Virilio⁴⁸, de se criar um olhar ótico e do aumento telescópico, a importância do filme guerra e da restituição fotográfica

⁴⁴ TOULET, 2000, p.100.

⁴⁵ BROWNLOW, Kevin. Apud. VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema**. São Paulo: Scritta Editorial, 1993, p.24-25.

⁴⁶ VIRILIO. 1993, p. 25. [...] Ainda que, 1898 Bitzer tenha realizado experiências fixando sua câmera Mutograph no para choque de uma locomotiva em alta velocidade, o cinema que ele faria junto a Griffith seria ainda semelhante ao do salão indiano, onde se projeta a chegada de um trem na gare de ciotat observa-se o movimento do exterior de maneira sedentária, a imagem se constitui, acima de tudo em um olhar sobre o que se move na câmera reproduz as circunstancias da visão comum, ela é a testemunha homogênea da ação e, ainda que as imagens impliquem um retardamento temporal, sua força consiste em dar ao espectador uma ilusão de proximidade em conjunto temporal coerente. [...]

⁴⁷ Idem, ibidem, Op. cit., 1993, p.28-30.

⁴⁸ Idem, ibidem, p.11-17.

do campo de batalha, mas também o valor e a descoberta da função militar do avião de observação na condução das operações militares. Com o advento do avião como máquina de guerra, houve a necessidade de um melhoramento de mecanismos óticos, como periscópios e telescópios. Fato é, que já no fim do século XIX o avião e o cinema surgem juntos, mas o avião “*deixará de ser um simples meio de transporte ou de bater recordes para torna-ser um modo de ver ou talvez o último modo de ver*”. (VIRILIO, 1993, p.34).

A partir de então, a guerra exige dos pilotos uma readequação não só em pilotar a aeronave, mas também, combater e filmar. Deste modo a guerra, mais precisamente o campo de batalha torna-se um lugar de percepção através de explosões, luzes, ou seja, um grande espetáculo pirotécnico que tem o soldado como grande espectador. Segundo Paul Virilio⁴⁹, não existe guerra sem representação, até mesmo a arma sem mistificação psicológica. Mais do que instrumentos de percepção, são estimulantes que provocam fenômenos químicos e neurológicos sobre órgãos do sentido e também afetam o sistema nervoso central em reações, na identificação e na diferenciação dos objetos percebidos. Ao entender do filósofo, pelo fato do campo de batalha torna-se um lugar de percepção, o cinema só viria a se tornar uma categoria de arma, quando estivesse pronto para traduzir este aspecto perceptivo, sensorial.

Para Benjamin⁵⁰ o cinema⁵¹ tem a função de traduzir, ao diferenciar a concepção de realidade do pintor e do cineasta. Ao primeiro, pauta-se na idéia de que ele observa uma imagem total além de respeitar uma distância natural entre a realidade dada e ele próprio; ao segundo, deslumbra uma realidade fragmentada, que se recompõe segundo novas leis, que seria a “*experiência do choque*”⁵². O cotidiano do homem moderno é marcado pela

⁴⁹ Idem, ibidem, p. 37-40.

⁵⁰ BENJAMIN. 2012.

⁵¹ Idem, Ibidem, p.204. [...] Dentre as funções sociais do cinema mais importante é criar um equilíbrio entre o homem e o aparelho. O cinema não realiza essa tarefa apenas pelo modo com que ele representa diante do aparelho, mas pelo com que ele representa o mundo graças a esse aparelho. Através dos seus grandes planos, de sua ênfase sobre pormenores ocultos em objetos que são familiares, e de sua investigação dos ambientes mais vulgares sob a direção genial da objetiva, o cinema faz vislumbrar, por um lado, os mil condicionamentos que determinam nossa existência, e por outro assegura-nos um grande e insuspeito espaço de liberdade. [...]

⁵² TOMAIM, p. 101-122, 2004. Na teoria estética de Walter Benjamin a arte pós-aurática está vinculada à atrofia da experiência; a reprodutibilidade técnica não permite ao espectador captar qualquer vestígio do fazer artístico. Assim, a essa nova relação público/obra de arte, pautada por uma obra destinada ao consumo das massas, à percepção coletiva, resta somente a vivência. Vivência que na modernidade, segundo o autor, corresponde a um constante exercício de interceptação dos choques, ou seja, o homem moderno está sujeito a situações cotidianas que o levam a proteger-se dos choques, como o simples caminhar entre as multidões das metrópoles ou o operar uma máquina. O transeunte é um homem atento a evitar o choque com o outro; ele se assemelha à figura de um esgrimista que vai abrindo caminho na multidão ao distribuir estocadas. No caso do operário, submetido à linha de produção em série, ele tem que adequar o seu ritmo de trabalho ao ritmo da máquina, reagir aos estímulos da máquina, que lhe impõe uma resposta reflexa repetida e idêntica a cada minuto. Portanto, “a vivência do choque” sentida pelo transeunte que trafega pela multidão, corresponde à

sua capacidade perceptiva de evitar, ou interceptar os choques,⁵³ ou seja, para a teoria estética de Walter Benjamin “o cinema é a forma de arte correspondente aos perigos existenciais mais intensos com os quais se confronta o homem contemporâneo” (BENJAMIN, 2012, p. 128).

Essa arte trás consigo uma transformação, profunda no que diz respeito ao aparelho perceptivo, uma vez que tem por essência a sucessão brusca e rápida das imagens. Desse modo, coloca ao espectador fragmentos que é uma seqüência de choques, que impossibilita a capacidade de associação de idéias, que induziu o homem moderno a perceber o mundo a sua volta, através dos choques como rotina. Vivenciá-los, portanto, é entender que a vivência da modernidade é um constante viver em descontinuidade.

[...]. É justamente o que acontece no cinema através do efeito do choque de suas seqüências de imagens. O cinema se revela assim, também desse ponto, de vista, o objeto atualmente mais importante daquela ciência da percepção que os gregos chamavam de estética (Benjamin, 2012, p. 20).

O cinema que Benjamin enfatiza é semelhante ao de Paul Virilio é aquele vinculado a pós-1918⁵⁴, em que a tecnologia militar em ação influi diretamente na visão dos cineastas, que se apropriaram de símbolos como “explosão”, “choques”, “colisão”, “conflito” etc. com o intuito de levar aos espectadores um espetáculo que é nada menos que o prolongamento da guerra e de sua percepção. Quanto ao filme documentário pode-se lê-lo não somente sob seu aspecto objetivo, que nasce do fascínio de todos nos em termos acesso a realidade, a verdade. Entender o real sempre foi um desejo do homem, o cinema em seus instantes iniciais, mostrou-lhe a vida em movimento, a morte deixara de ser absoluta como observou um jornalista em sua primeira impressão da invenção dos irmãos Lumière em *La Poste* um periódico Frances 1895.

vivência do operário na linha de produção. Ambos se protegem dos choques, mas ao custo de um comportamento reflexo, em que a vivência é privilegiada enquanto a experiência é negada. Benjamin, inspirado em Baudelaire, transformou em experiência esse constante vivenciamento dos choques aos quais é submetido o homem moderno, nesse caso, “experiência do choque”.

⁵³ BENJAMIN. 2012, p.209. [...] É justamente o que acontece no cinema através do efeito de choque de suas seqüências de imagens. O cinema se revela assim também desse ponto de vista, o objeto atualmente mais importante daquela ciência da percepção que os gregos chamaram de estética. [...]

⁵⁴ Idem;ibidem, 2012. [...] Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra. A guerra e somente a guerra permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as revelações de propriedades existentes. Eis como o fenômeno pode ser formulado do ponto de vista técnico, sua formulação é a seguinte: somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de propriedade. É obvio que a apoteose fascista da guerra não recorre a esse argumento. [...].

Fascínio que nunca deixou de existir na relação do cinema com o seu público. Das feiras populares do século XIX para as grandes salas de exibição do século seguinte o cinema sempre foi o espetáculo da “vida como ela é”, mesmo que esta vida fosse encenada, que o mundo que estivesse diante dos olhos fosse todo recriado e experimentado como verdade. É o “efeito de real” que convida o espectador a pactuar com a ficcionalidade, princípio básico de toda história ou narrativa: se não acreditar nela, nada acontece diante dos nossos olhos. (TOMAIM, 2008, p.48)

Fato é que o cinema de não ficção tem outro atributo que favorece este pacto com o espectador: o registro *in loco*. É necessário diferenciar do simples registro, da simples idéia de documento, de amostra da realidade, termos que estiveram vinculados desde sua origem, como se no seu fazer não estivessem contidos critérios subjetivos. De modo que o primeiro material bruto, aquele captado no calor dos acontecimentos, não deixa de ser um resultado da percepção subjetiva do mundo, que implica em um sujeito que ao dirigir a objetiva da câmera a certa realidade recorta-a sob seu ponto de vista.

Tanto no cinema de ficção como no documentário, a nossa percepção está dirigida pelo cineasta, através da montagem ou colagem “pedaços do real”, a partir de então cria novos significados a vida ou a morte. Não devemos entender tudo o que foi dito como um falseamento da realidade, e sim como a capacidade do ser humano em recriar a si mesmo, a sua história, a sua tradição.

O documentário nada mais é que o resultado de uma relação entre o cineasta e o mundo, portanto somos convidados a experimentar uma realidade sob o ponto de vista do diretor. Na película o cineasta através do seu gesto formativo, materializa no filme, e conseqüentemente na tela sua necessidade de expressão convidando o espectador a participar de uma experiência estética que no fundo é afetiva e perceptiva. Por isso, ao analisarmos um filme documentário, três fatores devem ser considerados, que são à base de sua identidade: registro *in loco*, a atividade e o ponto de vista do diretor. O documentário revela e reformula e é primordial nos atermos à dualidade presente neste gênero: objetividade e subjetividade.

A fim de maiores esclarecimentos, no que diz respeito, ao documentário no campo da história é essencial que se entenda que a objetividade e a subjetividade⁵⁵ são equipare, na realização do fazer cinematográfico, não se anulam e nem se desconstrói a identidade de uma ou outra. O filme é uma atividade de sensibilidade, e que usa da percepção para se dirigir ao espectador, logo podemos dizer que ele não é um depósito dos vestígios do real, para afirmar-se como uma interpretação da realidade. O documentário como uma prática cinematográfica proporciona a nós também, um contato com “um mundo” por mais que tenha

⁵⁵ Ver: PENAFRIA, Manuela. **Em busca do perfeito realismo**. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em junho de 2013.

referência direta ao mundo, não descaracteriza como uma visão do diretor a respeito do mesmo.⁵⁶

Ao documentário aqui tratado levamos em consideração, sua contribuição, direcionada ao campo da História e Audiovisual. Entendo que ao se posicionar diante deste objeto de estudo, ele se apresenta para nós afastados da sua condição de cinema, que espelha ou reflete uma realidade, para assumir uma postura, que é a de ser uma construção do e sobre o mundo vivido. O que nos interessa em relação a este gênero cinematográfico, não é a forma como se analisa ou acessa a realidade, mas sim a maneira que o idealizador, intervém nesta realidade em si para, então, compartilha com os espectadores. A preocupação principal desse estudo vincula-se menos à realidade de representação da batalha de Stalingrado, e mais compromissado com a estética de representação desta batalha.⁵⁷

Segundo Boris Kossoy⁵⁸ levamos em consideração, o fato de que as imagens cinematográficas, se vincularem a uma realidade externa dos fatos ou das coisas do mundo, como resultado temos uma determinada interpretação do mundo apresentado, que nada mais é que uma “segunda realidade”, e que não pode ser compreendida isoladamente do processo de criação que a gerou. Onde “*o filme é também um mundo real, ou melhor, que se torna real a partir do momento em que observamos o conjunto ou edição através de nossos filtros individuais e de nossas fantasias*” (BORIS, 1999, p.28). Ao compreender desse autor, são mundos que são criados pelas mentes dos espectadores e, por mais que sejam efêmeros, imateriais, emocionais, e de curta duração não deixam de serem mundos reais. Em consonância, Nichols (2005), entende que o documentário é um tratamento criativo da realidade, e não uma transcrição leal dela e exige criatividade do cineasta ao reunir suas provas, imagens e sons indicativos do mundo, e depois manuseá-las na tentativa de construir seu próprio argumento sobre o mundo.

Observamos que o filme “*Stalingrad*” teve acesso aquela realidade, ou seja, ao mundo vivido das testemunhas de Stalingrado, pelo fato de adotar uma postura participativa que tem por objetivo convidar os espectadores a silenciosamente observar, contemplar as dores de um recordar. É claro que em outras circunstâncias não teríamos o registro destes sentimentos, destas memórias, uma vez que tratou de um acesso que se repetirá

⁵⁶ BENJAMIN, 2012, p.204. [...] no estúdio o aparelho penetrou tão profundamente o real que o que aparece como realidade “pura”, sem o corpo estranho da máquina é de fato resultado de um procedimento puramente técnico, isto é, a imagem é filmada em uma câmera disposta num ângulo especial e montada com outras da mesma espécie. A realidade, aparentemente depurada de qualquer intervenção técnica, acaba se revelando artificial, e a visão da realidade imediata não é mais que a visão de uma flor azul no jardim da técnica.

⁵⁷ CARROL. 2005, p.69-104.

⁵⁸ KOSSOY, 1999.

diante da câmera. É evidente que a câmera não nos dá acesso às imagens, deste ato de relembrar o passado, pelo motivo de ser algo particular, reservado ao sobrevivente de Stalingrado. Ele não se permite a narrar às lembranças, pelo contrário, elas o silenciam. E a câmera (sujeito que a empunha) não se atreve a perguntar. Não era preciso o choro daqueles senhores e senhoras, “soviéticos” ou alemães demonstram que a guerra não perdoa ninguém, as cicatrizes da guerra são incuráveis pelo resto de suas vidas, pelo menos é isso que percebemos nesse documentário.

1.8 DOCUMENTÁRIO COMO IDENTIDADE

Ao que diz respeito há “um lugar de memória”, como dito no filme documentário é o que nos permite ter acesso apenas aos rastros da “verdadeira imagem do passado”. O homem moderno recebeu a sentença de viver com o esquecimento e a perda da experiência, sobrou-lhe apenas arquivos, documentos, imagens e sons como abrigos dos traços ou restos de uma memória viva que se cristaliza no tempo. Cristalizada, não temos mais a memória viva dos grupos sociais, mas sim sua representação (NORA, 1993). Assim, a materialização destes resíduos mnêmicos passa a ser um dever no instante em que rememorar se torna uma exigência e não um ato espontâneo e autônomo. Temos então a necessidade dos lugares de memória, como museus, festividades, monumentos, santuários, associações, clubes e o filme documentário, ênfase em uma sociedade como a que vivemos que perdeu circunstancialmente a sua capacidade de narrar e manter suas tradições, seus valores e suas experiências, no entender de Pierre Nora.

Em mundo cada vez mais padronizado pela globalização tecnológica e econômica, solidificado em um ambiente de práticas sociais dessacralizadas e desritualizadas, estes vestígios de memória apenas nascem e sobrevivem da necessidade de determinados grupos sociais em lembrar. Ou seja, os lugares de memória só existem pelo fato dos grupos sociais vêem o passado ameaçado pelo esquecimento como já temos enfatizado.

Em relação às articulações (ou atualizações) voluntárias das imagens do passado nos filmes documentários, evidenciamos que identidades são forjadas. Com base em Michel Pollack identidade é tudo aquilo que traduz quem somos “nos” logo diferencia o “nos” do “outro”. É a fonte de significados e experiências que deve ser reconhecida e compartilhada por um povo ou grupo social. Dá junção (significação e experiência) passamos a sentir, pertencer e participar do grupo. Só passamos a ter a compreensão de identidade quando o sentimento de pertencimento entra em crise e quando também há um movimento de

transformação que nos leva a buscar novos significados aptos a nos reunir uns aos outros.

No caso do documentário, fica claro por ser fruto do encontro do cineasta com os outros (os atores sociais) é inevitável o choque de identidades, em muitos casos o idealizador vem de grupos distantes. Por mais que o sujeito câmera procure registrar as ações cotidianas das pessoas, sem interferir nelas como se a realidade acontecesse diante da câmera, a “voz do documentário” ou a voz da autoridade sempre pertencerá ao realizador. Este decide como a câmera vai se portar frente “vida como ela é”, o idealizador é orientado, na montagem, as outras vozes (a dos atores sociais) para compor sua representação sobre o mundo vivido. É nítido que a realidade não pertence ao documentarista, este não é seu guardião, no mínimo um mediador do processo da natureza humana.

A mediação que sugere o filme documentário não foge do jogo presença/ausência que também circunda a identidade como um processo construtivo de significados. *O que e como* lembrar é estipulado pelos grupos sociais, onde “o silêncio sobre o passado longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1992, p.5).

Este autor entende que lembranças traumatizantes ou proibidas encontram sua sobrevivência “em zonas de sombra” e aguardam um instante oportuno para que sejam expressas em um ato de pura irrupção de ressentimentos acumulados. O não dito ou o indizível cria nos atores sociais uma angústia em não ter com quem compartilhar e que gera o medo da punição por algo dito, como também acarretar mal entendidos. É interessante observar por meio dos depoimentos, que alguns militares do exército alemão carregam consigo uma “culpa” ou receio se melhor entendermos, em ter deixado alguns companheiros feridos e ainda vivos para trás, em ocasião do avanço massacrante das tropas soviéticas e as lágrimas, atestam suas angústias e dores de um passado ainda vivo em suas memórias.

Além de silenciar o passado, assim como a culpa, Pollak demonstra o trabalho de enquadramento da memória que é executado pelos diversos grupos sociais. Que se liga a uma atividade constante de reinterpretação do passado, de como a memória coletiva é construída, desconstruída e reconstruída com o intuito de reforçar o sentimento de pertencimento de um grupo. Logo a memória e identidade são objetos de uma construção social marcada relações de poder, e seus significados são alvo de disputas com intuito dar sentido de coesão e unidade.

Se assimilamos aqui a identidade social a imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento obviamente é o outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança de negociação de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidas como essenciais de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.5).

Assim, um exemplo de como um trabalho de enquadramento foi operado na construção da memória do exército soviético é, a vitória frente ao exército nazifascista na própria Stalingrado e a grande virada do exército vermelho, rumo à tomada de Berlim na Alemanha em 1945. O discurso oficial tratou logo de glorificar as ações do povo soviético, com o intuito de valorizar seu papel frente ao mal nazista, que destruiu a Rússia e a cidade de Stalingrado. Alguns depoentes não se identificam com esta glorificação deste combate, por parte dos soviéticos (russos), denominam de carnificina e, se entristecem ao lembrar a perda de algum ente querido, que não voltou do combate e seu corpo nunca foi encontrado.

Há multidão de motivos, uma multidão de memórias e lembranças que tornam difícil a valorização em relação à sociedade em geral e que podem ser a origem de conflitos entre pessoas que vivenciaram o mesmo acontecimento e que, a priori, por terem elementos construtivos comuns em suas vidas, deveriam sentir-se como pertencentes ao mesmo grupo de destino, à mesma memória. [...] (POLLAK, 1992, p.12)

Os elementos identitários de um grupo estão sujeitos a um aceitar e rejeitar, e ao se aproximarem dos significados e experiências concretas de vida, maiores serão as chances de serem aceitas e, portanto aceitas e compartilhadas. Não é o caso dos militares alemães sobreviventes de Stalingrado que viram suas experiências serem negadas pela memória nacional alemã, o que impossibilitou o sentimento de grupo. E o que dizer daqueles militares nazistas que em Stalingrado delataram muitos companheiros e, passaram a adotar preceitos ideológicos bolchevista, e no seu retorno para a Alemanha em 1950 passaram por um acerto de contas, que ocasionou a morte de muitos pelas ruas de Frankfurt. No caso alemão é difícil detectar uma identidade, algo que os una como grupo ainda mais se levarmos em conta a derrota na guerra e os ideais nazistas que defendiam.

No caso soviético se dá o oposto, identidade criada pelos grupos se materializa na salvação da pátria mãe russa. Ela engloba a todos com seu ideal de salvação e honra, é nestes dois pilares que os sobreviventes soviéticos se apóiam. Na atual Volgogrado (Stalingrado) há em uma colina de cento e dois metros de altura, a majestosa estátua Mãe

Pátria,⁵⁹ de oitenta e cinco metros de altura que é o símbolo da cidade e de todos que lutaram neste confronto. A construção é uma mulher feita de concreto empunhando uma espada de aço, o local é um grande memorial, que simboliza a morte de mais de um milhão de russos.

Bem se a memória ou as imagens estão sujeitas ao enquadramento por parte dos grupos sociais, que estabelece os significados e experiências que podem e devem se tornar públicas, o que podemos dizer da atividade do documentarista ao lidar com os silêncios, o “não dito”, ou seja, com a formação discursiva de certos atores sociais. Ao que diz respeito à atividade de luto, o intuito do documentário é romper as barreiras do enquadramento e, pelo filme, demonstrar as feridas as tensões e as contradições entre a imagem oficial e as lembranças pessoais - “*Stalingrad, 2003*” cumpre este papel.

É fato que o filme documentário se propõe a nos mostrar um retrato reconhecível ou em outras palavras verossímil, logo não deixa de ser a materialização dos outros. Mas não podemos deixar escapar a idéia de que estes significados, sentimentos e experiências dos outros, são a sustentação da sua identidade social, é a essência do filme, por tanto devem ser articuladas e instrumentalizadas na defesa de certo argumento ou ponto de vista sobre o mundo vivido.

O documentário se apresenta como uma representação que implica em afirmar um saber sobre o mundo. Saber que é dado através do olhar. “Olhar da câmera” que ao compreender de Nichols, pode nos apontar a perspectiva ética, política e ideológica do realizador, logo, indicar a intenção do sujeito da câmera frente às circunstâncias da tomada. “*O estilo atesta não somente uma visão de perspectiva sobre o mundo se não também a qualidade ética de tal perspectiva e há argumentação que há por trás dela*” (NICHOLS, 1997, p.119).

Assim, por meio destes olhares ora curiosos, solidários ou corajosos, ora responsáveis ou profissionais que o filme documentário encontra a materialização do mundo sensível perante o mundo vivido. Sensível que ao ser instrumentalizado ajuda o documentário a conseguir a condição de um lugar de discurso, por onde nasce um ponto de vista sobre a realidade, e também um lugar de memória, no termo empregado por Pierre Nora, onde se materializam simbólica e instrumentalmente elementos da identidade social e cultural de um certo grupo em um sociedade, e colaboram para que estes elementos se tornem sinais de reconhecimento e pertencimento.

⁵⁹ Ver anexo figura três.

CAPÍTULO II

A 2ª. GUERRA MUNDIAL ENQUADRADA

“Lutamos durante quinze dias por uma única casa, com morteiros, metralhadoras, granadas e baionetas. A linha de frente é um corredor entre cômodos e incendiados. A rua não é medida em metros, mas em cadáveres. Stalingrado não é mais uma cidade. De dia é uma nuvem imensa de fumaça ardente e ofuscante; é uma vasta fornalha iluminada pelo reflexo de chamas. E quando a noite chega uma dessas noites abrasadoras, uivantes, sangrenta - os cães mergulham no Volga e nadam, desesperados, para o outro lado. As noites em Stalingrado são um terror para eles. Os animais fogem deste inferno; as pedras mais duras não agüentam por muito tempo; somente os homens as suportam.”⁶⁰

2.1 GUERRA: ANÁLISE E ILUSÃO

O estudo da guerra está vinculado à longa tradição que se inicia com Heródoto e Tucídides. Na historiografia grega, para Xenofonte e Políbio, a guerra exercia um papel primordial, na concepção que tinham da História e do tempo, pois determinava o ponto de inflexão entre o apogeu ou a decadência de uma fase para outra, nas mudanças temporais que atingiam os homens e suas cidades. Por outro lado, a historiografia romana estabeleceu um lugar privilegiado aos fenômenos militares, pois estes haviam direcionado a cidade à sua grandeza, a dominação do mundo mediterrâneo e ao império.

Já a Idade Média relacionou os fenômenos militares com a insegurança geral promovida pelas invasões da Europa, entre os séculos VI e XI. Com a passagem do milênio a ideologia medieval subordinou a Guerra à perspectiva bíblica do Apocalipse e ao providencialismo cristão e deu a ela o significado do castigo divino. No Estado absoluto, a guerra se destina ao privilégio aos monarcas, assim como a fazenda pública e o fisco. É interessante ressaltar que neste período, a valorização da antiguidade clássica, se tornou significativa uma vez que os modelos greco-romanos tais como o enaltecimento dos grandes generais, ou a apologia do legionário romano como modelo de soldado ideal⁶¹.

⁶⁰ Grossmann, 2010, p.125.

⁶¹ Vale destacar que Maquiavel ao longo de seus escritos se ateu principalmente, em pensar a política pura, ou seja, recusou a tratar a política e as questões políticas como questões éticas. No contexto em tema, ressaltamos o extremado realismo decorrente desta concentração ao fenômeno político puro-nu e cru. O que o leva a pensar no fenômeno militar, à presença sempre próxima do exercício da força e da violência como dimensões incortináveis da conquista, da manutenção e da preservação do poder político, como se observa em seu livro *A arte da guerra*. Esta obra pauta-se no *modus operanti* do Estado, que se atém a vários aspectos, que são vinculados com a ciência da guerra, em geral. Através dessa reflexão de Maquiavel, logo observamos que a guerra ganhou o conceito amplamente difundido, de continuação de política estatal. Claro que a concepção de Clausewitz, é mais contundente. Fato é que a idéia é parecida em ambos, mas a estrutura de suas reflexões não.

Ao decorrer do século XIX a guerra, foi valorizada pelas historiografias Erudita, Positivista e Evolucionista em suas variadas vertentes, dos grandes temas da história política: O Estado, a formação do território, o estabelecimento das fronteiras, as relações entre os Estados, etc. Os acontecimentos militares eram analisados sobre a luz científica (investigação metódica) e valorizados na medida em que reforçavam ou anulavam as determinantes do Estado, seu crescimento, apogeu e delírio. Sendo os dois principais modelos historiográficos da história militar, pensada por Clausewitz e Ranke.

Observamos então que a guerra não é um fenômeno estático ou até mesmo linear, deve ser interpretada como uma categoria relativa da História em constante mudança, e cada cultura dá a ela seu significado. Aqui fizemos pequenos apontamentos no que diz respeito à tradição ocidental, perceba então que um conceito analítico não pode ser confundido com um conceito absoluto. A partir das ponderações acima delimitamos aqui uma breve compreensão do que seria a Guerra⁶² para esta pesquisa, no entanto a idéia sobre o tema mencionado de Florestan Fernandes sintetiza de forma clara, e nos instrui que:

A Guerra é um fenômeno humano. Não se pode dizer quando e como ela surgiu, no passado remoto da humanidade. Nem tampouco se pode presumir a que necessidades existenciais (Bio-psíquicas ou sociais) ela correspondeu originariamente. Até aonde alcança a investigação empírico-indutiva, através da reconstituição arqueológica, da reconstrução histórica, e da observação direta, a guerra se nos apresenta como um fato social, no sentido restrito de existir como uma das intuições incorporadas a sociedades constituídas. [...] Semelhante maneira de entender a guerra (e suponho que na sociologia não há outra maneira igualmente legítima) , implica uma delimitação precisa na observação e na explicação desse fenômeno social. Os problemas concernentes à origem da guerra deixam de ser concebidos *in genere* e *in abstracto* para serem definidos concretamente, com relação a tipos sociais definidos. (FERNANDES, 1970, p.11)

Esta consideração nos remete a um primeiro momento a demarcar esse fenômeno humano. Como bem sabemos não existe “guerra em geral”⁶³ tanto quanto não

⁶² SÉMELIN, 2009, p.43. [...]. De acordo com Fonari, a guerra é um procedimento paranóico por excelência, pois se acredita que é matando o inimigo que se há de sobreviver: “ O sujeito percebe o objeto como ameaça à sua própria existência, ameaça em si e para ilusória, mas psicologicamente real”. A violência paranóica que se emprega na guerra é uma típica ilusão psicótica: matando o “Outro”- inimigo, o sujeito acredita vencer a morte. Em suma, a posição paranóica volta a equação elementar: TUA MORTE É MINHA VIDA. Para Fonari a guerra antes de tudo é fenômeno imaginário, ligado aos fantasmas destruidores da primeira infância, pois, precisamente, no decorrer do desenvolvimento afetivo do neném, a posição paranóica é anterior à ameaça originando-se em algum inimigo real. [...].

⁶³ WALZER, 2003, p. 3. Desde que homens e mulheres começaram a falar sobre a guerra, sempre foi em termos do certo e do errado. E quase todo esse tempo houve quem ridicularizasse esse tipo de conversa, considerando o assunto um exercício de vazio, insistindo que a guerra está além (ou aquém) da apreciação moral. A guerra situa-se numa outra realidade, na qual a própria vida está em jogo, a natureza humana é reduzida a suas formas elementares e prevalecem o interesse pessoal e a necessidade. Nessas circunstâncias, homens e mulheres fazem o que precisam fazer para salvar a si mesmos e a suas comunidades; e não há lugar nem para a moral nem para a lei. [...].

existe “casamento”, “produção”, “funeral” etc., mas sempre esse ou aquele fato social se insere dentro de um contexto histórico. Logo, somos destinados a definir quais os possíveis valores que a variável “guerra” pode assumir e de restringir seu campo aqueles conceitos que nos interessam. Tal análise se faz necessária, uma vez que, na atualidade, diferente de outros momentos históricos quando a palavra guerra tinha um sentido claro, hoje o conceito abrange um leque de significações e qualificações: a guerra contra as drogas, a guerra de guerrilha, a guerra contra a fome.

O conceito que adotamos é de guerra ideológica política (Segunda Guerra Mundial), ou seja, aquela classe de conflito que ocorre entre liberais e nacionais socialistas, que começa a se desenhar logo após a primeira guerra mundial e a futura crise que a Alemanha sofre em virtude dos tratados e reparações impostas pelas potências vencedoras. Esta delimitação do nosso objeto de reflexão coloca uma série de questionamentos, e contextualizações por qual o Estado-Nação passou além das relações inter-estatais que ainda passam nesse início de século XXI. Por isso entendemos que tais abordagens, não serão feitas nesse escrito, analisaremos a guerra a partir de uma relação de diálogo entre diferentes pensadores nesse tópico.

Guerras dos mais variados tipos ao passar dos tempos proporcionaram diferentes teorias, do por que os homens lutam e se matam. As guerras napoleônicas, que abarcaram o espírito racionalista da Revolução Francesa, levaram o oficial prussiano Carl Von Clausewitz assegurar que a guerra é uma empreitada racional, ilibada pelo sentimento humano. Na percepção deste autor, a guerra não passa de uma continuação da política, no caso externa, e por outros meios, expansionista e colonial. Estados-Nação seriam os grandes agentes no palco da História e a guerra a ferramenta mais ágil capaz de resolver seus interesses em contraposição a outros Estados-dinásticos, no caso em questão. Aceitar a existência desse novo ser suprem, implica numa batalha bem mais perturbadora ou irracional do que, digamos, uma negociação comercial complicada.⁶⁴

Com a deflagração da Primeira Guerra Mundial⁶⁵ houve uma grande reviravolta nas reflexões, acerca dos princípios da guerra. Uma geração de pensadores assistiu horrorizada a um tipo de confronto entre nações, que jamais haviam visto antes, em consequência principalmente pelo índice de mortos proporcionado. Era difícil para esses

⁶⁴ EHRENREICH, 2000, p.18.

⁶⁵ A Primeira Guerra Mundial (1914-18) trouxe consigo terríveis inovações. O conflito estendeu-se a vários continentes. Foram utilizadas algumas armas de destruição indiscriminada como, por exemplo, o gás mostarda e outras técnicas que aperfeiçoavam a arte de matar, como o uso da aviação. A carnificina atingiu proporções jamais vistas em razão da guerra de trincheiras. Enfim, no bojo da guerra se afirmaram novas ideologias, tais como o fascismo e o comunismo, que se opunham à liberdade do homem e aos seus direitos fundamentais.

pensadores como Sigmund Freud⁶⁶ aceitar esse conflito bárbaro sobre um prisma racional. Freud por exemplo, afirmou que a guerra está ligada ao complexo componente humano, que se move para guerra através de impulsos irracionais e agem na base de interesses, de opiniões e poder. A guerra está inserida no psicológico do homem, onde o desejo e a realidade estão em constante ebulição de interesses, de auto-preservação e de destruição.

A maior parte desses pensadores enfatiza que a grande guerra inicia a partir do conflito entre “estados imperialistas” que concorriam entre si, está interpretação clausewitiziana não tem muita ligação com a série de desastres, erros graves e falta de comunicação que levou nações européias á guerra no verão de 1914.⁶⁷ Por outro lado há forte vinculação da guerra ao “instinto agressivo do homem” inerente a todos os seres humanos. Em um primeiro instante, as idéias aqui presentes tentam mostrar, que existindo ou não um instinto agressivo, há motivos para rejeitá-los como sendo a principal causa da guerra.

É verdade que até chegar ao ponto de ódio mortal, os impulsos assassinos podem ser maior motivação numa batalha, mas esta afirmação precisa ser avaliada considerando-se os diversos tipos de armamentos e formas de luta. No combate corpo a corpo, o ódio e a agressividade podem ser realmente uma exigência imprescindível no mínimo, para mobilizar os músculos para a ação. [...] Segundo um famoso historiador americano Robert L. O’Connell, a mudança na personalidade do guerreiro ideal formou-se com o aparecimento de canhões no século XV e XVI: o guerreiro ideal passou da “agressividade feroz” para o desprezo passivo. Portanto, não existe um modelo de personalidade “temperamento irascível” “macho” ou outra coisa do gênero associado ou total e concretamente com a guerra. (EHRENREICH, 2000, p.17).

A luta em si é apenas um dos fatores da empreitada da denominada guerra. As guerras não são como grandes rixas de bar, ou briga interna, que por algum motivo atingiram nações vizinhas. Na guerra, o confronto homem a homem se desenrola nas batalhas, além de provocar, claro, uma enorme ansiedade enquanto se aguarda que comece e termine. Engana-se quem pensa que a guerra tem início nas batalhas e costuma ser decididas por elas.

⁶⁶ SIGMUND, 2009. Freud demonstra todo seu espanto frente ao horror da guerra, afirmando que a época a qual está inserido - a Grande Guerra), é incomparável com qualquer outra. Como afirma: “O indivíduo que não se tornou combatente, transformando-se assim numa partícula da gigantesca máquina bélica, sente-se embaraçado na sua orientação, obstruído na sua capacidade de realização. Ser-lhe-á, pois grata, a meu ver, toda a sugestão, embora pequena, que lhe facilite a orientação, pelo menos no seu íntimo próprio. Entre os fatores responsáveis da miséria anímica dos que ficaram em casa, e cuja superação lhes levanta problemas tão árduos, gostaria de realçar dois, que neste lugar vou abordar” [...].p.5

⁶⁷ EHRENREICH. 2000, p.18. [...] Assim, num resumo impreciso, são essas teorias que as guerras modernas nos deixaram: embora arriscadas, elas são uma forma através da qual os homens procuram resolver seus interesses coletivos e melhorar suas vidas. Ou então: a guerra se baseia em impulsos irracionais não muito diferentes daqueles que levam algumas pessoas a cometerem crimes violentos. Em nossa época, a maioria das pessoas acredita nas duas teorias e acha que a guerra é empreitada vantajosa que tem por finalidade atender as necessidades psicológicas profundas e irracionais. Não a duvida sobre a primeira parte dessa afirmação de que as guerras têm por finalidade, pelo menos aparentemente, garantir itens indispensáveis como terra combustível ou vantagem geopolítica. O mistério está no fascínio psicológico que a guerra exerce sobre nos. [...]

Pelo contrário, grande parte das guerras consiste na preparação para a batalha-treinamento, organização de suprimentos avança por infantaria ou deslocamento por outras formas de combate ou até mesmo a inteligência na guerra.⁶⁸

[...]. Vai ser, portanto, a própria guerra que, por um poderoso efeito de retorno, modificará profundamente o treinamento dos soldados durante o conflito, ao custo, aliás, de um considerável endurecimento da preparação deles. Foi o que se deu com todas as classes convocadas no decorrer da Grande Guerra, mas o retorno de experiência sobre o treinamento combatente atuou de novo por ocasião do segundo conflito mundial, assim como mostra, por exemplo, o treinamento implacável, e muitas vezes mortal, das tropas alemãs levadas a combater na frente Leste, ou dos Marines treinados para combater no Pacífico ou no Vietnã. [...] (ROUZEAU, 2008, p.374).

Fato é que não há nenhum instinto imaginável que leve um homem a sair de sua casa, raspar a cabeça e ficar treinando durante horas ao longo de dias, semanas e meses durante um estado de prontidão. Em outras palavras, a guerra é uma atividade coletiva e muito complexa para ser creditada a um instinto guerreiro latente no psiquismo individual. O instinto pode ou não aflorar no homem, como no momento de ataque à baioneta ao primeiro inimigo que encontrar pela frente. Mas o instinto não mobiliza as frentes de suprimento, não fabrica fuzil, distribui uniforme nem desloca um exército de homens.

Na verdade, ao longo da História, muitos homens quase se suicidaram para não participarem de guerras fatos que os defensores do instinto guerreiro tendem a menosprezar. Homens fugiram de seus países, passaram longos períodos na prisão mutilaram membros de seus corpos deram tiros nos pés ou nos dedos fingiram estar doentes ou loucos ou, quando tinham condições financeiras, pagaram para outros lutarem no lugar deles. [...] (EHRENREICH, 2000, p.18)

Quem defende um instinto guerreiro devem admitir que mesmo quando os homens se alistam de forma voluntária ou não, para a guerra não é algo que regem com naturalidade. No campo de batalha, muitos combatentes por incrível que pareça, não conseguem mirar suas armas diretamente para um inimigo. Qualquer sargento instrutor pode confirmação tal afirmação, há um espaço que separa o homem de um rapaz comum de um atirador de confiança. É necessário que haja uma mutação: o homem ou rapaz abandona seu antigo comportamento e torna-se completamente diferente, chegando até a assumir um novo nome.

⁶⁸ Ver: KEEGAN, 2006. A tese do livro se pauta na idéia de que, na guerra, a inteligência, por melhor que seja não é um guia infalível para a vitória. A vitória é um premio fugidio, obtido mais com sangue do que com cérebros. A inteligência é a serva, não a amante, do guerreiro.

O livro “*Nada de novo no Front*” de *Erich M. Remarque* nos traça bem uma dimensão do que é a guerra para um jovem, além de mostrar essa transição que há entre a imaturidade e a maturidade, a qual foram submetidos os jovens ao se deparem com a guerra:

“Albert exprime bem o que pensamos:

- A Guerra arruína-nos para tudo.

Ele tem razão. Não somos mais juventude. Não queremos mais conquistar o mundo. Somos fugitivos. Fugimos de nós mesmos, e de nossas vidas. Tínhamos dezoito anos e estávamos começando a amar a vida e o mundo e fomos obrigados a atirar neles e destruí-los. A primeira bomba, a primeira granada, explodiu em nossos corações. Estamos isolados dos que trabalham da atividade, da ambição do progresso. Não acreditamos mais nessas coisas; só acreditamos na guerra. [...]. Desde que estamos aqui, nossa vida antiga nos foi cortada, sem que tenhamos contribuído para isto. Muitas vezes, procuramos um motivo, uma explicação, mas não conseguimos achá-los. Justamente para nós, que temos vinte anos, as coisas são particularmente confusas, para chama “juventude de ferro”. Os soldados mais velhos possuem laços firmes com o passado; têm mulheres, filhos, profissões e interesses já bastante fortes para que nem a guerra possa destruí-los. Nós os de vinte anos, no entanto, temos somente nossos pais; alguns, uma garota. Não é muito por que na influencia dos pais é mais fraca, e as mulheres ainda não nos dominam. Além disso, que mais havia para nós? Algumas paixões, um pouco de fantasia e a escola; nossas vidas não iam mais longe. E, disto tudo, nada sobrou. (REMARQUE, 1981, p.25)

Não descartamos a idéia de que matar seja algo estranho a natureza humana, precisamente a personalidade masculina. Há incontáveis casos de homens e mulheres são capazes de matar, por impulso e prazer. Mas há diferença tremenda entre uma guerra e uma simples briga. A guerra não só diverge do habitual, mas ainda inverte tudo que é moral e direito: na guerra deve-se matar saquear, queimar cidades e plantações e até talvez estuprar mulheres e meninas.⁶⁹ Na guerra, os homens passam a outro tipo de existência humana, tão distante da vida cotidiana quanto tudo a que chamamos de sagrado. Tanto que o século XX que foi o das duas grandes guerras mundiais, de guerras coloniais, de ideológicas como anos de Guerra na Coréia e doze no Vietnã no auge da Guerra Fria, além de guerras civis, principalmente na África descolonizada.

Isso demonstra que os seres humanos podem aprender a viver nas condições mais brutalizadas e teoricamente intoleráveis. E não é fácil apreender a extensão do regresso,

⁶⁹ Alemanha com o fim Segunda Guerra Mundial se viu destruída e ocupada pelas forças aliadas que trouxeram consigo todo o ódio e revolta contra as arbitrariedades cometidas pelos nazistas ao longo, de suas ofensivas, resultado foi uma onda de estupro contra mulheres alemãs, que durante longo tempo foi silenciada pela história. Sylvia Lenz nesse trecho sintetiza bem o que as mulheres alemãs passaram. LENZS. 2012, p.114. Durante anos, as mulheres realizaram o árduo trabalho apesar do sofrimento causado por traumas da guerra, inúmeras perdas, morte ou retorno tardio de maridos, noivos e namorados com sua anulação como prisioneiros de guerras, do impacto destas separações nas famílias. Em meio à escassez de tudo – comida, infra-estrutura, moradia, é admirável que as mulheres alemãs, sem infra-estrutura, moradia, sem parceiros, com filhos para criar, sujeitas às arbitrariedades dos aliados, tenham viabilizado a reconstruído do país. Isto em meio ao silêncio pessoal, como vítimas dos estupros, da violência e arbitrariedade das tropas de ocupação. A maioria morreu antes da reunificação alemã e levou o sofrimento para o túmulo.

cada vez mais rápido, que de um barbarismo pleno.⁷⁰ Apesar deste colapso civilizatório no século passado, a humanidade sobreviveu e as guerras continuam, após o “breve século XX”, no Oriente Médio e na África, não mais com exércitos nacionais, mas com mercenários contratados por grandes empresas. Neste mesmo século a guerra e o alinhamento para o conflito, relacionam-se com o sentimento nacionalista movidos por ideologias afins, e que forjam a força unificadora dos Estados contemporâneos, oferecendo aos homens tanto uma crença transcendental como uma razão material.

Hoje, até em tempos de paz o aspecto religioso⁷¹ da guerra se manifesta em toda parte do mundo. Haja em vista os grandes chefes de Estado, não vai a lugar algum sem uma escolta de tambores ruflando e soldados em guarda. A posse de presidentes, a coroação de reis, a comemoração de feriados nacionais, todos esses eventos mencionados requerem a presença do soldado como um complemento do cerimonial. Mesmo onde não há Forças Armadas como no Vaticano, há a Guarda Suíça, como protocolo medieval e segurança contemporânea, do Papa e dos cardeais. Portanto, os sentimentos humanos fazem parte de tudo que gostaríamos de saber sobre a guerra ou certas guerras, por que cada uma delas começa ou termina. Agora sobre as “causas” da guerra em geral ou de qualquer uma em particular, acreditamos que, quanto mais procuramos as causas, mais descobrimos e cada causa ou série de causas descoberta nos parece válida de insignificância comparada com a magnitude do fato.

2.2 PODER E VIOLÊNCIA

Toda política é uma luta pelo poder; o tipo de poder mais definitivo é a violência.

Charles Wright Mills

Em um primeiro momento poderíamos afirmar que a violência e o poder articulam-se entre si, no interior da tradição do pensamento político, principalmente se nos pautarmos nas idéias de pensadores como Karl Marx, Max Weber, Charles Mills e Bertand de Jouvenel. Os autores mencionados pertencerem, a concepções teórico-política distintas, uns da esquerda e outros da direita. Distinção essa ausente, quando abordam temas acerca do

⁷⁰ TODOROV, 2010. No ver deste autor a barbárie e a civilização são características intrínsecas aos seres humanos, o autor afirma ser ilusório tentar identificar um período específico da história da humanidade uma região qualquer do planeta como um exemplo de barbárie ou civilização. Pois “nenhuma cultura traz em seu bojo a marca da barbárie, nenhum povo é definitivamente civilizado; todos podem tornar-se bárbaros ou civilizados. Esse é o caráter próprio da espécie humana” p. 65.

⁷¹ Para um maior entendimento sobre esta questão relacionada a Guerra e a religião e suas semelhanças ler: EHRENREICH, Barbara. **Ritos de Sangue: Um estudo sobre as origens da guerra.** Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000; p.21-29.

poder e da violência. Para esses autores há um consenso, de que o poder possui relação direta com a idéia de mando e obediência, onde a violência como a mais flagrante manifestação de poder, e a guerra, nesse caso é a continuação da política por outros meios. (ARENDDT, 2000, p.31-32). Para⁷² está contida a idéia de que o poder político se manifesta como a organização dos meios de violência, logo o poder nada mais é, que um instrumento de dominação. É o que diz Jouvenel, por exemplo, “*Comandar e obedecer, sem isto não há poder e com isto nenhum outro atributo para que ele exista [...] Aquilo sem o que não há poder: esta essência é o comandar*” (Apud, ARENDDT, 2000, p.32).

Arendt enfatiza que poder, violência, força e vigor, entre outros, são fenômenos heterogêneos, e seu uso correto dependerão da perspectiva histórica. Para ela o poder se dirige a uma relação de consentimento e não de violência; o poder em si, não teria como finalidade a dominação - o poder se acontece na ação conjunta dos homens⁷³: “*é insuficiente dizer que poder e violência não são o mesmo. Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro se ausenta*”. Assim, “*o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto*” (ARENDDT, 2000, p.36).

Portanto o poder não é apenas de um indivíduo, está condicionado a um grupo. Sua existência se dá apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. As considerações de Arendt fazem voz as de Benjamin, esse pensador como que em uma premonição do que aconteceria na Alemanha ainda na República Weimar, doze anos depois escreve a “*Sobre a crítica do poder como violência*”, em que ressalta os significados de *Gewalt*, que significam poder e violência, ambas juntas e nas manifestações míticas de regimes totalitários. Para ele, o poder mostra-se sob diversas formas na história, com distintas representações. Em alguns casos, exercidas sob forma mítica como na Antiguidade; religiosa na Idade Média e às vezes sob controle burocrático, mas sempre com o objetivo de controle do povo e de coerção social. Na concepção desse autor, em todas as épocas da história o poder esteve ligado à violência, embora a violência às vezes não fosse vista como tal, como demonstra a história.

⁷²ARENDDT, 2000.

⁷³ARENDDT, 2000, p.17. [...] Até mesmo o tirano, aquele que governa contra todos, necessita de que o ajude a perpetrar a violência, ainda que sejam estas pessoas pouco numerosas. Entretanto, a força da opinião pública, isto é, o poder do governo, depende dos números; é ela “proporcional ao número que a associa” e a tirania, conforme descobriu Montesquieu, é, portanto a mais violenta e menos poderosa forma de governo. Certamente, uma das mais óbvias distinções entre o poder e a violência é que o poder tem a necessidade de números enquanto que a violência pode, até um certo ponto passar sem eles por basear-se em instrumentos. [...]

Os séculos XVIII, XIX e o início do século XX foram marcados pela criação e consolidação dos Estados, que perpassam as instituições tradicionais do pós-guerra, não somente no governo, mas também as estruturas tradicionalmente concebidas. Com o nascimento dos Estados-Nacionais a positivação de seus ordenamentos jurídicos foi realizada em nome da racionalidade. A “Razão” passa a dividir a atenção com a “ideologia” e o “inconsciente”, mas a razão não conseguiu preservar os conteúdos de valia para o espírito humano, ou seja, o ideal de conhecimento ou de busca do sentido de realidade tanto na natureza, na cultura dos indivíduos, suas ações e suas obras. O Estado de exceção alemão demonstra que a positivação do direito, dos ordenamentos jurídicos, dos instrumentos de observação análise e crítica, imprescindíveis para entender as condições da Alemanha pós Primeira Guerra, foram ineficientes para garantir a paz e a justiça.

Essa crise se torna ainda mais intensa, com a perda do senso crítico decorrente da pobreza da experiência. Benjamin entende que a descontinuidade da tradição foi observada a partir da perda da narrativa em sua obra *Experiência e Pobreza*. Ele concluiu que, a partir dessa realidade que a lei não garante justiça, pois apesar da Alemanha possuir uma constituição, não foi suficiente para garantir a liberdade do povo alemão, sobrou-lhe a barbárie, decorrente das relações de poder e violência. Esta validação justifica sua crítica ao elemento normativo. No ensaio “*Origem do drama Barroco alemão*” ressalta que a estrutura jurídica da República Weimar não foi capaz de impedir o seu desmembramento, a ascensão do nazismo e a inclinação para o autoritarismo totalitário era evidente e inevitável. O mais interessante de tudo isso foi que esta degeneração estava amparada pela constituição, que autorizou o decreto.

A contestação de Benjamin baseava-se na crítica ao ordenamento jurídico incapaz de assegurar a integridade do povo pelo exercício deste poder autoritário, contra o qual esse autor adverte com o conceito de “preceito doutrinário imperativo”,⁷⁴ sua contestação investe contra um referencial único, para gerir a ação política impedindo a ação democrática. De suas considerações, nota-se que o exercício da autoridade tende mais naturalmente ao uso da experiência, que é consolidada pelo conhecimento na tradição. O poder ao ser condicionado a uma estrutura política, como na social democracia alemã resulta em um autoritarismo aliado à força do capitalismo consolidado, que mostra uma nova fase do poder.

Com base na ideologia do desenvolvimento econômico e na constante luta para a manutenção do poder, a estrutura burocrática nazista apoiada pelas chamadas elites, e

⁷⁴ Walter Benjamin. **Origem do drama barroco alemão**. Trad. apres. e notas Sergio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 51.

pelos detentores do capital e dos meios de produção roubam o poder, que passa a ser legitimado com a aprovação das “massas”, seduzidas pela estetização da política.⁷⁵ Com base no escrito de Benjamin “*Sobre a crítica do poder como violência*”, os conceitos de poder e violência nas manifestações míticas do poder totalitário estão sempre unidos. A violência é ao mesmo tempo instituidora e mantenedora do Direito. Detectamos então duas formas de poder: o mítico e o divino. O mítico tem relação com o poder autoritário; o divino⁷⁶ sugere a educação que se realiza na existência do homem. Ao praticar o poder de forma divina, o governante exerce a soberania em sua plenitude; na mítica, o estadista passa a ser o tirano.

Consideramos, então, que o poder é o resultado direto da ação humana e que pressupõe um espaço próprio, ou seja o público em que é concebido, como espaço por excelência do poder e cuja finalidade é promover a interação dos indivíduos livres que, por meio da palavra e do discurso, mostram a pluralidade de opiniões. Fato é que, opostamente à tradição, o poder não se vale da instrumentalização da vontade alheia para os fins desejados, mas na formação de uma vontade comum baseada no consenso, isto é, do resultado de um processo dialógico operado entre os indivíduos na esfera pública.

2.3 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

*“Nossas meninas estão longe daqui
Não temos com quem chorar e nem pra onde ir
Se lembra quando era só brincadeira?
Fingir ser soldado a tarde inteira?
Mas agora a coragem que temos no coração
Parece medo da morte mas na era então...”*
Legião Urbana, Soldados.

Segundo a história oficial, esse foi o maior e mais terrível conflito, ao qual o homem já passou, e que jamais deixa de inspirar em seus estudiosos mais modernos uma humilde e singela gratidão, por termos sido poupados de qualquer coisa parecida. Tal argumentação se baseia nos relatos de homens e mulheres, que viveram a experiência do conflito no front ou no cotidiano urbano e rural⁷⁷. Indiferente a nacionalidade ou sexo, ao

⁷⁵ Walter Benjamin. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Magia e técnica, arte política. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 196.

⁷⁶ O poder divino é o único poder não violento, dispondo da condição de absolver o homem da culpa. Deus é o único que pode decidir sobre a legitimidade dos meios e a justiça dos fins sem ser violento. É a racionalidade que existe no poder divino que decide. O poder divino não é sentido somente pelas religiões, mas também no poder educativo. O poder educativo em sua forma perfeita é uma expressão do poder divino fora da alçada do direito. A educação é uma forma de poder criar uma nova realidade humana e não violenta, sem obrigatoriamente ter uma participação direta de Deus.

⁷⁷ Como enfatiza: DAVIES. 2009, p.9. Cada nação que participou da Segunda Guerra Mundial tem sua própria versão dos acontecimentos. Britânicos e americanos, alemães e italianos, franceses e holandeses, russos e poloneses, judeus e muitos outros, todos acentuam as experiências de seus próprios povos. De maneira

analisarmos suas falas e relatos, logo nos depreendemos com a luta das palavras dessas testemunhas, para descrever o que lhes aconteceu durante o episódio em questão. Muitos recorreram a um chicle: “Um verdadeiro inferno”.

[...] um lugar comum nas descrições das testemunhas oculares de batalhas, ataques aéreos, massacres e afundamentos de navios, as gerações posteriores se sentem tentadas a tratá-la como uma trivialidade. Ainda assim, num sentido importante, essas palavras capturam a essência do que significou a luta para centenas de milhões de pessoas levadas a morte. Cerca de 27 mil pessoas morreram diariamente entre setembro de 1939 e agosto de 1945 em consequência do conflito global. [...] (HASTINGS, 2012, p. 9)

Fato é que uma das verdades mais importantes sobre a Segunda Guerra, melhor dizendo sobre os assuntos humanos, é que as pessoas somente podem interpretar o que lhes acontece no contexto de suas próprias circunstâncias. Por isso, o fato de alguns sofrerem mais do que os outros, em várias partes do mundo, não tinha significado nenhum aos envolvidos. Por exemplo, para um soldado soviético que enfrentava o poderio militar do exército nazista sobre Stalingrado com camaradas mortos ao seu redor, pareceria monstruoso demonstrar que soldados alemães do outro lado sofriam com as baixas e as consequências desse mesmo combate.

[...] seria um insulto convidar um francês faminto, ou mesmo uma dona de casa inglesa cansada da monotonia das rações, a considerar que na sitiada Leningrado pessoas famintas comiam umas as outras e que, na Bengala Ocidental, pais vendiam suas filhas. Poucas pessoas que suportaram a blitz da Luftwaffe em 1940 e 1941 em Londres se sentiriam confortadas ao saber que alemães e japoneses enfrentariam perdas muitos piores infligidas pelos bombardeios aliados, junto com uma devastação sem paralelo na história. [...] (HASTINGS, 2012, p.11)

O trabalho do historiador, assim como seu dever, é mostrar um relativismo aos fatos que não se pode esperar dos contemporâneos. Grande parte dos participantes da guerra sofreu em algum grau, e nenhum historiador é capaz de sentenciar a dor e o sofrimento de determinados povos em escalas de um a dez. Logo, alguns fatores da experiência da guerra foram quase universais: o medo, morte, sofrimento e o recrutamento de jovens obrigados a enfrentar seus piores temores, além de abdicarem de seus sonhos em geral, para pegarem em

consciente ou não, todos eles diminuem a diversidade de experiências e inibem a apresentação de um panorama amplo. Eles obstruem uma visão geral. Dada a natureza humana, isso é inevitável. Ainda assim, permanece o fato de que o todo é mais importante que o particular. Toda tentativa de examinar uma parte cega deveria ser acompanhada, ou talvez precedida, pelo quadro maior no qual a parte pode ser colocada. [...] É igualmente inevitável que um complexo de conflitos tão emaranhado quanto este compreendido pela “Segunda Guerra Mundial” tenha produzido uma massa de mitos e lendas. Esses mitos formam um necessário fio da história. Não é função do historiador bani-los. É dever do historiador examiná-los, explicar suas origens e, então, demonstrar a diferença entre os fatos e a percepção dos fatos. [...]

armas. Além dos casos de prostituição⁷⁸ que se tornaram corriqueiros na maioria dos países europeus, durante a segunda guerra, a França⁷⁹ é um exemplo. A experiência do campo batalha deve ser mencionada, uma vez que variava de país para país, de força armada para força armada em vista que:

[...] Dentro dos exércitos, os fuzileiros viveram riscos e dificuldades muito maiores que as de milhões de soldados das unidades de apoio. As forças armadas americanas sofreram uma proporção geral de baixas de apenas cinco para cada mil soldados alistados; a ampla maioria daqueles que serviam não enfrentou maiores do que os civis de vida comum. Enquanto dezessete mil feridos americanos perderam membros, cem mil operários sofreram amputações em decorrência de acidentes industriais nos Estados Unidos durante os anos de guerra. [...] (HASTINGS, 2012, p.12).

Nossa compreensão sobre o tema deve ser pensando, a partir de opiniões e experiências de pessoas comuns, não de pessoas mais importantes. Com o termino da Segunda Guerra, e o passar dos anos, inúmeras cartas e diários de civis e combatentes vieram à tona. Essas fontes descrevem em geral o que certas pessoas fizeram, ou o que se fez a elas, em geral dizem pouco sobre o que pensavam.

[...]. A explicação óbvia é que muitos guerreiros eram jovens e imaturos: viviam extremos de agitação terror ou dificuldades, mas, apenas uma pequena minoria tinha energia emocional para refletir, pois estavam absorvidos por seu ambiente físico, por suas necessidades e desejos. (HASTINGS, 2012, p.12).

Outro fator que deve ser considerado pelo historiador é o relacionado às interpretações de combates ocorridos na Segunda Guerra. É nítido que historiadores ao desenvolverem suas pesquisas criam diferentes interpretações, ou pelo menos, pontos diferentes de ênfase. Sabemos que nenhuma narrativa jamais conquistará aprovação universal, por mais universal que seja. Assim, algumas ponderações podem ser tomadas contra formas mais grosseiras de imprecisão. *“Semelhante devem ser comparadas com semelhantes; proporções devem ser observadas e padrões de julgamento aplicados a uma parte do conflito devem ser igualmente empregados em relação a todas as partes envolvidas”* (DAVIES, 2009, p.26).

⁷⁸ Ver anexos figura um.

⁷⁹ O livro de Patrick Buisson: **1940-1945: Anos eróticos Vol. 2 - Da grande prostituta à vingança dos machos**. Os oficiais da Wehrmacht, as forças armadas nazistas, usufruíam a noite parisiense como privilegiados turistas de guerra. Vindos do front oriental, eles aproveitavam horas de puro deleite e diversão. E isso na melhor das companhias - charmosas e elegantes mulheres francesas. Calcula-se que durante os quatro anos da Ocupação, quando a região norte da França ficou sob o poder da Alemanha (Paris incluída), 100 mil mulheres francesas se tornaram prostitutas ocasionais para servir à clientela nazista. Nesse período, nasceram 200 mil crianças bastardas. Esse episódio, que ficou conhecido como "a colaboração horizontal".

Um exemplo que podemos citar é a Batalha de Stalingrado e de Al Alamein, foram vitórias circunstanciais que contribuíram, para a “virada de maré” nos dias nebulosos de 1942-1943. Essas duas batalhas não podem ser vistas ou interpretadas como equivalentes. Stalingrado levou a derrota vinte divisões do eixo no setor central da principal linha de frente. El-Alamein teve como saldo a derrota de apenas seis divisões do Eixo em teatro de ação periférico, de modo que, juízos morais não podem se pautar na ilusão de que um assassinato em massa lançado, pelo inimigo seja prova de malignidade abominável enquanto um assassinato em massa cometido pelo seu aliado seja meramente um erro infeliz.

Durante nos a historiografia oficial se ateve a nos mostrar as atrocidades cometidas na Europa Ocidental; a Oriental esteve à margem de análises mais concisas por parte dos historiadores ocidentais até pelo difícil acesso as informações sobre este front.

Ao passar dos anos alguns aspectos da guerra na Europa Ocidental, foram ultrapassadas por uma infundável onda de informações sobre os vastos horrores na frente oriental.

Nos anos de 1960, veio a noticia dos vinte milhões de mortos soviéticos na guerra, bem como a percepção, largamente inspirada por Kruchov e Soljenitsin de que o gulag soviético constituiria um crime em massa numa escala inimaginada antes. Nos anos de 1970, soube-se do caráter único do holocausto e começou-se a imaginar como ele se encaixava no contexto maior. Nos anos de 1980, historiadores como Bullock ousaram examinar Hitler e Stalin em paralelo. E nos de 1980, o colapso da União soviética finalmente sentenciou os refutadores do gulag, mostrando que Robert Conquest e outros críticos da URSS estavam muito mais perto da verdade do que muitos desejavam reconhecer. [...] (DAVIES, 2009, p.27).

É nítido que historiadores ocidentais dedicaram longos períodos de suas pesquisas e reflexões ao holocausto; mas quando se tratava de temas como a invasão da Polônia, mesmos seu foco apenas na invasão nazista sobre este país embora cientes de que a união soviética havia invadido a outra parte, sem considerarem a zona soviética como ocupação. Havia o conhecimento de assassinatos em massa e de deportações por parte dos soviéticos, como também de atrocidades cometidas pelos alemães na Polônia. Davies (2008) nos alerta para o fato de que havia informação sobre milhares de cidades destruídas pela guerra e massacre de seus habitantes. Tinha-se ciência sobre operações colossais como Barbarossa, de tragédias como Leningrado e o levante de Varsóvia mas não se reconhecia que esses fatos eram parte da história emocional do ocidente, parte da guerra.

O conflito englobou países e impérios existentes, aqueles que ficaram fora desse conflito passaram por crises econômicas e racionamentos decorrentes do conflito global

e após 1945, com guerras coloniais. Portanto, qualquer história da Segunda Guerra é a história mundial entre 1939 e 1945 e depois, como escreveu John Keegan⁸⁰.

Os períodos de guerra não apenas marcam uma certa cronologia, dividindo tempos e tentando compreender fases dentro deles, mas tornaram-se chaves da periodização deste século e definem categorias de pensamento, conceitos que definem uma forma de pensar a história e a cultura. A partir dessa periodização, definem-se campos particulares, como arte no entre guerras, a cultura no pós guerra, a estética, a filosofia, a ideologia. O pré, o entre, e o pós a fria significam uma acomodação permanente, que estão entre, referenciados à eclosão e ao termino militar da guerra. (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 14).

È nítido que a guerra, em particular a Primeira Guerra Mundial, engendrou novas imagens e sensibilidades literárias, que propagam o horror da guerra, e por sua vez redefiniram padrões culturais para perceber e expressar temas gerais da cultura. Certo é que as duas guerras foram um divisor de vidas para milhões de pessoas. *A face da batalha* de John Keegan retrata, por exemplo, o choque da convivência, dentro das trincheiras, de soldados de diferentes grupos sociais para a política inglesa pós Primeira Guerra Mundial. Ao entender desse autor eram grupos que não se encontravam e não se conheciam. Para além da camaradagem masculina, engrenada e reforçada pela guerra, houve nova percepção da sociedade e do país. A Segunda, entretanto, trás consigo a guerra total⁸¹, não há distinção entre o front interno e externo, entre o front militar e civil. Na Primeira, quando há um maciço bombardeio sobre civis, passa a haver também mobilização maciça de todos os recursos civis, como também de uma intervenção do Estado, tornando cada indivíduo um soldado seja do front externo, seja do interno, pois:

Mulheres e homens crianças e anciãs, inválidos, robustos, voluntários e viris, pessoas físicas e intelectuais, pessoas jurídicas e morais, organizações psíquicas e espirituais, são todos envolvidos pelo turbilhão alucinante da guerra, e isso inexoravelmente, inapelavelmente. Se assim é de fato, como desgraçadamente acontece, cumpre ao cidadão, à família e ao Estado a preparação psíquica, moral e material do indivíduo, isoladamente, e da coletividade nacional, em conjunto, para que a vitória possa sorrir, com um mínimo de perdas e sacrifícios, quase sempre irreparáveis. (Apud, CYTRYNOWICZ, 2000, p.16).

⁸⁰ KEEGAN, 2008, p.39.

⁸¹ HOBBSAWN, 1995, p.51. [...]. O monstro da guerra total do século XX não nasceu já do seu tamanho. Contudo, de 1914 em diante, as guerras foram inquestionavelmente guerras de massa. Mesmo na Primeira Guerra Mundial, a Grã Bretanha mobilizou 12,5% de seus homens para as forças armadas, a Alemanha 15,4% e a França quase 17%. Na segunda guerra mundial, a porcentagem de força humana total que foi para as forças armadas esteve muito geralmente nas vizinhanças de 20%. Podemos observar de passagem que um tal nível de mobilização de massa durante anos, não pode ser mantido, a não ser por uma economia industrializada de alta produtividade e ou- alternativamente em grande parte nas mãos de setores não combatentes da população. [...].

Não se tratava apenas de proporcionar aos exércitos, toda uma retaguarda direcionada a uma infra-estrutura militar e econômica, mas sim de se preparar militarmente para bombardeiros direcionados a alvos claramente civis. Era necessário que o Estado aglutinasse esferas públicas e privadas, em permanente mobilização a seu serviço. Estado nesse momento submeteu as pessoas a uma lógica de controle que fugia a compreensão dos indivíduos. Durante o período em que Estado se encontra em guerra, o mesmo subordina o indivíduo, tirando-lhe autonomia e liberdade. A guerra invade todas as esferas do homem, não é necessário que ele esteja ativo no front. *“A partir da constituição do front interno, a sociedade deve estar sempre em prontidão, permanente mobilizada para todas as batalhas possíveis, o que se tornaria cotidiano com a guerra fria”* (CYTRYNOWICZ, 2000, p.17).

Enganam-se quem pensa que nas duas guerras mundiais apenas houve mudanças no seu caráter tecnológico em combate principalmente com o uso de armas de destruição em massa - da metralhadora, ao lança-chamas e aviões na Primeira Guerra à bomba atômica utilizada na Segunda Guerra. Houve toda uma engenharia industrial para gerar a morte e a aniquilação do inimigo⁸², sem qualquer tipo de limite em relação ao extermínio de civis.

[...] Os campos de extermínio e o genocídio perpetrado pela Alemanha não são um capítulo a parte da Segunda Guerra Mundial, mas o limite a que se chegou em uma combinação de militarismo, nacionalismo, racismo e rompimento de qualquer idéia de humanidade e de princípios morais mínimos que devem garantir que todos, indivíduos e povos, têm direito à vida e à diferença. (CYTRYNOWICZ, 2000, p.17).

As baixas causadas pela Segunda Guerra foram aproximadas entre três e quatro vezes em relação à Primeira Guerra Mundial, em outros termos, entre 10% e 20% da população total da URSS, Polônia e Inglaterra; e entre 4% e 6% da Alemanha, Itália, Áustria, Hungria, Japão e China. As perdas soviéticas podem chegar a 7 milhões, 11 milhões, ou até mesmo na faixa de 20 ou mesmo 30 milhões. A certeza que temos em relação às baixas de guerra e a de que, elas levaram mais homens do que mulheres. (HOBSBAWN, 1995).

Mas um na Segunda, era a impessoalidade da guerra, ou seja, o ato de matar e dilacerar se tornou uma conseqüência remota de apertar um botão ou virar uma alavanca. A tecnologia contribuiu para que suas vítimas se tornassem invisíveis, como não podiam fazer as pessoas evisceradas por baionetas, ou vistas pelas armas de fogo⁸³. A Segunda Guerra deixou

⁸² Ver anexos figura dois.

⁸³ HOBSBAWN, 1995, p.57. [...] Diante dos canhões permanentes fixos na frente oriental estavam não homens, mas estatísticas nem mesmo estatísticas reais, mais hipotéticas como mostraram as contagens de corpos de baixas inimigas durante a guerra no Vietnã. Lá embaixo dos bombardeiros aéreos estavam não as pessoas que iam ser queimadas e evisceradas, mas somente alvos. [...]. As maiores crueldades impessoais decididas a

como saldo o estigma de ser a maior catástrofe, quiçá a maior na história humana até então. Sabemos pouco do que passou no extremo oriente e no século XXI no Oriente Médio.

Mas o aspecto marcante é como a humanidade aprendeu a viver em um mundo em que a matança, tortura e o exílio em massa se tornaram situações corriqueiras, ou seja, experiências do dia a dia. Como definiu Hannah Arendt houve uma banalização do mal, termo utilizado por ela para demonstrar a falta de profundidade evidente que caracterizou o culpado, de forma que o mal inegável e extremo ao qual organizou seus atos não podia ser atribuído nem às suas convicções ideológicas sólidas, nem às suas motivações especificamente malignas.

Sendo assim, a necessidade e a realidade cotidiana nua e crua é que preparam o caminho para um mal tão banal, que chega a ser cometido por pessoas comuns. Dessa forma, a “ausência de pensamento” dos indivíduos os leva serem incapazes de resistir ao mundo que a ideologia constrói, levando tais pessoas a se basearem em regras de conduta de determinadas sociedades e épocas, caracterizando a idéia de que o mal não tem profundidade ou dimensão maligna.⁸⁴

2.4 CORPOS, TECNOLOGIAS BÉLICAS E POSTURAS

Afirmamos que toda experiência da guerra, se resume a experiência do corpo, isso é fato. Em uma guerra, são os corpos que desencadeiam a violência, assim como sofrem desse mesmo ato. A guerra e o fenômeno bélico são tão parecidos, que fica difícil separar a “história da guerra” de uma antropologia histórica, que vise relatar as experiências corporais conduzidas pela atividade bélica. O período 1914-1945 abarca as duas grandes guerras, quando poucas pessoas puderam subtrair seu corpo da experiência da guerra quando o combate assumiu o sentido de uma obrigação generalizada.

[...] é com os dois conflitos mundiais que se produz verdadeiramente a transposição do limiar. De 1914 a 1918, 70 milhões de ocidentais foram assim convocados às armas. [...] Pouco mais de duas décadas depois, a Segunda Guerra vai mobilizar em escala maior ainda: 87 milhões de ocidentais envergaram o uniforme em, um conflito de duração mais longa, é verdade. Alguns países exercem uma pressão de recrutamento mais forte que na guerra precedente. Onde a Rússia mobilizara cerca de 17 milhões de homens entre 1914 e 1917, a União Soviética mobilizou mais de 34,5 milhões de homens a partir de 1939. [...] (ROUZEAU, 2008, p.365-366).

distancia de sistema e rotina, sobretudo quando podiam ser justificadas como lamentáveis necessidades operacionais. [...].

⁸⁴ARENDR, 2008.

Por meio das idéias de (Rouzeau, 2008) é evidente que essa massa militarizada não conheceu, de fato, a própria experiência do combate. A autora entende que as dificuldades de logística e de administração das Forças Armadas levam ao aumento do número dos militares não combatentes, por conseqüência eleva-se o seu número dos militares. Logo, há um aumento daqueles que não eram levados a combater na infantaria em que as provas corporais são mais bruscas. A Segunda Guerra levou ao calor da guerra não somente aos combatentes pois as atividades bélicas lançavam tantas raízes no tecido social das nações beligerantes, que os corpos dos civis sofreram com as restrições das mobilizações econômicas e sociais.

[...]. Alvos indiretos através do esgotamento dos corpos mediante as privações materiais, alimentares em particular, ou ainda pelos longos deslocamentos ligados aos êxodos em massa e aos deslocamentos forçados. Alvos diretos através das matanças relacionadas com as invasões e ocupações, com os bombardeiros estratégicos com a fome (organizada ou não), com as deportações, enfim (com ou sem intenção exterminadora). [...] (ROUZEAU, 2008, p. 366).

A experiência corporal da Primeira para a Segunda Guerra traduzida em números: no primeiro conflito, houve um saldo de mortos de aproximadamente de 8,5 milhões de ocidentais, em geral, combatentes pois as perdas civis foram baixas; na Segunda Guerra houve o dobro de combatentes mortos, em torno de 16 ou 17 milhões com a espantosa marca de 21 a 22 milhões de civis, na Europa, lembrando que, a esses números, ainda se somam a imortalidade indireta:

As duas guerras mundiais da primeira metade do século XX envolveram a totalidade das populações dos países beligerantes tanto os combatentes quanto os não combatentes sofreram. No transcurso do século, no entanto o preço da guerra deslocou-se cada vez mais das forças armadas para a população civil, não só como vítimas, mas, de maneira crescente como objetivo de operações militares ou políticos militares. O contraste entre as duas grandes guerras mundiais é dramático: apenas 5% dos que morreram na Primeira Guerra eram civis; na Segunda Guerra Mundial subiu para 66%. [...] (HOBSBAWN, 2007, p.27).

Ao findar da Segunda Guerra parece que a experiência corporal da guerra deixa de ser uma banalidade social para se tornar uma exceção. Além do mais tende, a ser compartilhada por voluntários que se comprometem a lutar longe de suas metrópoles. Fica claro que, com término da Segunda Guerra e os conflitos que vieram posteriormente e pelos atuais (Afeganistão. Iraque, etc...) a experiência corporal do combate foi se distanciando das sociedades ocidentais, ainda por cima amplamente desmilitarizadas em cortejo com a primeira metade do século. *“Ao final deste último tudo se passa como se a experiência do fogo se*

houvesse tornado inconcebível apara a grande maioria. Malgrado a ameaça do terrorismo-muito difundida de fato. (ROUZEAU, 2008, P.368).

O atentado corporal cometido pela guerra, seja como combatente ou civil, escapou dos nossos horizontes, mas não deve ser descartado pois a violência extrema do século XX, essa está presente no cotidiano seja na forma de fascinação, vitimização e des-realização. O soldado do início do século XX (Guerra Boers, Criméia, Bálcãs) tem como uma de suas características o combate em pé, ereto, em determinadas situações ajoelhado. Essa postura é em virtude do uso do fuzil de pólvora, sua principal arma de assalto. Capaz de projetar uma bala esférica, lenta pouco penetrante, a uma distancia pouco penetrante, a uma distancia que se aproxima de centenas de metros. Um soldado que já obteve certa experiência conseguiria recarregar essa arma somente em pé, atividade que poderia ser praticada uma ou duas vezes. Sendo que nesta mesma posição o soldado descarrega seu fuzil.

[...] Essa técnica do corpo para usar aqui a celebre expressão de Marcel Mauss, está longe de constituir uma questão secundária. A posição vertical do soldado é não apenas imposta pelas condições tecnológicas do combate, mas é também altamente valorizada e valorizadora aos olhos dos próprios combatentes. Todos um ethos da batalha estigmatiza os comportamentos corporais instintivos que consistem em enfiar a cabeça nas espáduas e abaixá-la sobre o fogo. [...]. No extremo perigo do campo de batalha, fica-se de pé. Fisicamente, mas, ao mesmo tempo, supõe-se, moralmente. Trata-se portanto de ficar moralmente visível, e não ao contrário. Os exércitos do começo do século XX conservaram muitos traços dessas exigências antigas em termos de postura ereta e de estética de combate. [...] (ROUZEAU, 2008, p.369).

No início do século XX, os soldados ocidentais eram submetidos há rigoroso treinamento físico-militar que visava à primazia da postura do corpo por meio da ordem unida e posição de sentido. Os gestos de apresentação das armas se escrevem na continuidade de muitas exigências do combate em uso, ou seja, visava-se à construção de um corpo militar apto formar um corpo comum, que tivesse como sustentação o autocontrole e a impassibilidade que solicitadas em combate deveriam surtir efeito.

Na Grande Guerra houve alteração considerável na técnica de combate dos exércitos até as guerras atuais, em virtude da periculosidade no campo de batalha, as exigências da proteção individual fazem com que o soldado tenha de agachar, ou para maior segurança, ficar deitado. Essa modificação da postura corporal reflete a evolução tecnológica, presente nos armamentos militares. Se antes no início do século XX um fuzil era capaz de disparar um projétil lento, na Primeira Guerra o mesmo armamento é capaz de disparar dez projéteis por minuto sob a forma de balas cônicas, rápidas, giratórias que causam feridas muito graves à distancia útil de uns seiscentos metros - ferem e matam em silencio.

[...]. A esta nova eficácia do fuzil individual vem somar-se a da metralhadora, arma típica da guerra industrial, capaz de erguer a sua frente uma muralha de balas à razão de 400 a 600 projeteis por minuto. Do outro lado, o poder de fogo da artilharia se multiplicou por dez em comparação com o poder que tinha no começo do século XIX. Ela agora domina o campo de batalha em uma profundidade de vários quilômetros. Deu-se então uma ruptura capital desde o primeiro conflito mundial, em cujo decurso as sociedades ocidentais transpõem um limiar de violência decisivo em termos de atividade bélica. (ROUZEAU, 2008, p.375)

Desde os anos de 1900, com efeito, a nova periculosidade dos campos de batalha impõe ao soldado ocidental, tentar proteger seu corpo, por meio de ações físicas tais como: agachar para se locomover na área exposta, rastejar e deitar-se quando estavam sobre fogo inimigo. Essas práticas corporais estiveram presentes ao longo do século, principalmente na Segunda Guerra, conforme filmes de épocas e registros fotográficos. A evolução bélica partir da Primeira Guerra não influi somente nas táticas de combate, e na modificação de compreensão de guerra contemporânea pois, até o início do século XX, ela trás consigo o desaparecimento de elementos presentes ao combatente, tais como guerrear em pé.

2.5 RUMO À URSS - OPERAÇÃO BARBAROSSA

Antes mesmo de tornar-se o Führer da Alemanha nazista, em seu livro “*Minha Luta*”, Hitler demonstra os seus argumentos (convincentes ou não) para um futuro confronto com a Rússia. Sua principal idéia é a de que o bolchevismo roubou do povo russo a elite educada, que criou e deu suporte à sua existência como Estado. Mas não reconhecia a cultura do povo russo, menos ainda a influencia do eslavismo. Apoiado em contestações históricas, vazias e sem fundamentos que partiam apenas de suas reflexões, ele afirma que na Rússia houve “*sim um maravilhoso exemplo de eficiência como criadores de Estados, dos elementos germânicos no seio de uma raça inferior*” (HITLER, 1920, p.608).

Segundo ele, a infundada questão da raça e conseqüente superioridade cultural alemã possibilitaram que povos inferiores como a Rússia formassem e mantivessem, ao longo de séculos, sua formação política e cultural. Os responsáveis por usurpar e destruir essa cultura da Rússia teriam sido os judeus mediante o movimento bolchevique. A Rússia estaria dominada por uma doença diagnostica como: judaísmo. Como os russos seriam fruto de raça inferior, eram incapazes de se livrarem dessa maledicência que, desde a Revolução, consumia aquele país era seria incapaz de controlar o vasto império russo.

Mas o destino seria piedoso aos russos e colocaria a Alemanha ao seu caminho para curar o mal e, o fim do domínio judaico na Rússia, também seria o fim do

Estado. “*Fomos escolhidos pelo destino para sermos testemunhas de uma catástrofe que será a mais formidável confirmação da verdade da teoria racial*” (HITLER, 1920, p.610).

Conseqüentemente Hitler colocaria em prática sua política de espaço vital para aumentar o Reich rumo ao leste europeu.⁸⁵ Quanto ao pacto de amizade entre a Alemanha e a União Soviética assinado em 1939, não tinha base sólida, muito menos convincente.⁸⁶ Os objetivos das duas nações eram opostos e mesmo se confluentes, uma ruptura viria mais cedo ou mais tarde, principalmente se considerados o princípio da questão racial que guiava as ações de Hitler:

[...] Não devemos esquecer que muitos deles pertencem a uma raça que combina uma rara mistura de crueldade bestial e grande habilidade em mentir e que se julga especialmente chamada, agora, a submeter todo o mundo a sua sangrenta opressão. Não devemos esquecer que o judeu internacional, que continua a dominar na Rússia, não olha a Alemanha como um aliado mas como um Estado destinado à mesma sorte. Não se conclui, porém, nenhum tratado com uma parte, cujo único interesse está no aniquilamento da outra. Não se concluem contratos sobretudo com indivíduos para os quais nenhum contrato seria sagrado, pois que eles não vivem neste mundo como representantes da honra e da verdade, mas sim como representantes da mentira, da impostura, do furto, do saque, do roubo. Pensar em poder concluir relações contratuais com parasitas assemelha-se à tentativa de uma árvore em, para vantagem sua, fazer um acordo com um agárico. [...] (HITLER, 1920, p.614).

Conforme Mazower (2013), no principio dos de 1940, Hitler estava próximo de transformar em realidade, a visão continental delineada no início dos anos de 1920: *no fim do outono de 1941, ele esperava que o Eixo fosse o senhor militar incontestado da Europa. A Alemanha controlaria em território que se estenderia do Atlântico ao Cáucaso* (MAZOWER, 2013, p.180).

⁸⁵ SERENY, 2007, p. 16. [...] a verdade é que mesmo depois de julho de 1941, embora quantidades enormes de soldados das Wehrmacht e de civis incluídos, logicamente, diplomatas da Europa Oriental se houvessem tornado perfeitamente conscientes das matanças nas áreas conquistadas dos países bálticos e da União Soviética, o mundo não percebeu que aquilo era o início de um planejado genocídio dos judeus na Europa. Preferiu-se aceitar a interpretação dos alemães de “ações de guerra”, uma atitude psicológica de negação que [...] perduraria, pelo menos se considerada do ponto de vista legal, durante o restante do século 20.

⁸⁶ HITLER, 1920, p. 618. Nas palavras do próprio líder nazista [...] Não se objete que, no caso de uma aliança com a Rússia tenha logo desaparecer a hipótese de guerra ou que, no caso afirmativo, possa ser feita uma preparação fundamental para a mesma. Uma aliança, cujo objetivo não compreenda a hipótese de uma guerra, não tem sentido nem valor. Alianças só se fazem para luta. Embora, no momento de ser realizado um tratado de aliança, esteja muito afastada a idéia de guerra, a probabilidade de uma complicação bélica é, não obstante, a verdadeira causa. E não se pense, por acaso, que qualquer potência interprete de outra maneira uma tal aliança. Ou uma coligação russo-alemã ficaria só no papel - e nesse caso seria para nós sem significação e sem valor - ou se transformaria das letras do tratado, em realidade visível, e o resto do mundo ficaria de sobreaviso. Como é ingênuo pensar que a Inglaterra e a França, em tal caso, esperariam um decênio, até que a aliança russo alemã tivesse terminado os seus preparativos técnicos para a luta! Não. A tempestade cairia de chofre sobre a Alemanha. Assim, pois, o simples fato de uma aliança com a Rússia é uma indicação da próxima guerra. O seu desenlace seria o fim da Alemanha.

Hitler acreditava numa invasão rápida e sem grandes prejuízos ao exército alemão, mas essa convicção da vitória fácil frente ao exército vermelho não era compartilhada por todo governo nazista. Segundo testemunhos de militares da frente de combate (BEEVOR, 2009) acreditavam que estariam em casa para comemorar o Natal de 1914 com suas famílias⁸⁷:

The ensuing struggle, which encompassed a region totaling roughly 600,000 square miles, lasted for almost four years before the Soviet Army triumphantly raised the Soviet flag over the ruins of Hitler's Reich's Chancellery in Berlin in late April 1945. The war on the Eastern Front —the Soviet Union's self-proclaimed "Great Patriotic War" — was one of unprecedented brutality. It was a war to the death between two cultures, which killed as many as 35 million Russian soldiers and civilians; almost 4 million German soldiers and countless German civilians; and inflicted unimaginable destruction and damage to the population and institutional infrastructure of most of central and Eastern Europe [...] (GLANTZ, 2005, p. 1).

Essa ofensiva contra a União Soviética tinha como objetivo primordial erguer uma barreira contra a Rússia asiática na linha geral “Volga - Arcangel” que eliminaria a então União Soviética como potência industrial. Para que essa “epopéia” tivesse sucesso, ao entender de Hitler era necessário aniquilar dois países: França e Inglaterra, com a derrota de ambos o Reich poderia concentrar suas forças no confronto com os bolcheviques. Mas com:

[...] seu fracasso em derrotar a Inglaterra que o levaria a abrir essa frente muito antes do que havia planejado. A vitória inesperadamente rápida contra a França havia mostrado o modo de um novo tipo de ofensiva a Blitzkrieg e Hitler parecia seguro de que, depois dos triunfos do Exército no oeste (e também baseando seu julgamento no lamentável desempenho do exército vermelho contra a Finlândia naquele mesmo ano) a guerra poderia chegar logo a um desfecho vitorioso [...] (MAZOWER, 2013, p.180).

O Führer se atentou a essa oportunidade como também a histórica velocidade da vitória durante o verão de 1940 e na falta de resistência no oeste⁸⁸. A URSS poderia ser eliminada de uma vez por todas sem colocar, em risco, a posição da Alemanha. Sem dúvida alguma, o maior país do mundo era o calcanhar de Aquiles de Hitler assim como o futuro sucesso de suas idéias imperialistas - sua conquista então era primordial para o governo nazista.

⁸⁷ Ver mapa em anexos.

⁸⁸ FREDEBORG. 1945, p. 56. [...] Os alemães dos estados bálticos que sempre haviam gritado por uma vingança contra os soviets, tiveram de conduzir-se com a máxima cautela; com efeito, tudo quanto poderia indicar um desejo alemão de expandir-se à custa dos soviets fora relegado a segundo plano. [...] A questão oriental fora cautelosamente estudada mesmo durante os anos de silêncio. Berlim tinha boas ligações com os estados bálticos e estava bem orientada quanto a situação local desses estados. Estava bem informado mesmo a respeito do antigo território polaco a esta linha de demarcação russa germânica. Mas do interior da Rússia, os alemães pouco sabiam.

A invasão imediata era tida não como uma forma de se impor-se contra a Rússia, mas também, uma maneira de se precaver contra futura ajuda por parte dos EUA quanto ao abastecimento de suprimentos, a URSS. O que ocorreu posteriormente e foi fundamental para que o Exército Vermelho mantivesse suas tropas supridas e assim avançasse contra o Exército Nazista. Outro fator, era o receio de bombardeios futuros por parte da URSS contra a Alemanha que geraria desconforto político frente à população alemã assim como um desgaste do partido nazista.

Por isso a operação Barbarossa tornou-se a mais bem articulada de todas as campanhas alemãs; os preparativos chegaram ao ponto de especificar como a população inimiga seria tratada. Novos e impiedosos códigos de conduta foram elaborados; esquadrões de morte da S.S foram montados para aquele que haveria de ser um combate existencial até a morte contra o maior inimigo racial e ideológico da Alemanha nazista (Mazower, 2013). Em 22 de junho de 1941 às seis horas da manhã o exército nazista começava a invasão da URSS⁸⁹. A ofensiva ignorou o tratado Ribbentrop-Molotov que garantia o pacto de não agressão entre as duas potências. Foi o próprio Ribbentrop quem deu a notícia aos jornalistas da declaração de guerra contra a URSS. Arvid Fredborg correspondente sueco que acompanhava a entrevista do ministro das relações exteriores descreve que:

[...] chegou Ribbentrop, de uniforme, acompanhado pelos seus oficiais de gabinete e um bando de auxiliares do seu ministro e do da propaganda. Num silêncio sepulcral largou a bomba: a Alemanha declarara guerra a Rússia; três horas antes tropas e aviões alemães haviam dado início ao ataque ao longo de toda a fronteira. Os vivas imediatos foram seguidos por um repentino silêncio e Ribbentrop se pôs a ler a declaração de guerra. Seguida de uma longa justificativa [...] (FREDBORG, 1945, p. 42).

A maior parte da população alemã recebeu com bons olhos a notícia mas, em alguns setores faltava entusiasmo e, de fato havia aversão a guerra entre os comunistas e antigos comunistas. Mas, em geral, os alemães aceitaram a decisão como inevitável (FREDBORG, 1945). Além dos que concordavam altos membros da Igreja, inclusive Católica de Roma, saudavam Hitler por tal feito na luta contra o bolchevismo. A exemplo, a Igreja Protestante alemã livre dirigiu-se em 12 de junho de 1941 a Hitler, com glorificações e

⁸⁹ KERSHAW, 2011, p.656. [...] Os invasores modernos mobilizaram mais de 3600 tanques, 600mil veículos motorizados incluindo blindados, 7 mil peças de artilharia e 2500 aviões. Nem todo o transporte era mecanizado: como na época de Napoleão, faziam uso também de cavalos – 625 mil deles. Para encarar os exércitos invasores, dispostos ao longo das fronteiras ocidentais da União Soviética, estavam quase 3 milhões de soldados soviéticos, apoiados por um número de tanques que estima-se agora, chegavam a 14-15mil (quase 2 mil deles do modelo mais moderno), mais de 34 mil peças de artilharia e de 8 a 9 mil aviões de combate. A escala do choque titânico que se iniciava e determinaria o resultado da Segunda Guerra Mundial e o formato da Europa por quase meio século quase desafia a imaginação.

saudações ao Führer pela sua luta contra o mal vermelho. O telegrama enviado ao líder nazista ressalta:

A união das igrejas protestantes livres envia ao senhor, meu Führer, os mais cordiais votos de felicidades para vitórias estupendas no leste, na certeza de que o senhor, como ferramenta de Deus, finalmente acabará com o poder inimigo de Deus e do cristianismo do bolchevismo, assegurando não só o futuro da querida pátria alemã quanto o da nova ordem européia. Reafirmamos nossas preces e nossa incondicional disposição ao sacrifício. Diretor Paul Schmidt bispo Melle (EBERLE, 2007, p.399)

A maioria dos civis e religiosos não sabiam sobre as atrocidades que a ofensiva alemã impunha aos soviéticos com tropas alemãs que avançavam de forma assombrosa sobre a URSS, uma série de cercos e baixas alarmantes de homens e equipamentos no Exército Vermelho.⁹⁰ Por outro lado, foi possível ao governo nazista por em prática uma “guerra racial” na campanha russa que concedeu-lhe um caráter até então sem precedentes. Muitos historiadores afirmam que a propaganda nazista desumanizou com tanta eficácia o inimigo soviético, que a Wehrmacht ficou moralmente anestesiada desde o início da invasão.

[...] Talvez a maior medida da doutrinação bem sucedida tenha sido a quase inexistente oposição interna das forças armadas alemãs à execução em massa de judeus, deliberadamente confundida coma idéia de medidas de segurança contra partisans na área da retaguarda. Muitos oficiais sentiram-se revoltados com o abandono pela Wehrmacht da lei internacional no ostfront, mas só uma minoria manifestou repugnância pelos massacres, mesmo quando ficou claro que fazia parte de um programa de extermínio racial (BEEVOR, 2011, p.31).

No outono, cerca de três milhões de soldados soviéticos já marchavam para o cativeiro alemão. Boa parte desses prisioneiros soviéticos foi tratada de forma brutal e nem retornou a seus lares. O caráter bárbaro do conflito desde os primeiros dias foi determinado pelos alemães a partir da guerra de aniquilação que tomara forma a partir de março de 1941. Os prisioneiros soviéticos não foram tratados como camaradas de armas, as convenções de Genebra foram respeitadas e comissários políticos eram fuzilados. A população civil não foi poupada e sofreu com mortes e abusos físicos por parte dos nazistas.⁹¹

[...] Do lado soviético, Stalin se recuperou de seu trauma diante da invasão e proclamou que o conflito não era uma guerra comum, mas “uma grande guerra patriótica” contra os invasores. Era necessário, declarou, formar grupos de guerrilheiros para organizar a “batalha impiedosa”. O medo mútuo da captura alimentou rápida e diretamente a espiral de barbárie na frente oriental. Mas não foi a causa primeira do barbarismo. A força propulsora era o impulso ideológico nazista para extirpar o “judaico bolchevismo” (KERSHAW, 2007, p.658).

⁹⁰ Ver figura dois anexos.

⁹¹ Walter Benjamin em seu texto “*Sobre a crítica do poder como violência*” explica bem essa atitude alemã ao afirmar que o nazismo ao ser fruto de um Governo Totalitário não se baseia em leis para exercer o seu poder, mas sim em preceitos ético-raciais. É a partir de convicções raciais que impõe e julga seu opositor, por isso conferências como a de Genebra não possui relevância ao governo nazista.

Hitler estava convicto a idéia de extirpar o bolchevismo da Rússia e, questionado se a sua conquista se estenderia até os Urais, acreditava que sim, incluindo aniquilar cidades e centros de resistência. Como aponta Kershaw, Hitler queria acabar com todas as cidades soviéticas que colocassem em cheque o poder alemão e conseqüentes conquistas. Para ele, os eslavos serviam apenas ao trabalho pesado sob coerção; a seu ver, a ética do trabalho não fazia sentido, pois tudo o que entendiam era o açoite.

O que chama atenção com Kershaw que trata da questão da conquista e ocupação da Rússia por Hitler, era a facilidade com que o líder nazista entendia a dominação. O povo russo se parece, a um primeiro instante, dócil demais ou, até mesmo animalizado a ponto de não perceber o mau que era imposto a si e sua nação pelos invasores. Outro ponto, é a futura colonização da terra russa por alemães. Ele estabeleceu as diretrizes básicas da política e os arranjos práticos para administrar e explorar as novas conquistas a partir de uma justificativa darwinista social de que seriam aos fortes, a terra.

[...] A Rússia seria sempre dominada por governantes alemães. Eles deveriam cuidar para que as massas fossem instruídas o suficiente apenas para ler a sinalização das estradas, embora fosse do interesse alemão que tivessem um padrão de vida razoável. O sul da Ucrânia, em particular a Criméia, seria colonizado por soldados agricultores alemães. Ele não se importaria em deportar a população existente para outro lugar a fim de abrir espaço para eles. A concepção era de um tipo feudal moderno de colonização: haveria um exército permanente de 1,5 a 2 milhões de homens, fornecendo cerca de 30 a 40 mil todos os anos para uso quando terminasse seu serviço de doze anos. Se fossem filhos de agricultores, ganhariam do Reich uma granja totalmente equipada em retribuição por seus doze anos de serviço militar. [...] (KERSHAW, 2007, p.663).

Mas o devaneio patético de Hitler em achar que tomaria a União Soviética ainda em 1941 começou a sucumbir ao reconhecer em um memorando⁹² que a Operação Barbarossa, poderia estender-se até 1942. É fato que os sucessos militares do verão haviam sido notáveis, mas o objetivo central que era um “nocaute” rápido na URSS não havia obtido êxito. Mesmo com as perdas vertiginosas que a União Soviética sofria o exército vermelho estava longe de ser derrotado. “*Elas continuavam a ser repostas com uma reserva aparentemente inesgotável de recursos e a lutar com unhas e dentes*” (KERSHAW, 2007, p.680).

O oposto acontecia no lado alemão; antes da batalha de Kiev, o saldo de mortos⁹³ chegavam a quase 400 mil. As substituições se tornavam mais difíceis ao passar dos meses, em setembro, por exemplo, ressalta Kershaw que total de tanques enviados a frente

⁹² KERSHAW, 2007, p.608. Essa informação se baseia em dados do autor.

⁹³ Idem, Ibidem, p.610.

oriental metade já se encontrava foram de combate, ou em diferentes estágios de conserto. Os tanques alemães Panzer VI Sd. k.f.z. 181 Tiger⁹⁴ possuíam mobilidade rápida e fácil agilidade, suas esteiras foram projetadas para terrenos áridos e não movediços. Mas com a proximidade do outono e as chuvas, muitas das estradas russas, em sua maioria de péssima qualidade, viraram um verdadeiro lamaçal, que dificultava a locomoção dos blindados alemães. Como também de carroças puxadas por cavalos usadas pelos alemães para locomover suprimentos necessários as tropas, mas com a lama “empacaram” em diversos pontos das estradas. Desse modo, as péssimas estradas soviéticas junto com o clima tornaram-se, aliados importantes do Exército Vermelho para derrotar o exército nazista.

Quaisquer que fossem os sucessos de verão as razões objetivas para que continuassem otimistas, precisavam ser revistas com cautela. Por isso a investida rumo a Moscou, com início em dois de outubro visava a uma vitória decisiva antes do inverno, pois pautava-se mais na esperança do que na expectativa. A ofensiva rumo à capital soviética mostra a última tentativa desesperada de forçar a derrota conclusiva da URSS antes do inverno e é a prova da improvisação que marcou o fracasso do plano original da Barbarossa, e não sua glória.

O jornalista Arvid Fredborg relata que Hitler em pronunciamento no palácio de esportes de Berlim em 1941 aparentou certa preocupação em decorrência da situação de suas tropas, mesmo por trás de um modelo de teatralização nazista em suas palavras. “*No entanto apesar da tempestade de aplausos, não era possível deixar de perceber uma mudança radical no homem, desde o seu ultimo aparecimento em público*” (FREDBORG, 1945, p.58).

Hitler estava sobre forte pressão como alguém que joga sua ultima cartada, ao mesmo tempo, busca convencer-se a si e aos outros de que a grande vitória do povo alemão sobre o mal bolchevique estava próxima com a tomada de Moscou. As tropas alemãs obtiveram avanços significativos no caminho a Moscou nos primeiros dias de sua ofensiva. Os russos consideravam crítica a posição da cidade; em outubro deixaram a cidade rumo a Kuibyskey. Então, os círculos militares berlinenses proclamaram que era a calma que antecedia o colapso final sem considerarem a força do povo nem o clima russo. Havia declarações de que o clima russo não traria fortes danos às tropas, uma vez, nos três últimos

⁹⁴ Em duas oportunidades, no front oriental e no ocidental, um único Tiger destruiu mais de 20 tanques aliados e impediu sozinho a passagem de uma divisão inteira antes de ser subjugado. Quase indestrutível e armado com um canhão de 88 mm, criou fama aterrorizante entre quem o enfrentou – principalmente os americanos, incapazes de fazer cócegas com seus M4 Sherman. Mas suas 60 toneladas eram um empecilho para o transporte por pontes e vias não pavimentadas. Pior que isso, exigiam demais do conjunto mecânico – um Maybach V12 de 24 litros e 700 cavalos. Mesmo assim, os alemães investiram em uma variante ainda maior, o Tiger II, com blindagem angulada e incríveis 76 toneladas de peso.

anos, a temperatura de Moscou era semelhante a de Berlim, na Europa Central, (FREDBORG, 1945).

[...] Conseqüentemente, o “inverno russo” não deveria ser esperado antes de janeiro. A 12 de novembro, apareceram algumas declarações a respeito de guerra de inverno: ansiosos, agarramo-nos com elas. A idéia básica dessas observações era que não havia temor de que o inverno fosse vantajoso aos russos. Além do mais, revelava inúmeros detalhes dos planos germânicos para uma campanha hibernal, com o propósito de provar que na realidade a Alemanha estava preparada para o que desse e viesse. Poucos dias antes fora publicada a notícia de que quase toda a indústria têxtil alemã estava trabalhando para a máquina de guerra desde outubro de 1940. (FREDBORG, 1945, p.61)

Mesmo que a campanha oriental tenha se desarticulado já no final do verão de 1941, não devemos apenas atribuir a Hitler o fracasso da operação e suas indevidas interferência em assuntos de alçada dos profissionais militares. A alegação de algumas memórias do pós-guerra,⁹⁵ de que os militares alemães teriam vencido a guerra no leste se tivessem feito à sua maneira, é prepotente e auto-defensiva. Fato é que os problemas crescentes dessa operação foram, em última análise, conseqüência de erros calamitosos do cálculo que a União Soviética seria derrotada facilmente pela onda devastadora do *Blitzkrieg*⁹⁶. Fundada em pressupostos altamente otimistas, em subestimação grosseira do inimigo, como também em recursos bastante limitados. Houve sim um erro de cálculo de Hitler, compartilhado por seus planejadores militares.

Logo este conflito mortal entre soviéticos e alemães permaneceu na memória de ambos os povos por longo tempo.⁹⁷ Ao caso russo em especial, por muitas

⁹⁵ HART, I. **O outro lado da colina da colina**. Ed: Biblioteca do Exército; Rio de Janeiro, 1983. Hart por meio de entrevistas feitas logo após o termino da Segunda Guerra com alguns Generais do alto escalão de Hitler tenta traçar uma resposta para a derrota alemã. Muitos dos Generais são contundentes em afirmar que a derrota alemã se deu principalmente pelas intromissões de Hitler em assuntos militares o que resultou em um fracasso total. De acordo com Liddel Hart o General Günther Blumentritt, Hitler insistira nas intenções russas de atacar a Alemanha ainda em 1941. Seu ataque seria, assim, uma ofensiva preventiva. O Gen. Rundstedt, contudo, disse que encontrou pouca ou nenhuma evidência de preparativos russos para uma ofensiva, quando seu Grupo de Exércitos Sul invadiu a região da Ucrânia. O plano de Hitler, aceito com muita relutância pelo Alto-Comando, previa a destruição do exército soviético a oeste do rio Dnieper, em operações de cerco utilizando tanques. Quando esse objetivo mostrou-se impossível de ser cumprido, ele seguiu o erro de Napoleão e ordenou uma penetração mais profunda no território russo. Gen. Guderian também volta à cena neste ponto, relatando que fez tudo ao seu alcance para convencer Hitler a cancelar sua ordem de desviar os tanques do eixo de ataque de Moscou para a Ucrânia. De acordo com Guderian, tivessem os tanques continuado em sua ofensiva original, Moscou poderia ter sido atingida em setembro, e não em fins de novembro, já com o inverno a pleno vapor. A insistência de Hitler em não recuar suas tropas para formar uma linha defensiva durante o inverno possibilitou aos soviéticos montar uma ofensiva que desmontou todo o centro das posições alemãs, impossibilitando a retomada dos ataques naquele setor em 1942.

⁹⁶ Um desses fundamentos se deve a fácil derrota soviética ao exército Finlandês em 1940. Hitler observou de perto esse conflito e tirou daí muitas “conclusões” indevidas sobre o poderio do exército vermelho. Achando que se força militar soviética sucumbiu, frente a um inimigo tão inofensivo quanto a Finlândia, em confronto com os alemães seriam massacrados.

⁹⁷ VALLAUD, 2012, p.14. As diferentes versões da Historia Oficial da “Grande Guerra patriótica” designação da reação soviética à operação Barbarossa mereciam por si só um estudo comparativo, que, aliás, já foi

gerações foi responsável por moldar o imaginário da população durante décadas, principalmente no período da Guerra Fria. Apesar da sua escala, escopo, custo e impacto global, a Frente Oriental ainda é mal entendida pelos ocidentais o que deturpou a história da Segunda Guerra, mascarando o Exército Soviético e sua contribuição para a vitória dos aliados, David Glantz (2009), afirma:

Those in the West who understand anything at all about the East-ern Front regard it as a mysterious, brutal four-year struggle between Europe's most bitter political enemies and its largest and most formidable armies. During this struggle, the Wehrmacht and Soviet Army waged war over an incredibly wide expanse of territory; the sheer size, physical complexity, and severe climatic conditions in the theater of war made the conflict appear to consist of a series of successive and seamless offensives punctuated by months of stagnant combat and periodic dramatic battles of immense scale such as the Battles of Moscow, Stalingrad, Kursk, Belorussia, and Berlin. The paucity of detailed information on the war available in the English language reinforces the natural American (and Western) penchant for viewing the Soviet-German War as a mere backdrop for more dramatic and significant battles in western theaters, such as El Ala-mein, Salerno, Anzio, Normandy, and the Ardennes Offensive (Glantz, 2009, p. 3).

Segundo David Glantz, esta visão distorcida da guerra tão comum no Ocidente é compreensível, já que a maioria das histórias sobre os conflitos derivados da Barbarossa baseiam-se principalmente em fontes alemãs e de Generais que escreveram no pós-guerra. Fontes que descrevem a guerra como uma luta contra um inimigo sem rosto e sem forma, cujos atributos se resumem a uma oferta ilimitada de recursos naturais e humanos. E isso quando não se percebe, ao lê-las, uma fascinação doentia, ou até uma admiração pelo guerreiro germânico.

Fora desse mosaico de memórias derivadas de fontes alemãs que traçam os fracassos da ofensiva Barbarossa sobre a União Soviética, David Glantz apresenta três momentos decisivos para a vitória soviética. Primeiramente, a Batalha de Moscou em dezembro de 1941; nesse instante o exército alemão contava com essa vitória e a conseqüente vitória da guerra mas a chance se foi com a derrota. A seguir, a Batalha de Stalingrado em 1942. Uma combinação da operação Blau⁹⁸ essa foi uma segunda ofensiva, a derrota das

parcialmente realizado. Entretanto, as duas versões principais a do tempo de Stalin e a do tempo de Khrushchev revelam-se incompletas: a primeira se propondo a valorizar, como se pode imaginar, o papel decisivo do “Guia”, a outra denunciando todas as suas deficiências e perversidades. Essas duas versões têm em comum o fato de serem instrumentos de propaganda.

⁹⁸ Em 28 de Junho de 1942, marca o início da operação Blau, ou operação azul, que o foi o nome de código dado pelos alemães à avançada para leste a partir da Ucrânia em direção ao rio Volga e ao Cáucaso, com o objetivo de isolar a URSS dos campos de petróleo daquela região. A operação vai-se prolongar durante o Verão, Outono e Inverno e terá o seu término no início de 1943. A operação ficará, no entanto mais conhecida pelas suas conseqüências e pelos combates que vão se travar na cidade de Stalingrado, que inicialmente nem sequer era um objetivo de Hitler. A operação azul, ou caso azul (em alemão Fall Blau) representa o início do que viria a ser para os alemães o desastre de Stalingrado.

forças alemãs e conseqüente destruição do 6º. Exército e os sérios danos causados ao Segundo Exército Alemão e ao Terceiro e Quarto Exércitos Romenos como também ao Segundo Exército Húngaro e ao Oitavo Italiano - ao todo, sete exércitos derrotados em um único combate.

Isso garantiu que os alemães perderiam a guerra e eles a perderam. A questão era quanto tempo levaria a até a derrota final? O terceiro e último, o momento decisivo na Batalha de Kursk, no verão de 1943 quando os alemães colocaram-na prática a operação denominada Cidadela, que seria sua última grande ofensiva. O Exército Nazista tentou aproveitar o momento, mas falharam drasticamente. Após Kursk, tornou-se visível a derrota alemã que só terminaria em Berlim com a invasão do exército soviético que selou o fracasso total da operação Barbarossa e a ocupação dos soviéticos na Europa Central.

CAPÍTULO III

EXÉRCITO VERMELHO E A OPERAÇÃO BARBAROSSA

3.1 A GUERRA CIVIL NA URSS E O EXÉRCITO VERMELHO

Com o desmantelamento da União Soviética, historiadores tiveram como pesquisar melhor a experiência soviética em uma história mais ampla da Rússia e da própria Europa como um todo. Essas fontes se tornam ainda mais significativas ao nosso tema - a Operação Barbarossa e à eminente derrota do exército nazista a então União Soviética, uma vez que vai além da visão de fontes alemãs, com relatos e depoimentos dos próprios soviéticos.

Os arquivos alemães e as memórias relativas ao combate na frente-leste foram disponibilizados a partir de 1950 enquanto as fontes soviéticas estavam obscurecidas por dificuldade de ideologia, de acesso e também de linguagem. Mesmo quando encontramos publicações soviéticas sobre o front leste (mais populares), algumas estão comprometidas pela retórica oficial comunista que fazem do fato parecer mais propaganda do regime, ao invés de uma narrativa de experiência vivida.⁹⁹ Consciente ou inconscientemente, no entanto, as narrativas de alemães foram muitas vezes tão maliciosas como a dos soviéticos, que resulta na incompreensão dessa luta titânica que passamos a chamar de “frente oriental”.

Exemplos é o Marechal de campo Erich Von Monstein¹⁰⁰ e o Major General Von Mellenthin¹⁰¹ que escreveram sobre o combate na frente-leste, resultado de suas próprias experiências durante 1941-1943, momento em que o exército vermelho se recuperava dos expurgos da década de 1930 e da conseqüente invasão alemã.¹⁰² Conforme David Glantz, é nesse período, entre a Revolução de 1917 até aproximadamente 1930, entendemos como o Exército Vermelho se consolidou. As tropas bolcheviques que desencadearam a revolução de 1917 eram formadas basicamente por soldados marinheiros, militantes e também trabalhadores armados da guarda vermelha. Fato é que essas forças ainda em construção eram insuficientes para resguardar as ameaças que recém nascido Estado Soviético viesse a sofrer.

⁹⁹ Ver.: BENAÏM, Valerie; HALLE, Jean. **Rosa de Stalingrado**. Ed: Record; Rio de Janeiro, 2005.; Lagativa, Marcelo. **Sob as cinzas de Stalingrado**. Ed: Rocco; São Paulo, 2008.

¹⁰⁰ MONSTEIN, E. V. **Lost Victories: The War Memoirs of Hitler's Most Brilliant General**. Ed: Osprey publishing; London, 2010.

¹⁰¹ MELLENTHIN, V. **Panzer Battles**. Ed: Ballantine Books, 1971.

¹⁰² Outros altos comandantes alemães no período entre 1944 e 1945, anos em que os soviéticos alcançaram suas maiores vitórias, deixaram algumas memórias. Mas é nítido que se escaparam da captura ou da morte relutariam em falar sobre a série de derrotas que sofreram nas mãos de seus adversários. O resultado que temos é o de uma não avaliação das capacidades militares soviéticas como também uma distorção do seu real desempenho.

Pois bem, entre 1918 e 1921 período em que a Rússia (URSS) esteve envolvida em uma guerra civil¹⁰³, além de passar por uma experiência formativa política “Estado” e militar “formação do exército vermelho”. Entre 1918 e 1919 Lênin e seu comissário Trotsky usufruíam de suas linhas de transporte ferroviárias para ir de lugar em lugar, a fim de derrotar tropas inimigas contrárias a revolução de outubro. Essa tática adotada por Lênin ficou conhecida por “escalão de guerra”, forças de maior porte eram deslocadas por ferrovia para ajudar forças sucessivamente ameaçadas. Houve casos em que uma frente de infantaria foi deslocada até cinco vezes nessa guerra civil. Em última análise, o governo soviético triunfou. Como resultado essa primeira geração de comandantes soviéticos, fruto da guerra civil, criaram uma visão única sobre a guerra. Ao contrário da guerra de trincheira que marcou a primeira guerra, a civil russa possibilitou a experiência de deslocamento em grandes distâncias defendidas por um número pequeno de homens.

[...] Under these circumstances, Soviet commanders tried to integrate all tactical operations into an overall campaign plan, aiming for objectives deep in the enemy's rear. The two keys to victory proved to be concentration of superior forces to overwhelm the enemy at a particular point, and then rapid maneuvers such as flank movements, penetrations, and encirclements to destroy the thinly spread enemy. The prerequisite for such maneuvers was a highly mobile offensive force, which in the Civil War relied on armored railroad trains and cars and, especially, horse cavalry formations. The elite of the Red Army, Marshal S. M. Rudenny's 1st Cavalry Army, produced a generation of officers who believed passionately in the value of mobility and maneuver and soon embraced mechanized forces as the weapon of choice (GLANTZ, 2009, p. 25).

Por outro lado, o pós-guerra foi catastrófico para a Rússia em relação ao número de vítimas, e principalmente no aspecto econômico que impedia a manutenção de um grande exército. Em uma época de contenção de gastos em todas as esferas, o setor militar não ficaria de fora. A saída encontrada então foi fazer uma aliança militar na metade da década de vinte do século passado, com a Alemanha¹⁰⁴. O governo soviético disponibilizou aos alemães locais em seu território para que os mesmos testassem suas novas invenções militares. Ambos os lados ganharam a oportunidade de produzir e testar equipamentos que poderiam fortalecer seus exércitos. Ressaltamos que o número de armas testadas foi pequeno e, também que a reciprocidade entre os dois governos que incluía a troca de observadores para

¹⁰³ A guerra civil russa foi um conflito armado que eclodiu em abril de 1918 e terminou em 1921. Durante este período, exércitos e milícias de diversas correntes políticas se enfrentaram com o objetivo de implantar o seu próprio regime de governo. As partes em conflito incluíam ex-generais Czaristas, Republicanos Liberais (os cadetes), o Exército Vermelho (bolcheviques), milícias anarquistas (o Exército Insurgente Makhnovista), tropas de ocupação estrangeiras e o campesinato russo revoltado com a política de confisco de grãos imposta por Lênin, a partir de 1919.

¹⁰⁴ Esse tratado era para a Rússia receio de ser atacado pela Polônia por isso o desejo de se preparar militarmente. Já a Alemanha estava proibida de se armar militarmente devido o Tratado de Versalhes, por isso o alinhamento entre essas duas nações.

exercícios militares, não influenciou na maneira que os exércitos desenvolveram suas forças armadas doutrinas e teorias, que foram quase de forma independente (GLANTZ, 2009).

During the 1920, the experience of the Civil War led Soviet military writers to review all their concepts for waging war. The former tsarist officer A. A. Svechin led the strategic debate, while M. V. Frunze tried to formulate a uniform military doctrine appropriate to a socialist state. Perhaps most important, the brilliant Civil War commander M. N. Tukhatchévski and the military theorist V. K. Triandafillov developed a strategic theory of successive operations based on the Soviet military failure against Poland in 1920 and the failed German offensives against France in 1918. Put simply, they believed that modern armies were too large and resilient to be defeated in one cataclysmic battle. Instead, the attacker would have to fight a series of offensive battles, each followed by a rapid exploitation into the enemy rear and then another battle when the defender reorganized his forces [...] (GLANTZ, 2010, p.38).

Os estudos estratégicos aprimoraram o conceito tático de guerra de profundidade, que unia a nova tecnologia em especial tanques e aviões para se infiltrarem nos sistemas inimigos de defesa, pensados e praticados na Primeira Guerra mundial. A penetração nas linhas inimigas poderia chegar a cem km. O caráter dessa operação tão profunda era usar as armas mais modernas disponíveis para neutralizar, em conjunto todas as defesas do inimigo, em seguida explorar tão rapidamente que o defensor seria incapaz de se (re) organizar rapidamente. Nas palavras de Al Egorov ¹⁰⁵ *“The main and basic task of military art is to prevent the formation of a firm front, imparting a destructive striking force and rapid time to operations”* (Apud, GLANTZ, 2009, p.49).

A teoria operacional e tática soviética progrediu rapidamente em princípios da década de 1930 os generais soviéticos, passaram a fazer uso a todo vapor de forças mecanizadas funcionando em conjunto, como um time de armas onde os blindados desenvolviam um papel importante. Se com o fim da guerra civil a situação econômica da Rússia era vulnerável passado alguns anos ela se encontrava a toda vapor, agora sobre o comando de Stalin que vem a investir consideravelmente em equipamentos militares ao exército vermelho. Que possibilita a ela produzir seus blindados em larga escala, cruciais as novas táticas de guerra desenvolvidas ao longo dos anos na Rússia, mas não foram somente os tanques que tiveram sua produção aumentada, em fabricação semelhante aviões, canhões de artilharia e armamentos cresceram em grau equiparado.

¹⁰⁵ Sargento do então exército vermelho tido como um dos heróis pela propaganda soviética na derrota ao nazismo.

[...] Military theory in all major armies evolved in the same general direction, using varying degrees of mechanization to penetrate enemy defenses and thereby defeat or avoid the stalemate of trench warfare. What was unprecedented about the Soviet concept was the official sanction it received from the Soviet dictator I. V. Stalin, who geared a large proportion of his five-year economic development plans to provide the industrial capacity and production needed to implement that concept. Given the shortcomings of Russian industry during the World War and the belief that the Communist Revolution remained vulnerable to capitalist attack, it was natural that Stalin should give a high priority to the development of a munitions industry (GLANTZ, 2009, p. 57).

Glantz aponta que na década de 30 do século XX a mecanização do exército vermelho não era perfeita. Os blindados apesar de serem rápidos não possuíam um revestimento cem por cento de blindagem, mas sim superficialmente. O rádio comunicador necessário para manobras era pouco confiável. E o principal os militares que fazia uso e recebia treinamento era maior que o número de blindados, em 1935 foi autorizado uma redução no número de contingentes. Mesmo com o treinamento faltava ao soldado soviético além da experiência no controle do blindado, um corpo de especializado de mecânicos no conserto e reparos de tanques, em vista que esses veículos militares apresentavam um grau elevado de quebra e desgaste. O que evidencia que a ofensiva fizesse com que o exército vermelho negligencia-se o planejamento e o treinamento para a defensiva, ao menos no nível operacional. Passados alguns anos os “tanquistas” resolveram os problemas salientados.

Glantz ressalta que na década de trinta do século passado a União Soviética conseguiu seu grande apogeu como força militar, veio a liderar o mundo na produção de tanques, planejamento e colocação em campo de forças mecanizadas, talvez tenha sido o exército mais importante do mundo. Na Alemanha a produção militar e o desenvolvimento de novas táticas de guerra estiveram em desvantagem principalmente pela derrota na primeira guerra e o conseqüente tratado de Versalhes. Se na União Soviética Stalin deu importância no uso e produção de tanques em combate, Hitler não deu a mesma importância aos blindados na sua produção, eles eram superados principalmente pelos aviões da força aérea alemã. Os blindados atribuídos não formavam uma força única, sempre eram destinadas a infantaria e outras unidades de apoio no exército nazista.

3.2 A DESORDEM DO EXÉRCITO VERMELHO ENTRE OS ANOS DE 1937-1939

Se a União Soviética até 1937 possuía vantagem sobre o exército alemão, como apontamos até o momento, ela esfacelou-se a partir de então devido às perseguições políticas de contra militares. O Exército Vermelho ao qual ele havia servido durante a guerra

civil e havia sido poupado de execuções e prisões arbitrárias até então, mas, Stálin empreendeu a perseguição ferrenha contra militares de alta e baixas patentes do exército vermelho, que a seu ver conspiravam contra o regime bolchevique. Entre 1937 e 1939, o ditador eliminou uma geração inteira de comandantes, muitos dos quais participaram da Grande Guerra junto ao exército czarista. Mudaram de lado e passaram a lutar pelos bolcheviques na revolução e na guerra civil, tinham desenvolvido e pensado novas táticas de guerra.

Como o emblemático caso de Tukhatchevski, acusado de conspiração militar contra o governo. Em um passado recente de sua vida pesava o fato de prestado serviços a Trotsky e também de ter feito uma longa viagem a Alemanha, que pesou contra a sua pessoa. Stalin influenciado por seu secretário de defesa Vasilevsky¹⁰⁶ que cumpria as ordens do ditador cegamente, o vê como um perigo eminente ao regime, e ordena sua execução.

A mais destacada vítima foi marechal Mikhail Tukhatchevski, principal defensor da guerra móvel. Sua prisão e execução também representaram a destruição deliberada do pensamento operacional do exército vermelho, que havia perigosamente invadido os domínios de estratégia de Stálin. Antigos oficiais do exército imperial sob Tukhatchevski vinham desenvolvendo uma sofisticada teoria de “arte operacional”, baseada “no estudo da relação entre poder de fogo e mobilidade”. Em 1941, isso era uma heresia, uma traição, o que explicava por que poucos generais do Exército Vermelho haviam ousado agrupar eficazmente seus tanques contra a ameaça alemã (BEEVOR, 2010, p.39).

O interessante é que Tukhatchevski foi um dos idealizadores das táticas de combate pós revolução na Rússia e veio escrever importantes livros sobre estratégia onde recomendava em larga escala o uso da aviação e de veículos blindados em uma guerra móvel e rápida. O exército nazista fez uso dessa tática e a denominou de Blitzkrieg. Tukhatchevski era um marechal com ampla experiência e conhecimento sobre novas táticas de guerra e seria essencial para liderar as forças soviéticas contra os nazistas, qualquer governante sensato o consideraria como um chefe militar insubstituível.

A insensatez de Stalin em perseguir e matar civis, políticos e militares resultou em uma defasagem bélica do exército Vermelho, ele foi colocado as margens das prioridades de seu governo se comparado com anos anteriores a 1937. Na participação soviética na guerra civil espanhola, que é tida como um grande ensaio geral para a Segunda Guerra Mundial, esse retrocesso militar se torna evidente ao ditador Stalin e seus

¹⁰⁶ Aleksandr Mikhaylovich Vasilevsky foi um comandante militar e Marechal da União Soviética. Vasilevsky foi o chefe do estado-maior soviético e vice-Ministro da Defesa durante a Segunda Guerra Mundial, e Ministro da Defesa da URSS entre 1949 e 1953.

comandados. Ao apoiar os republicanos contra os franquistas, a blindagem dos tanques soviéticos era falha, o que facilitou sua derrota para as tropas franquistas.

[...] D. G. Pavlov, chief of armored forces and one of the most senior Soviet officers to serve in Spain returned home with an extremely pessimistic attitude. He concluded that the new mechanized formations were too large and clumsy to control, too vulnerable to artillery fire, and would have great difficulty penetrating prepared enemy defenses in order to conduct deep operations. In short, armor could not attack independently but had to be integrated with combined-arms functions. [...] (GLANTZ, 2009, p. 65).

Em resumo, além dos expurgos de Stalin contra militares, principalmente aqueles com maior experiência militar no período descrito, mostrou também através da sua participação na guerra civil espanhola um fator importante: o problema da mecanização do exercito vermelho, como descreveu Pavlov. Para tanto no ano de 1939 o governo de Stalin propõe uma comissão a fim discutir e rever essas e outras questões militares, relacionadas principalmente aos blindados. Alguns oficiais experientes foram convidados a participar assim como jovens defensores oficiais de Tukhatchevski. O relevante dessa conferência foi à criação de quatro novas divisões motorizadas que se assemelhava a divisão Panzer alemã, usada tanto como um agrupamento móvel para uma penetração limitada, ou como parte de um grupo maior de cavalaria mecanizada para uma penetração mais profunda. Em geral, os conceitos soviéticos de mecanização ligados a estrutura e força regrediram, se comparados com o que havia alcançado em 1936 (GLANTZ, 2009).

3.3 A VITÓRIA SOVIÉTICA E UMA POSSÍVEL VERSÃO DE SUA HISTÓRIA

As medidas tomadas contra seu próprio exército, no final da década de trinta do século passado por Stalin refletiam ainda, com a invasão alemã sobre a URSS, no ano de 1941. No mês de abril desse mesmo ano as relações diplomáticas entre os dois países, já dava sinal de estar em constante declínio o que colocava a diplomacia e o governo soviético em alerta para um ataque alemão nos próximos meses.

Stalin adotava uma postura pacífica mesmo com a crescente chance de ataque alemão¹⁰⁷; logo a diplomacia se tornou uma ferramenta eficaz a seu entender para

¹⁰⁷ BRAITHWAITE, 2006, p.76. [...] a determinação de Hitler de derrubar as injustas estipulações de Versalhes, disse Stalin, havia granjeado a ele apoio doméstico e alguma simpatia no exterior. Essa simpatia evaporou quando os alemães esmagaram Iugoslávia e Grécia uns poucos meses antes. Agora estavam exibindo a perigosa arrogância que vem com a vitória. Haviam passado a acreditar que eram invencíveis. Mas não havia cosia semelhante a um exército invencível. A vantagem técnica dos alemães estava desaparecendo. Mas com o declínio de Grã Bretanha e França, “somente a URSS e os EUA têm os recursos necessários. Essas potências mundiais determinarão o resultado da luta. Stalin concluiu que a política soviética de paz e

tentar acalmar o ânimo exaltado do governo nazista. A diplomacia foi usada por seu governo até o último momento a fim de manter a paz. Por outro lado, colocou em prontidão seu exército embora, no contexto da primavera de 1941, essa mobilização fosse parcial. Até que em 22 de junho de 1941, o ministro das Relações Exteriores, Molotov, em pronunciamento via rádio aos cidadãos soviéticos, declarou guerra à Alemanha:

Homens e mulheres, cidadãos da União Soviética, o governo da União soviética e seu chefe, o camarada Stalin, me encarregam de fazer a declaração seguinte: na manhã de hoje, às quatro horas, sem declaração de guerra, e sem que nenhuma exigência tenha sido apresentada à União Soviética, as tropas alemãs atacaram nosso país e fizeram bombardeios aéreos sobre Jitomir, Kiev, Sebastopol, Kaunas e outras cidades. Há mais de duzentos mortos e feridos. Ataques aéreos semelhantes a esses e ataques de artilharia foram lançados da Romênia e do território finlandês. Esse ataque contra nosso país é um ato de deslealdade sem precedente na história das nações civilizadas. Esse ataque foi lançado apesar da existência de um pacto de não agressão entre a União Soviética e a Alemanha, pacto cujas cláusulas respeitamos com o maior escrúpulo. Fomos atacados, embora os alemães não tenham tido, desde assinatura desse pacto, o menor motivo de queixa contra a URSS, que nunca falhou em cumprir suas obrigações. Assim, inteira responsabilidade desse ato de pirataria deve recair sobre os governantes nazistas (Apud; VALLAUD, 2012, 31-32)

Mesmo sob ataque alemão, Stalin acreditava ainda em um futuro acordo entre as duas partes, mas essa ambigüidade de Stalin e suas medidas prudentes de caráter defensivo, com o intuito de evitar uma derrota futura ao exército alemão gerou certa confusão, e abriu caminho para a catastrófica derrota do Exército Vermelho em 1941.

Between April and June 1941, the Soviets accelerated the process of "creeping up to war" which had in reality been under way since 1937 by conducting a concealed strategic deployment (mobilization) of forces. From April 26 through May 10, the Trans-Baikal, Ural, and Siberian Military Districts and Far Eastern Front dispatched forces to the border military districts. On 13 May, the General Staff ordered 28 rifle divisions and the headquarters of four armies (16th, 19th, 21st, and 22d) to move from interior districts to border districts, and a fifth army to assemble near Moscow. This mobilization was to be complete by 10 July. From late May to early June, the General Staff called up 800,000 reservists to fill out 100 cadre divisions and numerous fortified regions. Despite these prudent efforts, the Soviet Union was not ready for war in June 1941, nor did it intend, as some have contended, to launch a preventative war. Although the General Staff had expended more than three years in developing defensive plans and intelligence agencies had provided enough information to give clear warning, Soviet forces were poorly arrayed, trained, and equipped, and the Soviet political leadership was paralyzed by its fixation on maintaining peace, at least until 1942. Hope clouded reality, and both the Red Army and the Soviet people would pay the price (GLANTZ, 2009, p. 125).

O receio de Stalin em enfrentar o exército alemão foi sentido na capital russa. Apesar de a defesa antiaérea estar em alerta, grande parte da população civil continuava sem saber o que ocorria. Membros da burocracia soviética com ordens de permanecer em seus

segurança era ao mesmo tempo uma política de preparação para a guerra. "Não há defesa sem ataque. Temos que educar o exército no espírito ofensivo. Temos nos preparar para guerra.

escritórios viam-se imobilizados pela falta de orientação. Stalin não se pronunciava. Não havia nenhuma linha divisória entre “provocação” e guerra em escala total e, ninguém sabia o que acontecia no front. As comunicações entraram em colapso em virtude do ataque violento desencadeado pelos alemães.

Grande parte do Exército Vermelho e das unidades de fronteira, cientes das ordens de não reagir a “provocações” se viram de mãos atadas sobre o que fazer. Ao avançar das horas, Stalin continuava com esperança de uma última chance de conciliação e relutou em permitir que suas tropas revidassem. Os três exércitos dispostos ao longo da fronteira obedeceram friamente às ordens de Stalin, e viram suas brigadas de tanques que se encontravam logo atrás, serem destruídas por ataque aéreo antes que tivessem uma oportunidade de dispor as tropas em posição de combate. Ao caminhar do confronto o governo soviético vivia uma verdadeira histeria tanto na diplomacia, como na condução das tropas militares, além da proteção da população civil que se viu ao menos no início da invasão a mercê da fúria e da violência das tropas alemãs.

[...] a diretriz da Stavka de Jukvov, de 15 de julho de 1941, estabelecia “certas conclusões” após a experiência de três semanas de guerra contra o fascismo alemão. Seu principal argumento era que o exército vermelho sofrerá de más comunicações e formações grandes e lentas demais, o que simplesmente oferecera um “alvo vulnerável a ataques aéreos”. Exércitos grandes, com vários corpos, “dificultavam a organização do comando e o controle durante uma batalha, sobretudo por que muitos dos nossos oficiais são jovens e inexperientes” (aspas do autor). Embora não e tenha mencionado os expurgos sua sombra era difícil de esquecer. A Stavka escreveu ele, “acredita, por tanto, que é necessário preparar-se para mudar para um sistema de pequenos exércitos, consistindo no máximo de cinco ou seis divisões” (aspas autor). Esta medida quando acabou sendo introduzida, melhorou imensamente a rapidez de realização, eliminando em grande parte o nível de comando do corpo entre divisão e exército (BEEVOR, 2010, p.42).

Um dos principais fatores para que o exército vermelho se mantivesse firme contra os alemães, no início da operação Barbarossa foi à bravura dos “Ivan” como eram chamados os soldados deste exército. Os militares alemães logo descobriram que os soldados soviéticos cercados ou superados em números continuavam a lutar, quando seus “colegas” de exército ocidental já teriam se rendido. Muitos soldados soviéticos que com bravura lutaram mas foram capturados e tornados prisioneiros em campos nazistas, na sua libertação de 1945, ao invés de serem tratados como heróis foram mandados para o Gulag. A decisão de Stálin tinha como fundamento a idéia de que aquele houvesse caído em mãos inimigas era um traidor - medida essa válida até para o seu filho, capturado em 1941.

Para que o soldado e a população civil lutassem com esse brio contra os invasores, Stalin e o aparato do partido comunista, se viram na necessidade, de livrar-se de

certos clichês marxista e lenista. A partir daí nasce então à expressão “grande guerra patriótica”, ainda no ano de 1941. Neste mesmo ano na comemoração da Revolução de Outubro, o governo de Stalin invocou os heróis distintamente não proletários da história russa: Alexandre Neviski¹⁰⁸, Surovov¹⁰⁹ e Kutuzov.¹¹⁰

A preservação da reputação pessoal de Stalin foi muito ajudada pela ignorância política da maioria da população. Pouca gente de fora da *nomenklatura* e da *intelligentsia* bem relacionada associava-o diretamente à recusa a reconhecer a ameaça da Alemanha e aos desastres do início de julho. Stalin, em sua transmissão radiofônica de 3 de julho, não assumiu, claro, nenhuma parte da culpa. Digiriu-se ao povo como “irmãos e irmãs” dizendo-lhes que a pátria se achava em grande perigo, com os alemães avançando em profundidade na União Soviética. Considerando todos os aspectos, essa admissão, com sua franqueza sem precedentes, fortaleceu o estado de espírito do país, porque até então os comunicados oficiais haviam falado apenas de pesadas perdas infligidas ao inimigo [...] (BEEVOR, 2010, p.43).

Mesmo com o que se pensa do stalinismo, não nos resta à menor dúvida ao fato, que sua preparação ideológica através de alternativas deliberadamente manipuladas possibilitou criar argumentos de extrema eficiência para a guerra total. Todas as pessoas que pensavam certo tiveram de aceitar que o fascismo era o mau e precisava ser destruído por quaisquer meios. O fascismo tinha como um de seus objetivos primordiais a destruição do partido comunista logo esse deveria liderar a luta de expurgo contra esse inimigo. Esse ódio do fascismo ao comunismo pode ser captado no romance de Vasili Grossmann: “O ódio que o fascismo tem por nós” declara Monstvskoï, um velho bolchevista que se desentendeu com o stalinismo “é mais uma prova de longo alcance da justiça da causa de Lênin”.¹¹¹

Mas os argumentos políticos tinham relevância secundária para a população, pois o grande estímulo era nutrido por um patriotismo visceral. O cartaz “meu filho”¹¹² ilustra bem a questão do patriotismo, atrás dessa senhora percebemos os escombros fumegantes da casa da família, ela implora ao filho para que lhe ajude a salvar o país. Esse cartaz possui uma sutileza enorme, sendo eficaz na luta contra o nazi-fascismo.

¹⁰⁸ Foi o grande líder da Rússia medieval, e ajudou a preservar sua identidade ortodoxa durante o período de incessantes ataques vindos do leste e oeste é considerado pela igreja ortodoxa um santo.

¹⁰⁹ Um dos maiores Generais da História da Rússia no século XIX tendo nunca perdido uma batalha.

¹¹⁰ Tido como um bravo General e comandou nas guerras napoleônicas.

¹¹¹ GROSSMANN, V. **Vida e destino**. Ed: Dom Quixote; São Paulo, 2011, p.78.

¹¹² Consultar anexos.

Quatro milhões de pessoas ofereceram-se como voluntários para a milícia *opolchentsi*. O desperdício de vidas foi tão terrível que é difícil compreendê-lo: uma carnificina cuja inutilidade talvez só tenha sido excedida pelo rei zulu conduzindo à força uma *impi* (unidade) de seus guerreiros sobre um penhasco para comprovar a disciplina deles. Esses soldados destreinados muitas vezes sem armas e vários em trajes civis, foram praticamente atirados contra as formações de Panzers da Wehrmacht. Quatro divisões de milícias foram quase totalmente dizimadas antes mesmo que se iniciasse o cerco de Leningrado. Famílias que ignoravam a incompetência e o caos no front, com embriaguez e saques, ou as execuções do NKVD, pranteavam quase sem crítica o regime. A raiva era reservada ao inimigo (BEEVOR, 2010, p.45).

Se a população abraçou a causa em favor da pátria mãe de forma enérgica e calorosa doando, sua própria vida pela nação, que de fato foi uma maneira deslumbrante da propaganda ao clamar a união de seu povo. Por outro lado, o governo soviético, cometeu um sério erro, que não era nem a surpresa estratégica, tática, mas sim institucional. Com o desencadear da operação Barbarossa em 1941, o exército vermelho e a força aérea estavam em transição, mudando sua organização, liderança, equipamentos, treinamentos da disposição dos soldados e os planos de defesa. Hitler invadiu no momento certo, no instante em que suas forças armadas estavam perto do seu melhor. Enquanto seu arquiinimigo estava vulnerável. Essa é a surpresa institucional que foi o maior responsável pelas derrotas catastróficas soviéticas em 1941¹¹³.

3.4 (RE) ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO SOVIÉTICO

Após a invasão alemã o regime soviético se viu no dever, em fazer mudanças fundamentais em seu comando, organização e unidades militares. Na crise institucional os soviéticos abandonaram temporariamente muitos de seus conceitos de pré-guerra de caráter doutrinário, as novas medidas eram necessárias para a readequação do exército vermelho a realidade da guerra moderna. As primeiras medidas se fazem vistas na nomenclatura e estrutura do comando nacional da U. R. S.S. Stalin, por exemplo, passou então, tal como Hitler, a ser o comandante em chefe das Forças Armadas soviéticas.

¹¹³ Em decorrência das reformas táticas, operacionais e físicas que o exército vermelho passava, muitos blindados em combate no ano 1941 tinham acabado de sair da fábrica. Os generais eram novos e com receios de colocar em prática novas idéias, que poderia gerar sua morte e perseguição. A força aérea vermelha representava pouco perigo para a *luftwaffe*. Embora a sua força estivesse perto dos 9576 aviões de combate, que a tornava a maior força do ar no mundo, seus equipamentos assim como do exército vermelho eram obsoletos e sofriam de uso prolongado. O grande expurgo tinha atingido aeronaves, fabricantes e designers. Aviões mais recentes como o rápido MIG-3 lutador e o excelente 11-2 *Sturmovik* de ataque ao solo, foram de certa forma superiores ao seu homólogo alemão. Mas essas aeronaves estavam apenas entrando em serviço na primavera de 1941, e muitas unidades tinham uma mistura de equipamentos antigos e novos. Treinamento de transição para qualificar os pilotos a voar com a nova aeronave prosseguiu a ritmo lento por que os comandantes da força aérea vermelha temiam que qualquer acidente de treinamento levaria a prisão e a sabotagem.

Com essa reformulação em trânsito os líderes do exército vermelho abandonaram, seus conceitos táticos e operacionais de antes do início da ofensiva alemã, ao menos temporariamente, mas preservaram a força que gradualmente foi reconstruída nos dois anos seguintes, após as primeiras derrotas no ano de 1941. A circular Stavka ¹¹⁴ de julho de 1941, dava início a reorganização da força e estrutura do exército vermelho. Primeiramente os comandantes receberam a ordem de eliminar o corpo de comando, e passarem para um exército de campo menor, com efetivos de cinco ou seis divisões de infantaria com duas divisões de cavalaria ligeira e, vários regimentos readequados a artilharia.

O resultado dessa (re)organização possibilitou aos exércitos se tornarem mais eficazes além de possibilitar aos comandantes o controle direto sobre as divisões de infantaria. O interessante, segundo Glantz (2009), é que, essas “semi-divisões” de aproximadamente 4.400 compostas por três divisões de infantaria tornaram-se mais práticas e de fácil controle aos inexperientes comandantes soviéticos. Nesse instante o exército vermelho deixa de lado o seu conceito de grandes unidades mecanizadas, para se juntar uma infantaria de suporte.

Esta mesma circular expandiu as unidades de cavalaria com a vinculação de trinta divisões de cavalaria ligeira. Aparentemente os comandantes soviéticos com a criação e também expansão da cavalaria tentavam recuperar, a mobilidade de seu exército, mesmo cientes das fraquezas dos cavalos no campo de batalha. Essa atitude por parte dos soviéticos tornou-se motivo de “chacota” entre os alemães, que viam essa atitude dos soviéticos como um anacronismo sem esperanças. Devido à falta de meios de transporte os comandantes soviéticos pressentiam que não havia outra escolha. Fato é que no inverno entre 1941-42 com inutilidade de todas as unidades mecanizadas, em decorrência do frio e da neve, as divisões de cavalaria a cavalo e, os batalhões de esquí recém criados mostraram-se eficazes a longo prazo no caminhar da guerra.

Outra mudança circunstancial se relaciona aos conceitos e práticas operacionais soviéticas, que não ocorreu entre 1942-43, mas sim durante a crise de 1941. Dentre as instruções emitidas prezava-se em alertar os comandantes soviéticos, seja em ataque como em defesa a buscar os flancos alemães, com o intuito de penetrar nas áreas de retaguarda alemã. Essa tática foi extremamente apropriada em virtude das condições de dezembro de 1941 ¹¹⁵ (GLANTZ, 2009).

¹¹⁴ Termo usado para se referir ao alto comando soviético

¹¹⁵ Seja atacando ou defendendo, muitos oficiais soviéticos tendiam a manobrar suas unidades como blocos rígidos fazendo ataques frontais diretos contra as fortes concentrações alemãs.

Em relação ao contingente do Exército Vermelho há elemento circunstancial na manutenção e recomposição dos soldados. Durante grande parte da década de 1920 e 1930, o exército vermelho mantinha uma mobilização baixa de homens em tempos de paz. Para tanto apresentava um número elevado de reservistas e voluntários que, em tempos de guerra, tornar-se-iam combatentes. Até o momento da invasão alemã, a união soviética tinha aproximadamente 14 milhões de homens com pelo menos treinamento militar básico. A existência desse conjunto de reservistas treinados deu ao exército vermelho, uma profundidade e resistência que foi em grande parte invisível aos observadores alemães.

Ao que diz respeito às indústrias soviéticas localizadas em sua maior parte na Ucrânia oriental e Leningrado, houve por parte dos soviéticos um plano de evacuação emergencial, ainda no ano de 1941 rumo aos Urais e Sibéria. Em Leningrado onde havia um potencial considerável de indústrias, em virtude do massivo avanço alemão apenas noventa e duas indústrias conseguiram ser deslocadas. Todo o maquinário evacuado pelo governo chegou a locais remotos da U. R. S.S em uma agenda confusa, escalonada e com apenas uma parte de sua força de trabalho qualificada. Outro agravante foi o inverno rígido de 1941, que dificultou a construção de bases para qualquer tipo de estrutura industrial. De qualquer forma as máquinas foram descarregadas e remontadas dentro de edifícios de madeira em sua maioria, sem qualquer tipo de aquecimento e com o mínimo de infra-estrutura.

A indústria soviética já tinha sido totalmente militarizada com a criação de uma comissão militar-industrial em 1938, e bens primários estratégicos haviam sido estocados desde então. Contudo, os planos estavam longe de acabados quando a Barbarossa eclodiu e a Wehrmacht invadiu algumas regiões, especialmente o noroeste e a Ucrânia, onde sessenta por cento das fábricas soviéticas de armamentos ficavam localizadas na época. Evacuação em massa, portanto, foi ordenada. Em 29 de junho de 1941, foi assinado um decreto para a remoção de 11 fábricas de aviões. A partir daí, teve início uma torrente de evacuações. Fábricas inteiras foram desmontadas e, junto com estoque e operários, colocadas em vagões e mandadas para o leste. Um total de 450 comboios de trem transportou, apenas de Kiev, 197 fábricas e 350.000 trabalhadores. Os destinos mais comuns eram os centros metalúrgicos nos Urais, como Magnitogorsk, ou na bacia carvoeira de Kuzbass, no oeste da Sibéria. Foi um gigantesco triunfo, no melhor estilo soviético. Imensas quantidades se perderam no caminho. Mas o suficiente foi salvo para justificar a operação. Uma fábrica de trator removida de Kharkov em agosto foi convertida para a produção de tanques a 2.414 quilômetros dali, em Tcheliabinsk, nos Urais, e mandou sua primeira remessa de T-34 ao front em dezembro (DAVIES, 2009, p. 202).

O deslocamento e a reestruturação de suas indústrias foi um feito incrível de resistência e organização, que possibilitou ao exército seu contra-ataque e defesa ao exército alemão. Mas essa mudança criou certas barreiras à produção soviética, que relutou em quase um ano até atingir seu potencial, mesmo com todo esforço não foi possível ao Estado

Soviético deslocar, alguns de seus principais meios econômicos industriais. É o caso, por exemplo, das minas de carvão¹¹⁶ que produziam 60%, do total utilizado pela U. R. S.S logo sua evacuação era impossível. Em caso como este o regime soviético a fim de garantir que os invasores não usufruíssem de suas instalações e infra-estrutura as destruía, como fez também com: transporte, energia elétrica, locomotivas.

No toda a Rússia teve um tempo considerável para preparar a autodestruição e evacuação de suas fontes econômicas se comparado a porções ocidentais da Bielo-Rússia e Ucrânia. A eficácia de Moscou na evacuação e, principalmente na destruição de indústrias “chocou” os planejadores econômicos alemães que contavam a utilização de recursos econômicos soviéticos, com o fim de atingir as metas de Hitler como também de consumidores domésticos da Alemanha. Matérias primas soviéticas como o Cromo, níquel e petróleo¹¹⁷ eram essenciais para manter a guerra continua alemã em território soviético. Portanto a evacuação não só preservava o potencial soviético para futuras campanhas, como também afetava diretamente a economia alemã. Mas mesmo com todos os esforços, uma parte considerável de indústrias e principalmente alimentos caíram em mãos alemãs. Hitler com a invasão no ano de 1941, já tinha objetivos traçados em termos de recursos econômicos adicionais e, o avanço alemão procurou responder a estes objetivos (GLANTZ, 2009).

¹¹⁶ A respeito da Alemanha MAZOWER, 2013, p. 350-351 salienta que: [...] No caso do carvão a perspectiva era melhor, mas não tanto. A conquista da Bélgica, da Holanda, da França e da Tchecoslováquia aumentou de forma significativa a capacidade extrativa dos alemães. Mas em termos continentais a posição ainda não estava boa; a Alemanha era a maior exportadora de carvão da Europa, mas a França era a maior exportadora de carvão da Europa, mas a França era a maior importadora de carvão do mundo, e a Dinamarca, a Itália e a Noruega também dependiam totalmente de importações. Graças a cooperação entre administradores alemães e proprietários de minas francesa e belgas, o fornecimento recuperou-se rapidamente em 1940 e continuou até atingir o auge em 1942-3. Mas a partir daí caiu sem parar, com efeitos decisivos na população e no aço e prejuízos á estratégia de Speer em prol de uma cooperação industrial. O próprio Hitler estava bem consciente das implicações. Em agosto de 1942 ele chamou a atenção do chefe da Reichswerke, Hermann Goering, e do chefe dos produtores de carvão alemães, Paul Pleiger, dizendo que a guerra estaria perdida se a falta de carvão impedisse o aumento da produção de aço. Os contínuos bombardeios anglo-americanos no Ruhr na primavera seguinte atingiram o nó crucial da economia energética alemã e perturbaram toda a estratégia de armamento de Speer.

¹¹⁷ Energia sem dúvida era o verdadeiro calcanhar de Aquiles do esforço de guerra alemão, não comida. Mazower (2013) afirma que em 1943 os Estados Unidos produziam 67% do petróleo do mundo, enquanto a União Soviética 10%. Há também o fato dos britânicos controlarem nominalmente o Iraque independente e a Pérsia, mas enquanto a Marinha Real estava afundando submarinos na Batalha do Atlântico, foi o petróleo americano que manteve a luta. Já os alemães tinham o controle apenas dos campos de petróleo da Romênia cuja a produção estava em pleno declínio com menos de 2% do total mundial. A Europa que era o foco das ambições imperiais de Hitler era totalmente dependente de importações de petróleo, o que punha o Terceiro Reich em plena desvantagem. Sem contar o fracasso do eixo na tomada do Egito, que devido ao rígido controle britânico no país colocou, um ponto final as ambições de Hitler nesse sentido. O que tornou a conquista dos campos de petróleo soviéticos no Cáucaso os mesmos que vinham abastecendo pacificamente a Alemanha desde 1939, muito mais urgente principalmente a partir de 1942, no momento em que Hitler foi alertado por seus militares de que sem eles nenhuma operação ofensiva seria possível no ano seguinte. Paralisada pela interferência do Fuher, a Wehrmacht chegou a Maikop em agosto, e a Grozni em outubro, mas o fracasso na tomada de Stalingrado forçou as tropas a retirarem poucos meses depois. Não haveria uma solução militar para o problema energético da Alemanha até a sua rendição.

Em decorrência dessa política agrícola implementada pelos alemães na União soviética, a fome provocou conseqüências devastadoras, assim como nos guetos as crescentes taxas de mortalidade como política deliberada, só que o número de mortos nos territórios soviéticos ocupados foi ainda mais alto. Parte do problema foi um colapso de planejamento. Os cálculos alemães de quantidade de grãos que a Rússia poderia produzir era errônea tanto quanto seus preparativos para a guerra. Houve um erro de cálculo em seu volume, assim como um fracasso em prever uma política de terra arrasada que o Exército Vermelho praticou em sua retirada. *“Isso deixou a infra-estrutura econômica em tal desordem e destruiu tantos tratores e outras máquinas agrícolas que mesmo uma administração muito mais sofisticada teria de lutar para restaurar a produção aos níveis de antes da guerra”* (MAZOWER, 2013 p. 339).

Porém a resposta alemã foi dada através da fome imposta aos soviéticos, como é caso da cidade de Kharkov, com um milhão de habitantes antes da guerra se viu reduzida ao número alarmante de duzentos e cinquenta mil em 1943. Sua população pode sentir uma morte lenta e angustiante, como recordou um sobrevivente, anos depois.

A cidade está vazia de comestíveis como um deserto, como uma cidade há muito sitiada e isolada do mundo exterior. Todas as pontes e linhas férreas foram explodidas, todas as possibilidades de comunicação e transporte foram totalmente destruídas. É estritamente proibido entrar e sair da cidade. Não existem lojas, mercados ou comércio de espécie alguma. Todas as lojas foram destruídas ou saqueadas e pilhadas nos últimos dias antes da retirada do Exército Soviético. Os mais fortes e capazes tentaram fugir da cidade como se fosse um lugar assolado pela peste, deixando para trás suas propriedades, casas e parentes. Houve também os que, exaustos e extremamente fracos devido a longo tempo de inanição, arriscaram a vida para salvar seus entes queridos. Em geadas de trinta a quarenta graus negativos, levando pesadas cargas, mal conseguindo se mover, os pés enrolados em trapos velhos, caminharam duzentos ou trezentos quilômetros enfrentando tempestades de neve até aldeias distantes para trocar suas ultimas roupas quentes por milho ou farinha. Muitos morreram, congelaram, se perderam (Apud, MAZOWER, 2013, p.341).

Portanto com a invasão alemã e com as conquistas avassaladoras nos primeiros meses da guerra, por parte dos invasores a União Soviética se viu no dever de criar um plano emergencial de organização que aglutinava toda população, economia e a estrutura militar. Mesmo sobre ataques o governo soviético sobe criar medidas eficazes para bloquear a ofensiva alemã e, assim realizar seu contra-ataque ao exército nazista. Mas toda essa (re) organização denominada de guerra patriótica teve um alto custo, mas não financeiro e sim em vidas. O número de mortos soviéticos chegou a dezenas de milhares, para além dessa (re) organização acredito que o fator chave, para a União Soviética ter vencido a Alemanha seja a

determinação de seu povo, em empunhar armas e lutar em prol de seu povo e de sua terra. A reestruturação foi sim importante, mas a necessidade de não se ver escravizado e exterminado por alemães que se julgavam como uma “raça superior” motivou os soviéticos a derramarem seu sangue em nome da “glória soviética”.

3.5 O CERCO A LENINGRADO

A ofensiva alemã antes de atacar Stalingrado mostrou sua fúria e destruição ao povo soviético em diversas cidades, muitas foram arrasadas, mas ainda possuíam relativa “sobrevivência” contavam com abastecimento de alimentos que se comparados a Leningrado era muito superior. Leningrado, foi à cidade que mais sofreu com a ofensiva alemã, foram novecentos dias de luta contra o inimigo nazista, calcula-se que o número de mortos soviéticos se aproximou de um milhão. Dos quais oitocentos mil de fome. Ou seja, não existia somente a presença do inimigo físico que afligia os soviéticos. Havia a fome, a sede, o fogo que se tornaram inimigos terríveis aos cidadãos de Leningrado. Nos planos de Hitler essa cidade deveria ser submetida a um implacável plano de ataque, e destruída sob o fogo da artilharia e bombardeios aéreos como também pela fome. Qualquer pedido de rendição deveria ser negado o intuito era a total extinção por meio da fome e do frio e da destruição por meio do fogo.¹¹⁸

No intuito de se proteger ao ataque alemão, governo soviético toma a medida de transformar a população de Leningrado em combatentes. Determinados ou não, milhares de homens são assim transformados da noite para o dia em soldados improvisados. A grande maioria é posta na frente de batalha, sem saber corretamente aonde se encontra o inimigo. Em decorrência de estarem mal armados ou até mesmo sem armas, sem apoio aéreo ou artilharia, “*não são somente figurantes, pois, segundo os testemunhos dos sobreviventes, e também de seus adversários alemães, alguns deles se deixaram literalmente triturar no local por se recusarem-se a recuar*” (VALLAUD, 2012, p.55).

A coragem não é um fator “natural” capaz de sanar todas as dificuldades que atingem as tropas do exército vermelho, como também a população civil de Leningrado. O

¹¹⁸ HASTINGS, 2012, p. 186. A maioria dos habitantes de Leningrado, privada de eletricidade, de aquecimento, de luz e de empregos, levava uma vida hibernar no meio da neve e dos entulhos que se acumulavam; suas vidas e seus processos metabólicos desaceleraram, como um velho gramofone que perde a voz. No prédio de Svetlana Magaeva, uma velha senhora chamada Kamilla enfraquecida a cada dia, ainda que os vizinhos queimassem móveis em seu aquecedor para manter nela uma centelha de vida. Certa manhã, ela se levantou da cama e mergulhou numa busca frenética em todos os armários e jogou-os no chão, um a um. Depois ajoelhou-se para buscar migalhas de pão entre os cacos. Pouco depois Kamilla morreu.

resultado é o elevado número de mortos que se somam ao passar dos dias, tanto quanto os prisioneiros abobalhados que, os filmes rodados pela Propaganda nazista não se cansa de passar nos cinemas da Alemanha e dos países ocupados¹¹⁹. Resultado do “eficaz” cerco que o exército nazista fez sobre a cidade. A inanição foi a grande responsável pela dos cidadãos, algo planejado pelo líder nazista antes mesmo da invasão, que até nomeou o teórico de pensamento do Reich, Alfred Rosenberg, como responsável pela gestão central de questões do espaço europeu, dos territórios do leste, a partir de 20 de abril de 1941. Rosenberg não esconde as intenções do Reich e declara:

Nossas conquistas a Leste devem levar em conta, antes de mais nada, uma necessidade primordial: alimentar o povo alemão. As regiões da Rússia meridional servirão a esse propósito. Não vejo absolutamente nenhuma razão nem obrigação de nossa parte em alimentar a população russa também com produtos agrícolas dessas regiões (Apud; VALLAUD, 2012, p. 134).

Fazer uma população passar fome se torna uma tática e uma necessidade. Ao passo que os dirigentes alemães entendem que deixar um pedaço de pão para os russos é tirar da boca de um alemão. E os oficiais nazistas passam essa mensagem explicitando as suas tropas,¹²⁰ que naquela situação qualquer impulso de piedade, qualquer gosto de caridade não faz sentido algum. “*A sorte de Leningrado parece estar definida, pelo menos na mente do Führer e também na de seus subordinados. Isso por que ninguém de seu entorno se mexe diante da perspectiva de deixar morrer de fome centenas de milhares de pessoas* (VALLAUD, 2012, p.141).

A partir do que pontua Pierre Vallaud (2012) a cidade se tornou um grande obituário, algo que se assemelhava a um campo de concentração. Cada pessoa tinha muito que fazer para cuidar de sua própria sobrevivência, ajuda ao próximo ao passar dos dias e meses foi desaparecendo. Nas ruas, pontes, onde o frio glacial era mais intenso em decorrência do vento, jazem formas humanas em diferentes posições. A morte se tornava um alívio tanto a vítima devido a sua situação, como também aos sobreviventes. Esses poderiam contar a partir de então com as botas e o casaco da vítima, e também as roupas se ainda estivessem em condições de uso. Na casa da vítima ao se notar a falta do indivíduo não havia o interesse em procurá-la, a busca geraria desgaste e perda de energia, tendo por vezes o alívio covarde de

¹¹⁹ GLANTZ, 2009, p. 147.

¹²⁰ Com o intuito de selar qualquer contato do exército nazista com a população de Leningrado, o governo nazista toma a medida de colocar em determinados pontos minas terrestres, assim não haveria aproximação entre as partes e assegurava uma futura crise de consciência das tropas nazistas, ao ver a situação da população da cidade em decorrência da fome.

uma boca a menos a alimentar de um cobertor disponível a mais e de bônus de racionamento suplementares, pois se evita declarar o desaparecimento do infeliz.¹²¹

As condições humanas pioram ao passar dos tempos assim como a falta de alimento, que obriga as pessoas a cometerem atos de canibalismo.¹²² Ação que era reprimida pela polícia soviética e podia levar ao fuzilamento. Uma nota da NKVD relata em um alojamento estudantil, essa prática e diz que:

No alojamento da escola profissional, na rua Mochovoi n 32, moravam cerca de 25 alunos. Eles foram deixados ali por negligência e por diferentes razões. Os alunos estavam entregues a própria sorte, nenhum trabalho de formação e eles não receberam, para o mês de dezembro nenhum cartão de abastecimento. Durante esse mês, eles se alimentaram de carne de cães ou de gatos. Em 24 de dezembro, o aluno CH. Morreu de fome. Seu corpo foi partilhado entre os discípulos e utilizado como alimento. Onze alunos foram presos por canibalismo, todos confessaram. O diretor da escola profissional Lejmar e a diretora Plaksina, que são os responsáveis por esses fatos por sua negligência e sua incúria, serão punidos (Apud; VALLAUD, 2012, p. 160-161).

Se há um termo que ficará ligado ao cerco de Leningrado e a seus efeitos é “distrofia”. Um termo aparentemente erudito, mas que revela uma idéia de “dificuldade”, de mau estado; de maneira clara aos efeitos devastadores da fome sobre os corpos, daqueles que viviam nas ruínas da cidade. Ao passar dos dias a desnutrição faz estragos. *“Os ossos aparecem, as rótulas, os omoplatas, os cotovelos, as mandíbulas se projetam sobre a pele encarquilhada, cinzenta, ressecada por falta de vitaminas e de gorduras. Alguns perdem 10, 20, 40 kg em poucos meses* (VALLAUD, 2012, p.187).

Em decorrência da péssima alimentação, os edemas, doenças (disenteria, tifo, pneumonia e fraqueza moral) se tornam naturais devido à subnutrição. E o primeiro passo que se dá para a morte é, o abandono da higiene básica, mais difícil de realizar ao fato do gelo condenar muitos lavatórios e também por que o frio não é propício à limpeza. Mediante relatos e dá própria historiografia, as vítimas que resultaram da fome é maior, em comparação as vítimas de bombardeios; que evidencia a determinação de uma ala soldadesca a exterminá-los pela fome. Mas o que chama atenção é a fragilidade dos soviéticos em não ter reservas de alimentos e, também sem uma defesa apropriada. Uma economia rígida e sem imaginação, incapaz de responder as circunstâncias, apesar de suas pretensões em prever tudo graças à planificação. Uma cidade que se viu de joelhos desde os primeiros ataques do seu

¹²¹ VALLAUD, 2012, p. 146. [...] o inimigo não tem nenhuma necessidade de atacar a cidade militarmente. Sem consentir que haja vítimas do seu lado, deixa agir o inverno e a fome do outro lado. Conjugados, estas são as melhores armas, instrumentos temíveis que atingem os sobreviventes que bloqueados no meio dos mortos, sabem que estão com seus dias contados.

¹²² HASTINGS, 2012, p.188.

inimigo, sofrida, mas que de fato era previsível. Deduzo que, em Leningrado triunfa a alma da sobrevivência, muito além daquele heroísmo que o governo soviético tanto ressaltou após a libertação da cidade:

[...] os leningrandenses sempre souberam que lutavam para salvar sua pele. O general Malwested, da SS, não deixara plantar nenhuma dúvida; se tomasse a cidade, ele começaria um gigantesco expurgo e 400 mil pessoas seriam liquidadas ou torturadas até a morte. [...] Os alemães sempre tentaram nos causar medo. Eles afirmaram que o marechal Von Kucheler, que havia reduzido Varsóvia a cinzas, faria o mesmo com Leningrado (WERTH, 1946, p.284).

3.6 MOSCOU: O DESPERTAR DO EXÉRCITO VERMELHO

Leningrado só pode começar a acreditar em uma futura libertação, no instante em que Moscou passou a atacar o exército nazista de maneira invasiva ainda no ano de 1941, no mesmo momento que ocorria o cerco. No dia cinco de dezembro desse mesmo ano, os soviéticos lançaram um pesado ataque, que surpreendeu os alemães, quase que literalmente congelados em suas posições. Os soviéticos atacaram esmagadoramente as saliências alemãs abertas ao norte e sul de Moscou, e depois seguindo para oeste. A imbatível Wermatch começou então sua retirada, desta cidade.¹²³

Durante dez dias, a Wehrmacht cambaleou por um vasto ermo branco, marcado por cadáveres amontoados e por carcaças abandonadas das viaturas carbonizadas. A maioria dos comandantes alemães defendia uma grande retirada. Hitler, demonstrando uma obstinação que espelhava Stalin, exigia, ao contrário, “resistência fanática” [...] (HASTINGS, 2012, p. 181).

Para que a vitória tivesse êxito foi necessário ao governo soviético mobilizar as massas. Aos líderes soviéticos agrupar grandes quantidades de pessoas comuns, com propósitos oficiais, de caráter benéfico à nação, era algo normal do cotidiano soviético.¹²⁴ Assim, as autoridades de Moscou com o desencadear da guerra já possuíam larga experiência

¹²³ BRAITHWAITE, 2009, p. 21. Por uma medida o número de pessoas envolvidas, a Batalha de Moscou foi à maior batalha de Segunda Guerra Mundial e, portanto a maior batalha da história. Mais de sete milhões de oficiais e civis de ambos os lados tomaram parte, comparados com os quatro milhões que lutaram em Stalingrado em 1942, os 2 milhões em Kursk em 1943, os 3,5 milhões na batalha por Berlim em 1945. Foi uma escala jamais igualada nos combates na Europa ocidental e na África. A batalha de Moscou se desenrolou em um território do tamanho da França e durou seis meses, de setembro de 1941 a abril de 1942. A União Soviética perdeu mais gente nesta batalha 926 mil soldados mortos, para não entrar nos feridos do que os britânicos em toda a Primeira Guerra Mundial. Suas Baixas nesta única batalha foram maiores do que as britânicas e americanas em toda a Segunda Guerra Mundial. Esse foi o horrendo preço que pagaram por infligir à Wehrmacht a primeira verdadeira derrota de sua história. [...]

¹²⁴ Era comum aos cidadãos soviéticos serem mobilizados por um dia, ou por um fim de semana para limpar a cidade ou por uma semana, no outono por exemplo para ajudar na colheita. Tudo era feito em prol do desenvolvimento do socialismo. O sistema de recrutamento era acompanhado de uma carga retórica de autoridades municipais e estaduais, em que belas palavras envolviam os cidadãos no ideal soviético

no deslocamento de grandes números de pessoas, em situações de emergência. Estudantes e mulheres foram os alvos principais, do governo soviético no deslocamento com o dever de construir estruturas defensivas. Deslocaram trabalhadores, dirigentes, artistas, mulheres e crianças para o interior. Possibilitaram ao exército reunir seus recrutas e mandá-los para o campo de treinamento localizado a uma boa distancia do leste da cidade.

Semanas até mesmo dias depois do ataque alemão, as autoridades deram-se conta de que o inconcebível poderia tornar-se realidade, que a própria Moscou corria risco. Desse modo, ordenaram a construção de uma série de imensas estruturas para defender a capital. Essas estruturas valas antitanques, trincheiras e buracos, casamatas de concreto e bases para metralhadoras foram construídas com grande pressa, freqüentemente por civis sem prática e por mulheres, mobilizados em massa e trabalhando doze horas por dia ou mais, vivendo nas condições mais primitivas e muitas vezes sujeitos a bombardeios e tiros de metralhadoras dos alemães (BRAITHWAITE, 2009, p. 156).

A tarefa de proteger Moscou contra o inimigo externo alemão cabia a todos os cidadãos soviéticos, seja militar ou civil a cidade deveria ser guarnecida a todo custo. Para que essa tarefa fosse de fato seguida pelos cidadãos, o governo com a mesma eficácia que deu inicio a mobilização das massas coloca em prática com o inicio da guerra, o já conhecido modelo de repressão contra supostos traidores e desertores das forças armadas soviéticas. Qualquer suspeita de complô, covardia ou traição por parte de um cidadão ou militar deveria ser punido com a própria vida.

Havia militares que já tinham conhecimento da fúria do governo soviético contra (pseudo)- traidores, em virtude da onda de extermínio imposto pelas autoridades governamentais no fim da década de trinta. Com a guerra, oficiais de baixa patente e soldados foram sumariamente executados por incompetência, por entrar em pânico por covardia ou mero azar. *“Oficiais comandantes atiravam em seus homens para fazê-los lutar, para ganhar uma reputação de crueldade ou ainda para desviar a atenção de seus próprios erros. Medidas brutais foram tomadas nos primeiros dias da guerra para manter os homens na linha e controlar as áreas da retaguarda* (BRAITHWAITE, 2009, 181).

Através dos números da própria NKVD, os destacamentos de bloqueio da mesma prenderam quase setecentos mil oficiais e homens entre o começo da guerra e dez de outubro de 1941. Sua grande maioria voltou ao front, mas vinte e seis mil foram presos e mais de dez mil foram fuzilados sendo que mais de três mil diante de seus companheiros.¹²⁵ Stalin ordenou também aos seus comandantes que aqueles civis que se rendessem o que estivessem

¹²⁵ WERTH, 1966, p. 225.

sendo usados pelos alemães como escudos humanos ou que se rendessem, teriam suas famílias fuziladas.¹²⁶

As execuções praticadas no exército vermelho tomaram grandes proporções, que se tornavam contra produtivas. Uma das mais graves conseqüências foi o questionamento, por parte dos soldados comuns, em pensar se realmente o exército estava cheio de traidores, e o principal se havia sentido confiar em seus próprios oficiais. A situação atingiu tal gravidade que no outono de 1941, Stalin foi obrigado a intervir mediante ordem que criticava seus comandantes por recorrerem a insultos, agressões físicas e repressão (nesse caso eufemismo para tiros) para encobrir o próprio pânico e desorientação no campo de batalha.

Repressão disse Stalin *“é uma medida extrema permitida somente em circunstancias de desobediência direta e resistência aberta em condições de combate ou em casos de violação maligna da disciplina e da ordem por pessoas que conscientemente tentam enfraquecer as ordens de seus comandantes”* (Apud; BRAITHWAITE, 2009, p. 199).

A disciplina e a moral só podiam ser mantidas através de uma combinação direta de persuasão e compulsão. Tanto a repressão injustificada como disparos ilegais, comportamento arbitrário e uso da violência física pessoal por comandantes e comissários políticos eram evidencias de falta de força de vontade e de capacidade e habitualmente produziam resultados opostos aos desejados pelo governo soviético. Apesar da forte represália que existia do governo contra militares e civis que descumprissem as ordens de Stalin, o exército vermelho prosseguiu na contra ofensiva aos alemães. Sabemos que o exército vermelho não contava com a experiência de combate da Wehrmacht. Os alemães tinham a seu favor a vantagem da surpresa e uma ampla superioridade em tanques e aviões modernos. Mas, ao passo que avançavam nas profundezas da Rússia suas linhas comunicações ficavam cada vez mais expostas aos ataques soviéticos.

Soma-se a isso também o fato da União Soviética não estar sozinha na guerra, algo que Hitler não contava. Os alemães não acreditavam que as democracias ocidentais e a União Soviética se aliariam. Diferente da Alemanha, a Grã Bretanha e os

¹²⁶ BRAITHWAITE, 2009, p. 185. [...] Para conseguir um controle mais firme, Stálin emitiu a Ordem nº270 em 16 de agosto de 1941. Ela trazia seu estilo próprio e inconfundível implacável, retórica, repetitivo, brutalmente lógico, quase um feitiço. A ordem começava com a descrição das corajosas ações daqueles que lutaram até o fim. Mas prosseguia, “não podemos esconder o fato de que no passado recente houve um número de vergonhosos exemplos de capitulação diante do inimigo. Generais eram tão culpados quanto soldados comuns por comportamento frouxo, mesquinho e covarde. Oficiais comandantes esconderam-se em suas trincheiras ou quartéis gerais, em vez de se dirigir a batalha. Ao primeiro sinal de dificuldade, arrancaram suas insígnias e desertaram. Tais pessoas poderiam ser toleradas nas fileiras do exército vermelho? Não, não poderiam. Aqueles que se rendessem deveriam ser destruídos por todos os meios possíveis, pelo ar e pelo solo, e suas famílias, destituídas de todos os benefícios. Aqueles que desertassem deveriam ser fuzilados, imediatamente, e suas famílias presas.

Estados Unidos eram países democráticos, mesmo sendo capitalistas. E a coalizão entre a União Soviética e as democracias ocidentais era uma realidade cada vez maior. É fato que os britânicos e os americanos não estavam envolvidos em combates no oeste, mas já forneciam a União Soviética tanque e aviões, alumínio, chumbo, níquel e borracha. O que tornava a derrota alemã inevitável, uma vez que os três superavam a capacidade da Alemanha. E o principal a União soviética e seus aliados desfrutavam da vantagem moral de combater em uma guerra de defesa, uma guerra de libertação contra uma potencia imperial que colocara a maior parte da Europa continental sob seu jugo.

Há também a questão do clima que favoreceu sim os soviéticos, mas não foi fator decisivo como é decorrente afirmar, por parte de alguns historiadores e curiosos sobre o tema. Na melhor das hipóteses um grande obstáculo a ser superado pela Wehrmacht. Em outubro de 1941 em Moscou se tem início a estação das chuvas e da lama, a *rasputitsa*. Com isso:

Os caminhões alemães de ração muitas vezes não conseguiam passar, por isso carroças de fazenda puxadas por único cavalo, conhecidas como carroças panje (gíria da Wehrmacht para camponês polonês ou russo), foram tomadas á força de comunidades agrícolas ao longo de centenas de quilômetros em volta. Em alguns lugares, onde não havia troncos de bétula perto para fazer uma pista de madeira roliça, usavam-se em seu lugar cadáveres russos como “pranchas”. O “*Landser*” muitas vezes perdia a bota sugada da perna pela lama a altura dos joelhos. Os motociclistas só podiam avançar em certos lugares saltando para empurrar seus veículos até o fim. Os comandantes, aos quais nunca faltava efetivo para empurrar os carros do Estado Maior num atoleiro, perguntavam-se como alguém conseguiria fazer guerra em tais condições. Todos eles, porém, temiam o congelamento que logo viria. Ninguém esquecia que cada dia contava (BEEVOR, 2011, p.53).

A batalha de Moscou demonstrou o que até então nenhum dos exércitos tinha sido apto a realizar; que o exército alemão, o melhor e mais experiente do mundo, podia ser derrotado completamente. Em Moscou somado aos fracassos das estratégias alemãs, o exército vermelho, pulverizou a idéia do mito de invencibilidade do exército alemão. Daí em diante, os alemães compreenderam por completo o que já haviam começado há reconhecer um mês após a invasão: que os desprezados russos, e seu exército desguarnecido, era um oponente formidável e possivelmente fatal.

A resistência russa foi tão determinada que as enfraquecidas forças alemãs diminuíram a velocidade até parar. No fim de novembro, numa tentativa de último recurso, o marechal de campo Von Kluge enviou uma grande força até a principal estrada de Moscou, a Minsk Chaussée, ao longo da qual haviam marchado as tropas de Napoleão. Eles entraram e chegaram até lá, mas o frio entorpecedor e a resistência suicida dos regimentos soviéticos embotaram seu ataque (BEEVOR, 2011, p.53).

Apesar da vantagem do exército soviético conseguida nos últimos meses, exército o alemão foi capaz ainda de restabelecer uma linha de defesa forte ao leste da cidade de Smolensk¹²⁷. Mas o fracasso das tropas alemãs já era praticamente certo. Hoje podemos afirmar, com a vantagem da visão retrospectiva, que o nivelamento do poder-geopolítico, industrial, econômico e demográfico reverteu-se decisivamente contra o Eixo em dezembro de 1941, em decorrência da obsessão da Wehrmacht em capturar Moscou. Há de se frisar também a entrada dos Estados Unidos na guerra. Mas o momento decisivo veio no ano seguinte, com a batalha de Stalingrado, que devido ao seu nome, proporcionou um duelo pessoal, para a conquista desta cidade.

¹²⁷ Cidade localizada as margens do rio Dnieper próximo a fronteira da Bielorrússia.

CAPÍTULO IV

CONTEXTO DE STALINGRADO, LEMBRANÇAS EM *STALINGRAD*

4.1 STALINGRADO: ÚLTIMA ALTERNATIVA DO REICH ALEMÃO

Desde o começo da Operação Barbarossa seus idealizadores planejavam uma campanha pela margem do Mar Negro nas montanhas do Cáucaso para o segundo semestre de 1941. O objetivo de Hitler era a rica região em petróleo, o Irã e Iraque e o domínio do Canal de Suez. Já com a operação em execução e devido aos rumos que ela tomou, fora de seu planejado, à eminente derrota em Moscou, Hitler fez algumas concessões nesta nova conjuntura. Ele instruiu seus generais a limitar a operação, somente no território soviético ao invés de uma ofensiva em direção ao Irã e Iraque. Essa limitada “estratégia” com a finalidade de assumir o domínio dos campos de petróleo soviéticos no Cáucaso. Mas essa mudança de plano não era tarefa fácil ao exército alemão, suas tropas teriam de percorrer terrenos difíceis por mais de 800 km,¹²⁸ até o novo alvo traçado.

Em 1942, o alto comando exército alemão publica uma série de instruções para a contra-ofensiva desse mesmo ano. Destaca-se a reposição de tropas e equipamentos, o quarto exército Panzer se juntou ao primeiro localizado ao sul da Rússia. Consigo trouxe um número de divisões remodeladas do exército central, além de vinte outras divisões aliadas ao eixo que foram deslocadas de outros teatros de operações também para a região sul.

Estas unidades aliadas ao Eixo incluíam: seis divisões italianas, dez romeno-húngaras, todas elas com baixa capacidade de armas e equipamentos menos até que seus homólogos alemães possuíam. Os alemães não consideravam seus aliados a altura de seu potencial militar e força bélica. Para tanto essas unidades aliadas às forças alemãs, foram relegadas pelos oficiais nazistas a papéis secundários, com o dever apenas de limpar e proteger os flancos, atrás das pontas de lança alemã que avançam rumo ao Cáucaso.

¹²⁸ GLANTZ, 2009, p. 286.

[...] Ultimately, the presence of these units and the immense scope of the planned offensive itself proved to be the Achilles' heel of the German plan. German intelligence sources detected a Soviet troop concentration southeast of Kharkov, apparently aimed at recapturing the Ukraine. Although the Germans failed to recognize the magnitude of these preparations, they correctly predicted that such an attack would probably begin in early May, after the spring rasputitza. OKH therefore planned to absorb the coming Soviet offensive before inaugurating its own drive to the southeast. In the interim, a German deception plan (Operation Kremlin) was implemented to convince the Soviets that the 1942 German offensive would be aimed at Moscow, with Army Group South limited to a feint toward Rostov. Unaware of the renaissance of the Soviet arms industry, German planners also focused on U.S. and British Lend-Lease supplies as a key ingredient for Red Army success in 1942. The advance to the Caucasus would eventually eliminate any possibility of Allied aid reaching the Soviet Union from that direction, but the northern route remained open. On 14 March 1942, therefore, OKW ordered the Luftwaffe and the navy to concentrate their efforts in Scandinavia in an effort to interdict Allied convoys bringing equipment to Murmansk. In Fuehrer Directive No. 41, dated 5 April 1942, Hitler put his own stamp on the OKH plan, which was renamed Operation Blau (Blue). The principal objective for 1942 remained the Caucasus region, with a secondary goal of capturing Leningrad [...] (GLANTZ, 2009, p. 211).

A contra ofensiva alemã em direção ao Cáucaso foi pensada em três fases. Em um primeiro momento o Grupo Sul do Exército, atacaria ao sul de Kursk, com o dever de realizar cercos locais, para se precaver de qualquer fuga realizada pelas unidades soviéticas. Após a conquista dessa região, este mesmo regimento auxiliaria o Exército denominado B, a avançar rumo ao leste até a curva do rio Don, com o intuito de estabelecer uma forte defesa ao flanco norte. O alto comando alemão junto a Hitler mais uma vez havia planejado um grande cerco agora a cidade de Stalingrado.

Nesse mesmo instante, o recém criado Exército A, juntamente com o Primeiro Grupo de Panzers e do terceiro Exército romeno deveria alcançar o setor sul, e assim fazer a travessia do rio Don perto de Rostov, em seguida haveria uma ligação com os outros exércitos que faziam a ponta de lança, de modo a estabelecer um grande cerco a Stalingrado. Com o cerco realizado as forças alemãs continuariam sua exploração ao sul da Rússia rumo ao Cáucaso.

De fato, as divisões alemãs imbuídas dessa missão em 16 de novembro, de 1941 chegaram sob intensa neve a Rostov sobre o rio Don. No dia seguinte, tomaram a ponte sobre o grande rio, que seria a ultima barreira antes do Cáucaso Mas não esperavam a reação imediata do comandante soviético Timoskenko. O flanco esquerdo da ponta de lança alemã achava-se mal guarnecido por tropas húngaras, e um ataque ali pelos soviéticos combinado

com contra ataque do outro lado do Don logo obrigou as forças alemãs a recuar. Essa foi à primeira retirada do exército alemão na Segunda Guerra.¹²⁹

Mas os erros estratégico-militares de Hitler em 1941 eram uma constante que já vinha desde a invasão à Rússia e, logo após perder o domínio de Rostov o líder nazista foca seus esforços na então cidade industrial que levava o nome de seu líder; Stalingrado. Em uma ordem emitida em 23 de julho de 1942 Hitler transferiu o XXIV Exército Panzer para o 6º. Exército, com o intuito de reforçar o avanço deste último no ataque a Stalingrado. O apoio se tornou prioritário nessa ofensiva, assim como o escasso abastecimento de gasolina. Historiadores, militares e ex-comandantes do exército nazista vêem nessa ofensiva de Hitler sobre Stalingrado, o último suspiro da Alemanha antes da sua derrota final em Berlim.

[...] Their offensive henceforth operated on two diverging axes, moving east towards Stalingrad and south toward the Caucasus. Until the railroad network could be restored, German field commanders were hamstrung by shortages of petroleum and transport. In August, when Army Group A captured the small Maikop oil field, it discovered that the defenders had systematically destroyed all the oil wells and refineries in the area. As they moved farther and farther away from their railheads, the German forces were increasingly worn down at the same time that they had to spread out to cover huge territories. Just as in 1941, German tactical successes did not add up to decisive victory, and each new advance led nowhere. There were no obvious strategic goals east of the Don River, and so attention naturally focused on Stalingrad. During the Rostov encirclement, even Sixth Army had been virtually immobilized for 10 days due to lack of supplies. This respite allowed the Stavka to reestablish a rudimentary defense in the Don bend.¹⁷ The civilian populace of the region was mobilized to construct four defensive belts around Stalingrad [...] (GLANTZ, 2009, p. 220).

No entanto, Stalingrado tornou-se o marco da virada efetiva da guerra para o lado soviético na condução do conflito. Enquanto Stalin e seus comandantes preocupavam-se com o avanço das tropas alemãs ao sul, os planejadores estratégicos da Stavka elaboravam entre julho de 1942 e fevereiro de 1943 uma operação de caráter ofensiva em grande escala, com o objetivo de destruir ao menos um grupamento de exército alemão.¹³⁰ Logo a Stavka a dividiu em duas partes batizadas com o nome de Urano e Saturno¹³¹.

A primeira ofensiva soviética - Operação Urano redistribuiu as grandes formações móveis, com o dever de penetrar nas defesas do Eixo ao lado norte e sul de Stalingrado. Conseqüentemente cercar e destruir as forças alemãs e de seus aliados. Não por

¹²⁹ Para uma compreensão detalhada do combate de Rostov no rio Don ver: Glantz, 2010, p. 452. O autor faz uma análise estratégica do conflito e das conseqüentes incursões alemãs, além do preparo das tropas soviéticas.

¹³⁰ Stalin foi convencido pelos seus conselheiros políticos a confiar no papel de seus militares profissionais e de conceder a eles um papel mais relevante no planejamento e realização das operações.

¹³¹ Essa operação se deu na parte Oriental do Cáucaso em direção a Stalingrado contava com um contingente de aproximadamente de 300.00 mil soldados.

acaso que os objetivos iniciais dos soviéticos eram os exércitos surrados (essas eram as forças aliadas que dissemos em parágrafo anterior, que foram deslocadas pelo comando alemão a fim de proteger a retaguarda nazista, no avanço rumo ao Cáucaso) que protegiam o flanco alemão, em decorrência do mau preparo tático e bélico que possuíam. Relatórios de reconhecimento e interrogatórios de prisioneiros atestam que a Operação Urano tinha como alvo os setores romenos em cada flanco do Sexto Exército alemão.¹³²

O plano para a Operação Urano era simples, embora de escopo ousadamente ambicioso. O principal ataque, mais de trezentos quilômetros a oeste de Stalingrado, seria lançado ao sudoeste pela cabeça de ponte Serafimovich, uma extensão de sessenta e cinco quilômetros ao sul do Don, que o Terceiro Exército romeno ainda não tivera força militar para ocupar. Esse ponto de ataque era tão distante da retaguarda do Sexto Exército que as forças mecanizadas alemãs, dentro e em volta de Stalingrado, não conseguiram voltar a tempo para fazer alguma diferença importante. Enquanto isso, uma investida mais interna atravessaria de outra cabeça de ponte ao sul do Don em Klestskaia, depois atacaria a retaguarda do XI corpo do Exército Strecker, que se estendia pelas curvas superior e inferior do Don. Por fim, do sul de Stalingrado, outra ofensiva blindada atacaria a norte – sudoeste para juntar-se ao ataque principal em torno de Kalach. Isso assinalaria o cerco do sexto exército de Paulus e parte do Quarto Exército de Panzers de Hotch. Ao todo, destinaram-se à Operação Urano cerca de 60 por cento de toda a força de tanques do Exército Vermelho (BEEVOR, 2011, p.261-262).

A operação Urano destacava-se não só pela eficiência com que foi posta em prática, mas também pela maneira que foi conduzida por Stalin e a Stavka, ao longo do verão de 1942. Nem mesmo a inteligência alemã identificou a criação de cinco novos exércitos de tanques (o que equivalia a aproximadamente a um corpo de Panzers) e outros quinze corpos de tanques.

Com a aproximação do ataque o Exército Vermelho deu grande importância e atenção a dois fatores que, sem dúvida, fizeram a diferença para que a operação Urano tivesse êxito: em primeiro lugar a camuflagem das tropas no seu deslocamento; em segundo, a segurança operacional. Está última fez com que a comunicação por rádio fosse diminuída consideravelmente, as ordens eram então repassadas entre as pessoas verbalmente. Mensagens escritas também foram suspensas.¹³³

Escondia-se a atividade das tropas em outros setores com a construção de defesas, o que dava a exata impressão contrária de planos para uma ofensiva. As marchas de aproximação das formações para a operação Urano eram feitas a noite com as tropas de escondendo durante o dia, uma difícil tarefa na estepe desnuda, mas as técnicas de camuflagem do Exército Vermelho foram admiravelmente eficazes. Construíram-se não menos que dezessete pontes falsas ao redor do Don para atrair a atenção da Luftwaffe e desviá-la das cinco outras verdadeiras, pelas quais atravessaram o quinto Exército de tanques, dois corpos de cavalaria e numerosas divisões de fuzileiros (BEEVOR, 2010, p.262).

¹³² WERTH, 1966, p.288.

¹³³ GLANTZ, 2009.

Na manhã de 19 de novembro de 1942, o Exército Vermelho atacou os flancos romenos, na operação Urano.¹³⁴ Nos dois principais setores escolhidos para a ofensiva, a ala norte foi que a concentrou um número maior de artilharia 3.500 canhões e morteiros estavam postos, com o dever de abrir rota para uma dúzia de divisões de infantaria além de três corpos de tanques e dois de cavalaria.¹³⁵ Relatos apontam que as primeiras salvas soaram como trovões no ar parado¹³⁶. O chão começou a tremer como se houvesse um terremoto de baixa intensidade. Os soldados que se encontravam nas frentes do Don e de Stalingrado ouviram o barulho distante da artilharia e questionaram o que estava acontecendo, a seus comandantes que de prontidão respondiam, “que não sabiam”. *“A integrante obsessão com o segredo era tão grande que não se fez nenhum comunicado antes do desfecho da batalha estar bem e verdadeiramente decidida”* (BEEVOR, 2010, p.276).

Mas como diz um velho ditado bem conhecido “nem tudo que reluz é ouro” essa ofensiva por mais que ela tenha sido bem sucedida, e que imagens cinematográficas de época mostrem tanques T-34 avançado a todo vapor, cuspidos neves das esteiras. Essas formações de ataque, vindas do sul de Stalingrado passavam por uma terrível escassez de suprimentos. Embarcar através do Volga era impossível em virtude do gelo. Já no segundo dia as muitas divisões soviéticas já se encontravam sem comida. E a maneira eficaz naquele momento para sanar esse problema, foi utilizar ambulâncias do 64º. Exército para reabastecer o avanço.

Por outro lado, feridos que se encontravam nas viaturas tiveram de ser deixados para trás, em pleno frio e a forte neve. Todos militares soviéticos envolvidos na operação sabiam que sacrifícios teriam de ser feitos, a vida não possuía significado maior ao de que vencer os alemães. Os inimigos alemães que viam o avanço soviético sobre suas linhas limitaram, suas reações a operação Urano apenas nas crenças infundadas de Hitler que o acompanhavam desde o começo da Barbarossa, a de que os russos não tinham reservas

¹³⁴ FREDBORG, 1945, p.198. [...] Esperava-se uma contra-ofensiva alemã, a leste, mas, ao invés foram os russos que, depois de uma pausa em meados de dezembro, retomaram a iniciativa e endereçaram um violento golpe às linhas alemãs no curso médio do Don. A 21 de dezembro, um informante do Alto comando teve de admitir que os russos haviam introduzido uma cunha de 90 quilômetros de profundidade a 60 de largura nas posições alemãs. Seria inofensiva como um rombo num compartimento estanque de um navio, afirmou o major Sommerdelt; mas apesar dos comentários tranquilizadores feitos por outras pessoas do Promi, tornou-se claro a situação piora de repente. O mau tempo paralisava a atividade aérea e grandes massas de armamentos russos podiam mover-se sem detença contra os alemães, que eram consideravelmente inferiores.

¹³⁵ GLANTZ, 2009.

¹³⁶ GROSSMAN, 2008.

necessárias para uma ofensiva de grande porte como essa¹³⁷. Até mesmo nas arrogantes suposições de Generais alemães que diziam já esperar um ataque.

[...] “mas não um ataque daquele porte. Era a primeira vez que os russos usavam tanques como nós”. Mesmo Richthofen admitiu isso, termo implícitos, ao descrever a ofensiva inimiga da seguinte maneira. “Para mim, uma brecha do cinturão de defesa espantosamente bem sucedida”. O marechal de campo Von Manstein, por outro lado, achou (talvez com a vantagem da visão do retrospecto) que o quartel general do Sexto Exército demorara demais para reagir e fora extremamente negligente não prevendo a ameaça a Kalach- a óbvia travessia do Don entre as duas rupturas (BEEVOR, 2010, p.291).

De fato houve a travessia e, a infantaria soviética surgiu nas elevações do Don, na seqüência vieram grupos de tanques e, a manhã de dois de agosto de 1942, ela invadiu a cidade de Stalingrado. O caos se espalhou na cidade abarrotada de retardatários romenos que haviam se separados de suas unidades. Além de algumas unidades de armamentos pesados que se encontraram sem munição. Com isso o caminho estava aberto, para a junção no dia seguinte das tropas vindas do norte com a do sul, por orientação de foguetes de sinalização verdes, disparados em intervalos no céu com as pontas de lança russas encontraram-se na estepe aberta perto de Sovietski, na comemoração entre ambas, regada a muita vodka. O cerco agora estava feito contra os alemães e a notícia correu rapidamente entre as tropas.¹³⁸

O desespero começa a pairar sobre os nazistas, em virtude do transporte escasso de cavalos, em algumas circunstâncias a solução adotada, foi pegar alguns russos moribundos prisioneiros de guerra para servir como animal de tração.¹³⁹ Nos dois lados do Don o medo se impôs aos alemães, a neve e a baixa temperatura deram um ingrediente a mais ao desespero. Desprovidos de uniformes e calçados próprios as a temperaturas russas, muitos morreram congelados. Os fracos eram pisoteados, por aqueles que ainda lutavam para fugir das mediações do Don.

Nos hospitais de campanha cenas terríveis se tornaram cotidianas em que os que tinham ferimentos leves deveriam procurar suas próprias acomodações já outros,

¹³⁷ FREDBOR, 1945, p.200. [...] mais uma vez a ofensiva russa patenteou que Hitler subestimara o poderio do adversário e o fato dos russos saberem tirar todo o partido possível do terreno e do clima. Revelou também que os chefes estavam pondo em prática, e com sucesso, táticas de tanques diretamente adotadas pelos alemães.

¹³⁸ Ver anexos figura seis.

¹³⁹ BEEVOR, 2010, p. 295. [...] Quando começou a retirada em 20 de novembro relatou um prisioneiro de guerra russo, fomos postos no lugar de cavalos para puxar as carroças carregadas de munição e comida. Os prisioneiros que não conseguiam mais puxar as carroças com a rapidez que o Feldweibel exigia eram fuzilados ali mesmo. Desse modo, fomos obrigados a empurrar as carroças durante quatro dias, quase sem nenhum descanso. No campo de prisioneiros de Vertiachí, um cercado de arame farpado sem nenhum abrigo, os alemães escolhiam os prisioneiros mais saudáveis, levando-os com eles.

sofreram mais. Caminhões parados na lama congelada no pátio externo continuavam cheios de feridos, com as cabeças e tocos em envoltos em ataduras. Os cadáveres ali permaneciam uma vez que os motoristas haviam desaparecido. Não havia por parte dos médicos, enfermeiros ou militares responsáveis qualquer atitude que pudesse sanar a dor, daqueles imploravam por ajuda. Dentro dos hospitais a situação era ainda pior.

Os enfermeiros retiravam as ataduras de campanha, muitas já fervilhando de piolhos cinzentos, limpavam as feridas, davam injeção antitetânica e envolviam os curativos com novas ataduras. As chances de sobrevivência de um homem dependiam em essência do tipo e local do ferimento. O míssil fosse estilhaço de cartucho, fragmento de granada, ou bala tinha menos importância que o ponto de entrada. A triagem era franca, sem sutilezas. Aqueles com graves ferimentos na cabeça ou no estômago eram postos num canto e deixados para morrer, por que essas operações exigiam uma equipe cirúrgica completa e duas horas para terminar, e de dois só um paciente sobrevivia. Dava-se prioridade a aos feridos que ainda andavam, pois podiam ser mandados de volta para a batalha (BEEVOR, 2010, p.298).

A condição médica e hospitalar era só mais uma das adversidades que o exército alemão começava a enfrentar, com o início da ofensiva soviética. Tropas estavam abandonadas na margem ocidental do Don, sem saber se conseguiriam escapar. A condição climática era um fator a mais que o soldado alemão tinha de encarar. Mas não foi somente a terra congelada como também a água, que dificultou a retirada dos militares alemães, mas sim o forte ataque soviético que conseguiu atravessar o Don. Com isso algumas tropas restantes do Sexto Exército se viram bloqueadas entre o Don e o rio Volga, pelos soviéticos.

O triunfo soviético que estava em andamento era algo que a grande parte da população russa esperava por anos, o acerto de contas com os alemães iria finalmente acontecer e não haveria piedade por parte dos soviéticos. Há inúmeros relatos de atrocidades alemãs difíceis de avaliar. Muitas sem dúvida, exageradas ou invenções com fins propagandistas; outras, basicamente verdadeiras.

Com o avanço tropas soviéticas encontraram mulheres, crianças e outros homens expulsos dos lares pelo Exército Alemão. Muitos haviam sido desprovidos de todas as suas roupas de inverno. Grossman descreveu histórias semelhantes do eixo no avanço sul. Relata que os soldados soviéticos ao revistarem os prisioneiros se enfureciam ao encontrar pertences de cidadãos soviéticos, e como riam sarcasticamente quando ouviam de muitos prisioneiros alemães, que desejavam voltar Alemanha para morrer junto a Hitler no inferno que o seu país se tornaria. O acerto de contas começaria em Stalingrado e “terminaria” em Berlim.

Os avanços e conquistas soviéticas em Stalingrado não foram sentidos somente no front, a população civil alemã com os primeiros rumores que chegavam ao país

em relação ao ocorrido, no front Leste, já começava a mostrar sinais de preocupação. No fim de 1942 os alemães andavam com grande dúvida e crise de consciência em relação à ofensiva russa. Nos círculos familiares e de amigos, afirma Fredborg (1945) havia apenas uma certeza, a de que os alemães, como povo, estavam completamente a sós. Com a esperança de vitória anulada quase completamente, eram o medo a derrota e as suas conseqüências os motivos mais fortes para continuar a luta.

Eram inúmeras as expressões dessa nova atitude. Até pessoas que não dispunham de nenhuma fonte de informações especiais começaram a pensar no que fazer no caso de um colapso final. Ninguém tinha idéia de como nem de quando viria a catástrofe, mas não eram poucos os que faziam tímidos preparativos, como investigar a possibilidade de enviar as famílias para a casa de algum parente, algum canto mais tranqüilo do país. Outra prova de mudança da atmosfera era o ódio quase indisfarçado que provocaram os boletins oficiais contando lorotas de vitórias e todas as insígnias do regime nazista. Assim que o alemão comum sentia poder confiar nos presentes abandonava sua reserva e começava a falar do “comedor de tapete”, referindo-se naturalmente aos violentos ataques de fúria nervosa que acometiam o Führer (FREDBORG, 1945, p. 206).

Portanto os soviéticos em Stalingrado sacramentaram a derrota alemã de um plano de guerra denominado Barbarossa, e idealizado principalmente por Hitler de conquistar uma região vital ao espaço germânico. As conseqüências dessa derrota foram sentidas por toda a população alemã, seja no front ou no próprio país. Para além da tristeza dos alemães, os acontecimentos em amargos pois, conforme Fredborg, para ninguém a derrota decorria de uma catástrofe natural. Evidentemente era resultado da má orientação e todos tinham idéia muito clara de quem poderia ser responsável.

4.2 MEMÓRIAS DO COMBATE

As representações dos eventos históricos podem ser divididas entre contemporâneas e as retrospectivas, ou seja, aquelas produzidas na época e após o acontecido. Na primeira encontram-se diários, cinejornais, reportagens, poemas e fotografias dos campos de batalha. As últimas podem abranger memórias, filmes, e romances históricos. As categorias mencionadas e outras mais estão abundantemente representadas em relação à Segunda Guerra Mundial. O interessante ao historiador é que todas devem ser levadas em conta quando se pretende saber como o conflito tem registrado e remorado pela posterioridade.

Alguns podem esperar que os historiadores enfatizem a importância do ato de escrever a história. E, sim se bem redigidas, narrativas claras, provas concretas e interpretações coerentes podem ser produzidas. No entanto, a própria história é claramente insuficiente. Ela pode responder por apenas parte dos registros. Em primeiro lugar, ela funciona por um processo de constantes, e revisões à medida que novas fontes e novos autores surgem; e, embora posições sólidas possam ser estabelecidas, a história é por natureza, inconcludente. Segundo é lenta; seus estudiosos estão sempre esbarrando em mitos e mal entendidos criados por meios de comunicação mais velozes. E terceiro, ela não encontra público em massa. O melhor dos livros de história, como *Stalingrado*, de Antony Beevor, ou *Armageddon*, de Max Hastings, será lido por dezenas de milhares ou, no máximo, centenas de milhares. O pior dos filmes de Hollywood, como *U-571- A Batalha do Atlântico* ou o *Resgate do Soldado Ryan*, que estão repletos de suposições históricas duvidosas, será visto por milhares (DAVES, 2009, p.2009).

Porém é errôneo afirmar que o contemporâneo seja necessariamente superior às reconstruções posteriores. As colocações e observações das testemunhas da fonte analisada são parciais. O soldado alemão, que dá sua versão sobre o combate em Stalingrado pode apresentar apenas um relato autêntico, de um setor do front ao qual participou. Mas ele não tem como saber o que se passa no campo inimigo, quanto mais em outros teatros de guerra.

Essa suposição é interessante ao passo que a pensamos a produção *Stalingrad*, seus diretores por mais que tentem manter, certa neutralidade ao tema abordado acabam por tentar mostrar um todo do ocorrido, aos espectadores. Ao se mesclar depoimentos de soviéticos e alemães, está em jogo, uma noção de passado comum há todos os sobreviventes de Stalingrado; a de dor e sofrimento e ressentimento (esse último por parte dos soviéticos). E o documentário se baseia exclusivamente nesses temas para construir sua narrativa.

A interpretação do passado é edificada através da comoção nessa produção, aqueles que assistem devem entender que Stalingrado guarda muito mais que a vitória Soviética, sobre a Alemanha nazista. Ainda existem pessoas que vivem com esse passado de sofrimento no seu dia a dia, que muitos desconhecem. E o documentário vem com esse objetivo, de levar aos mais novos ou não, a experiência daqueles que tiveram em Stalingrado. Por isso essa película foi pensada e rodada em rede aberta na Alemanha, para que os alemães e também russos de uma geração recente conheça um pouco do passado “presente” de ambos os países, que foi silenciado por décadas. Está além de uma visão heróica e mitificada de Stalingrado. Este documentário se interessa por uma micro-história, por um particular que comove os espectadores. Encontra-se aí o grande trunfo dessa produção¹⁴⁰

¹⁴⁰ Como aponta Carlos Augusto Calil, por mais que aja, uma grande produção de documentário independente ao gênero, muitos se quer são distribuídos e exibidos, ficando restritos aos festivais. Poucos são os filmes que conseguem chegar ao cinema, o que seria para muitos documentários uma verdadeira luta para alcançar o status de cinema como bem definiu esse autor; [...] Penso que em muitos casos o documentário chega ao

Nestes termos, afirmamos que *Stalingrad* apresenta semelhança com uma nova historiografia, que vem se portando diante da memória, sobre o tema nos últimos anos em busca de uma maneira mais equilibrada a oferecer um quadro do que significou o combate entre a Alemanha e a U. R. S. S. Um exercício de *voyeur*¹⁴¹, como exemplifica D' Alessio, que pode ser também direcionado ao cineasta que mergulha em um caldeirão de ressentimentos para corresponder a uma “memória em combate”, a vontade de lembrança em que seu registro expressa o “*temor do desaparecimento do passado que atormenta um tempo cada vez mais desconstrutor e desperta nas pessoas [...] o desejo de reencontrar ou reinventar referencias esquecidas ou silenciadas*” (D’ALESSIO, 1998, 278).

Por fim, é impossível superestimar o impacto de acontecimentos pós-guerra sobre o conhecimento dos anos do conflito ocorrido antes. A Guerra-Fria veio antes há qualquer consenso sobre o conflito de 1939-45 tivesse sido estabelecido e, por aproximadamente cinquenta anos ela funcionou como um muro intransponível, frente a todas as tentativas de esclarecer inúmeros aspectos cruciais, mas controversos. Ao longo de décadas, a maior força combatente da Segunda Guerra se manteve sobre a égide de um governo totalitário que obstruiu todas as formas de livre pesquisa e que utilizou a história como uma ferramenta propagandista estatal. O resultado é que alguns dos maiores capítulos da guerra na Europa não poderiam passar por uma análise crítica, menos ainda por uma exposição imparcial. Imensos pontos obscuros continuam e as implicações da “guerra no leste” em sua maioria foram deixadas a apodrecer em um compartimento separado e isolado.

142

cinema para beneficiar-se do mesmo efeito dos filmes de ficção: precisa ser exibido na tela grande para adquirir identidade industrial e depois percorrer as trilhas do mercado, com lançamentos em VHS e DVD, televisão a cabo etc. Enfim, adquirir visibilidade. Na verdade, nem importa realizar plenamente sua carreira na tela grande. O que vale é ter o cartaz, a exposição na mídia, a página no jornal, a entrevista na televisão [...] 2005, p.161

¹⁴¹ D’ALESSIO, 1998, p.278.

¹⁴² Com isso historiadores ocidentais não tiveram barreiras para colocar questões com fundamento em uma visão ocidental e interesse particulares, para aumentar o papel das potencias ocidentais sem serem contestados e para erguer uma teoria unilateral que só será transformada lentamente (se é que vai acontecer). A URSS sucumbiu antes que as espúrias afirmações pudessem ser retificadas. A recente queda do muro é um período curto ainda para se contrapor aos estragos causados por sessenta anos de *apartheid* historiográfico para se construir uma síntese integrada e consensual.

4.3 STALINGRAD - O DOCUMENTÁRIO DE 2003

A história no front-leste na Segunda Guerra é conhecida apenas pela derrota alemã e a sucessiva vitória soviética em Stalingrado, ao pensarmos em uma reflexão voltada ao grande público. As relações de sofrimento a qual os envolvidos passaram, nem sempre é lembrada e muitas gerações posteriores desconhecem o que de fato ocorreu. Logo, sua importância se restringe a um seleto grupo de estudiosos, militares, apaixonados e curiosos pela Segunda Guerra. O filme dos diretores Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt, vem justamente com esse propósito o de romper com o silêncio daqueles que foram “esquecidos” e “silenciados” por décadas tanto na Alemanha como na Rússia.

Stalingrad segue o modelo de documentário expositivo em que as imagens servem como evidências irrefutáveis da argumentação atribuída pelo cineasta. Para Bill Nichols, o modo expositivo dirige-se diretamente ao espectador com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história. “*Na verdade, o comentário representa a perspectiva ou o argumento do filme. Seguimos o conselho do comentário e vemos as imagens como comprovação ou demonstração do que é dito*” (NICHOLS, 2010, p. 143-144). E o que vemos no documentário de Jörg Müllner e Sebastian Dehnhardt, é a subordinação das entrevistas dos sobreviventes a lógica da narrativa fílmica, a tarefa que lhes é destinada é a de ajudar enquanto evidencia ao ponto de vista de alguém. O testemunho das pessoas fica condicionado há um enquadramento determinado pela voz over.

Observa-se que os diretores tiveram acesso a pouco material de arquivos e focaram especialmente em testemunhos as imagens que aparecem ao decorrer do filmes e surgem, sempre em segundo plano para ilustrar uma situação descrita pelo testemunho de alguém, ou até mesmo, para servir de apoio ao narrador. Vale ressaltar que imagens da recente Volgogrado se mesclam a de antes e depois do combate nas três partes da produção. Mas nos documentários os depoimentos têm vida própria, mesmo com o enquadramento a que foram submetidos, aos poucos deixam revelar sentimentos, ressentimentos de outras épocas. Em *Stalingrad* não é diferente e acabaram por favorecer o filme. São histórias ora comoventes, ora desesperados e também impiedosos de homens comuns que tiveram sua memória posta ao esquecimento, e o filme possibilita ao sobrevivente narrar suas experiências, do que viram naquela guerra.

Por isso alguns depoimentos se tornam mais reveladores do que de outros, ao passo que a maioria dos combatentes do sexto exército alemão, sente que Stalingrado selaria a derrota alemã e se vêem a mercê da própria sorte. Aqueles poucos alemães que

conseguiram sair de Stalingrado, por ar, não escondem sua emoção ao se lembrar da condição daqueles que ali estavam e imploravam para lhe tirarem dali, logo no começo da batalha. É o caso de Hans Rostewitz que saiu de Stalingrado com ferimento na cabeça e conta sua fuga em lágrimas:

“De repente um avião fez a volta e veio até nossa direção, ele parou uns dez metros a nossa frente e ficou ali. Jogaram para fora caixotes e sacos, e fomos direto para a porta do avião. Eu queria explicar que tinha um ferimento a bala na cabeça. Entrem, entrem, somente 17 homens! Fechem a porta (palavras do suposto piloto). Os motores roncaram e o avião foi andando até a posição de decolagem. Houve mais alguns trancos e seguida ele decolou. (choro do depoente). (DVD 1, Ataque, 6min, 33seg).

Sabemos que ter medo da morte ou de matar, ter piedade do inimigo ferido sofrer pelo amigo morto em combate são sentimentos que não combinam com a realidade do front. Isso se torna evidente ao analisarmos os depoimentos dos alemães e soviéticos. Aos alemães o que importava era se safar, se livrar das garras inimigas, por reconhecerem que as imposições aos prisioneiros alemães seriam brandas, e não haveria clemência. Para os soviéticos o acerto de contas tinha chegado, e todo sofrimento e dor aos invasores nazistas eram pouco como relata alguns depoentes soviéticos.

4.4 SOFRIMENTO, DOR E VIOLÊNCIA EM STALINGRADO

A intensidade em que a violência se fez presente na Segunda Guerra é algo que foge a nossa imaginação até os dias atuais. Ao nos depararmos com uma imagem ou relato o espanto é imediato, em decorrência que a mesma foi empregada em determinada situação. Como bem colocou Rouzeau a violência tão vista neste conflito mundial, se caracteriza em ampla escala anônima. O anonimato dos ferimentos e da morte infligidos está condicionado ao alcance das armas; não se sabe quem você mata, nem quem mata você, *“ainda que uma parte da violência mal conhecida e quantitativamente marginal continuou sendo de tipo interpessoal, particularmente na forma de corpo a corpo (ROUZEAU, 2011, p.384).*

Não é tarefa fácil estancar a selvageria nos corpos, a brutalidade tirou a dignidade do homem, a morte banalizada pela violência desse conflito. Rostos rasgados, gargantas cortadas, corpos pulverizados, profanação de cadáveres, em diversas situações, uma matéria qualquer; escudos descartáveis, objetos de trabalho e prazer, até mesmo como orientação nos campos de combate. A morte veio a ser a exaltação máxima no discurso dos

líderes que recrutavam suas populações para levá-los ao front, verdadeiros mártires que com a vida salvariam a mundo.

O que se viu foi à violência em várias faces, seja no corpo dos mutilados, da simples agressão ou da violência sexual contra mulheres, em seu último estágio na morte. Morte essa que se resume em uma crueldade horrenda e de cadáveres privados das atenções habituais, cadáveres desaparecendo no inominável, que se tornam dejetos repugnantes, mas que ainda conservam vestígios de homens. E a última imagem do morto, muitas vezes torturado, que ficam estabelecidas de maneira aguda nos textos e memórias de sobreviventes, imagens que nunca se apagam por completo.

Em *Stalingrad* a violência só aumentava ao caminhar do conflito independente ao lado em que estava ela era presente. Muitos soldados alemães, por exemplo, que estavam no front não tinha conhecimento das atrocidades que ocorriam no interior. O conhecimento sobre os fatos veio de forma gradativa. Muitos foram testemunhas oculares, como uma unidade especial da 4 SS, que trancou noventa crianças judias em um porão nas imediações da cidade ucraniana de Belava Tserkov, sem água e nem pão o que chocou os moradores da região.

Figura 1- Local de fuzilamento. Nesta imagem podemos observar os corpos de algumas vítimas.



Entre eles a família de Anna Protas que relata: “*Quando meu pai chegou em casa estava pálido como a morte, estava chorando. Ele disse “ouvi as crianças gritando mamãe a plenos pulmões”. Elas gritavam mamãe, mamãe a plenos pulmões! Ainda está ecoando em meus ouvidos, ele desabou a chorar.*” (DVD 1, Ataque, 10min; 13 seg.).

Figura 2 - Família de Anna Protas.



Mas o massacre não se resumiu somente as crianças judias de Belava Tserkov, antes de serem trancafiadas no porão assistiram ao fuzilamento de seus pais, que foram jogados em uma vala comum. Após o ocorrido foram tiradas do porão onde se encontravam e obtiveram o mesmo destino de seus pais. Anna Protas afirma que:

[...] Primeiro pegaram os homens. Disseram que estavam sendo levados para trabalhar, mas eles nunca voltaram. Depois pegaram as mulheres sem as crianças. As mulheres também não voltaram. Então as crianças tiveram de assistir o fuzilamento de suas mães, ali diante de seus olhos. E ai foi a vez das crianças, elas foram levadas para um orfanato e fuziladas logo depois. (DVD 1, Ataque, 10min; 28 seg.).

Figura 3 - Anna Protas.

A fonte não expõe, mas as práticas de execução da população judia no leste concentram-se em dois momentos: até junho de 1941 os soldados alemães executavam apenas homens adultos, mulheres e crianças eram poupadas. Em agosto esses passam a fazer parte das execuções sumárias, praticadas pelos mesmos. O extermínio de judeus pelo o que bem expõe Anna Protas acontecia, de forma coletiva a frente de fossas previamente cavadas, as vitimas eram executadas de costas a fim de evitar o contato face a face, com o atirador. Essa separação entre vitima e carrasco tinha o objetivo de evitar futuros choques psíquicos, que em eventual situação poderia atingir soldados alemães encarregados de tal função.¹⁴³

Outra questão que passa despercebida em *Stalingrad*, seja pelas testemunhas ou pelo diretor é o fato do colaboracionismo alemão, no leste. Extermínio de populações judaica em questão contou com ajuda massiva de bielo-russos, que se comparavam aos nazistas em mescla de anti-semitismo e anticomunismo. Sua grande maioria era aldeões ucranianos muito jovens, que matavam judeus e ciganos sem nenhum escrúpulo.¹⁴⁴ Pois bem, com o início do ataque a cidade de Stalingrado e conseqüente invasão alemã, as tropas nazistas passam a deparar-se com a população da cidade. O relato do civil Boris Stepanov se

¹⁴³ DAVIES, 2009, p. 395. [...] o assassinato de judeus a tiros, geralmente em grandes grupos, era a especialidade dos *Einsatzgruppen*. Aconteceu predominantemente nos territórios ocupados pelos alemães que antes da operação Barbarossa haviam sido ocupados pela URSS, ou seja, Lituânia, Bielo Rússia, leste da Polônia e Ucrânia. Os locais dos maiores fuzilamentos ficavam perto dos grandes centros populacionais [...] os prisioneiros judeus eram obrigados a se despir e em seguida eram enfileirados na beira de uma vala e abatidos com metralhadoras. Um milhão de judeus morreram desse modo.

¹⁴⁴ MAZOWER, 2013, p. 518. [...] Na Ucrânia, roupas de grupos de ciganos e judeus assassinados por forças alemãs eram também oferecidas ao *Volksdeutsche* local. Na antiga zona de assentamento, na Polônia Oriental e na Bielo-Rússia Ocidental, em 1941 ainda havia *shelts* judaicos, como ilhas de vida urbana num mar de camponeses cristãos. Muitos poloneses ignoraram as ordens do governo no exílio e tomaram propriedades de judeus.

torna interessante, ao fato do imaginário que ele possuía em relação aos agressores ao descrever que *“viu homens bonitos marchando. Pareciam atletas olímpicos. Seu porte era ereto e não tinham chifres de diabo como as crianças, e eu mesmo tínhamos imaginado. Eram bonitos e muito simpáticos mesmo”* (DVD 1, Ataque, 32min; 45 seg.).

Figura 4 - Boris Stepanov sobrevivente soviético.



Mas para os militares soviéticos, como expõe Josef Zrenner essa não era a imagem que faziam dos alemães, para eles eram os inimigos que deveriam ser mortos. A redenção era algo descartado, em alguns casos. Em um confronto em um prédio, alemães fazia forte resistência a investida soviética e um soldado recebeu a ordem de seu comandante;

Babajkov, o comandante de nossa companhia deu a ordem; olhem com cuidado os cômodos do primeiro andar bem no meio. Primeiro tentem fazê-lo sair usando granada se eles pularem das janelas nos os matamos aqui em baixo [...] Não fazíamos prisioneiros em situações como aquela. Não havia mãos para cima. Os alemães atiravam levavam o troco na mesma moeda. (DVD 1, Ataque, 36 min.; 28seg.).

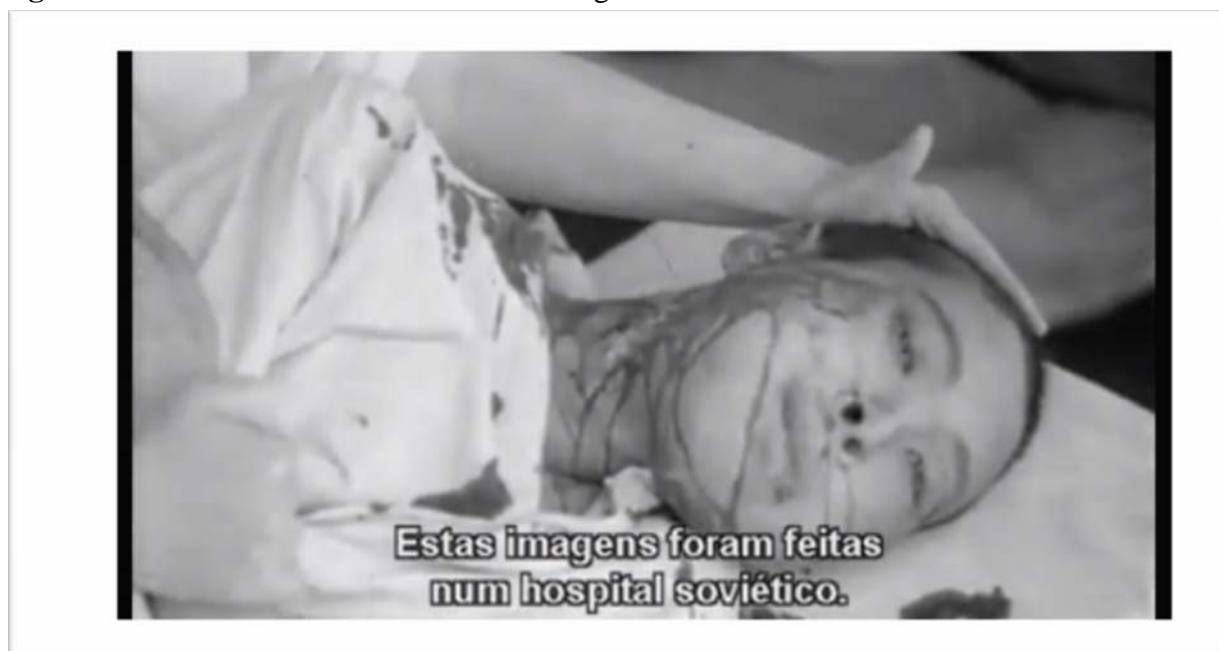
Figura 5 - Josef Zrenner



Está é a forma de guerra mais selvagem. No combate corpo a corpo, homem a homem o resultado da batalha é um massacre sangrento. As imagens e os testemunhos ratificam essa afirmação.¹⁴⁵ E todas as armas podem ser usadas. Desde pás para cavar trincheira para acertar o oponente que se atreve a invadir seu lado, ou o lança chamas para carbonizar o outro, que torna o campo de batalha um verdadeiro inferno, assim como houve em Stalingrado¹⁴⁶. Em muitos casos como bem colocam alguns testemunhos, em principio do lado alemão, soldados recém enviados ao front de Stalingrado não agüentavam um ou mais que dois dias o front, e chegavam a um elevado estado de psicose.

A maioria dos soldados (indiferente ao lado) que dão seus depoimentos certamente passou por um estado de psicose de guerra em diferentes níveis. Portanto a psicose presente em Stalingrado entre soldados alemães, nada mais que o resultado das diversas agressões sensoriais ligadas ao combate moderno, que dão origem aos traumas de combate. *“Neste tem a primazia o sentido da visão, em particular do choque visual representado pelo espetáculo de um cadáver, de um corpo ferido ou, pior de um corpo desmembrado, cuja visão é então inseparável daquilo que pode vir a acontecer com seu corpo”* (ROUSEAU, 2011, p.389).

Figura 6 - Civil soviético ferido em Stalingrado



¹⁴⁵ Ver a o DVD 1 Ataque a partir de 37 min.; 43seg. Um soldado alemão relata brevemente casos de psicose entre soldados alemães, afirma ser loucura em decorrência do que presenciavam em Stalingrado.

¹⁴⁶ GROSSMAN, 2008, p.215. Esse jornalista ilustra bem essa questão da proximidade em relato e diz que: As vezes, as trincheiras cavadas pelo batalhão ficam a 20 metros do inimigo. A sentinela consegue ouvir soldados caminhando na trincheira alemã, e brigas quando os alemães dividem a comida. Ele consegue ouvir toda a noite o sapateado de uma sentinela alemã com suas botas rasgadas. Tudo aqui é sinalização, cada pedra é um ponto de referência.

Figura 7 - Militar soviético com ferimento no braço.



As baixas e o massacre que ocorria aos militares alemães não importavam a Hitler, valia ao líder nazista iludir a si e seu povo que a vitória em Stalingrado estava concluída. O diretor ilustrou bem essa questão ao mostrar um discurso de época, em que Hitler afirma a platéia que Stalingrado de fato estava sobre o controle alemão.¹⁴⁷ A fala do mesmo ilustra bem o que uma parte da historiografia aborda sobre o tema, a falsa propaganda do governo a fim de tentar, acalmar os anônimos daqueles que passavam a suspeitar da vitória alemã, e do próprio governo nazista sobre a União Soviética. Muitas cartas de soldados alemães enviadas do front foram censuradas pelo governo nazista, com o objetivo de apaziguar os rumores da derrota alemã em Stalingrado. A fonte menciona algumas cartas que familiares alemães possuíam de militares no front, a dor e o sofrimento são o conteúdo de todas.¹⁴⁸

Com o cerco¹⁴⁹ realizado sobre as tropas alemãs as palavras requeentadas de Hitler que tanto o povo alemão ouviu com a invasão a União Soviética se foram de uma vez

¹⁴⁷ DVD 1 Ataque a partir de 50min; 38seg.

¹⁴⁸ Consulte: <http://es.geocities.com/cartasdeestalingrado/index.htm>. O livro de Antony Beevor “Cercos a Stalingrado” também possui algumas cartas de soldados alemães no front de Stalingrado.

¹⁴⁹ BEEVOR, 2011, p.325. Muitos soldados ainda não tinham recebido enxoval de inverno adequado antes do cerco, por isso recorriam á improvisação com variado grau de sucesso. Sob os uniformes, um número cada vez maior usava peças de uniformes soviético- camisas tipo túnica sem botão, calças e as muito valorizadas jaquetas acolchoadas. Nas geadas intensas, um capacete de aço tornava-se quase um compartimento de freezer, por isso eles punham perneiras, cachecóis e até ataduras de pé russas enroladas em volta da cabeça

por todas. As tropas alemãs já com eminente cerco contra si, já sentiam os primeiros sinais de abandono em Stalingrado. Além do medo do revanchismo soviético. As palavras do oficial alemão Hans Schonbeck, dá a entender que os mesmos de fato praticaram uma violência exarcebada a população soviética, como também a militares.

Temíamos que fizessem conosco exatamente o que havíamos feito a centenas e milhares de russos até aquele ponto da campanha. E não estou exagerando nos números, aquilo de fato aconteceu, foi realmente assim. Tínhamos medo de ficar aprisionados e dos soldados russos vingadores. Aquela altura da guerra os dois lados estavam totalmente implacáveis. Sabíamos bem o que nos iria acontecer. Não haveria clemência (DVD, 2 Caldeirão, 8min; 17seg.)

Figura 8 - Hans Schonbeck



Entendemos que opressão a qual a máquina de guerra tanto produziu nos anos de 1939 a 1945, estava em pleno movimento. Agia sobre diferentes pessoas em momentos variados. Aqueles que pareciam ser espectadores poderiam estar esperando sua vez. As vítimas caso sobrevivessem com ódio no coração, como é o caso dos soviéticos, se transformaram agora nos perpetradores. É o que observamos em Stalingrado. Uma enfermeira soviética chamada Mariya Lapina expressa em suas palavras, toda a sua antipatia aos alemães que invadiram seu país.

Se eu sentia compaixão pelos soldados alemães? Claro que não! Como poderia sentir pena deles! Uma vez, quando estava de serviço, e tinha minha arma comigo, vi uns soldados alemães carregando um ferido. Eu “disse seus palhaços, não tinham nada que vir fazer aqui na Rússia!”. Os alemães estavam imundos enrolados em trapos. Como poderia sentir pena deles? Quem os convidara para vir ao nosso país? (DVD, 2, Caldeirão, 15min; 28seg.)

como vedação. O desespero por luvas levou-os matar vira latas para esfolá-los. Alguns chegaram mesmo a tentar fazer túnicas de couro de cavalo curado por processos amadorísticos, mas a maioria dessas peças ficava desconfortavelmente grosseira, a não ser quando se subordinava um antigo fabricante de selas ou sapateiro para ajudar.

Figura 9 - Mariya Lapina



O ódio gerou mais ódio. Os alemães não foram os únicos a perceber essa situação, os soviéticos também presenciavam esse sentimento. A experiência de combate na Segunda Guerra é coisa feia e os termos “açougue” ou “matadouro” que acodem a pena de muitas testemunhas, caracteriza a desumanização de um corpo combatente relegado a condição de carne de açougue. O depoimento de Ivan Sledin um militar soviético ilustra essa argumentação, uma vez que seu companheiro de front foi executado por uma simples rejeição a seu superior. Como expõe o mesmo:

A vida não tinha nenhum valor no front. Um dia você estava dormindo ao lado de seu amigo e, no outro dia tinha de enterrá-lo. Após um ataque particularmente violento, sobraram só 10 de nossos 120 homens [...] Uma vez precisávamos urgentemente de um mensageiro para ir ao front. O capitão entrou em nosso abrigo e disse a um soldado: “Você ai vista-se e saía”. O homem acaba de voltar do turno de guarda e tirar o casaco. “Não eu não vou, ele disse” “O quê? urrou o capitão” “Eu disse que não vou a lugar nenhum agora” “Disse o que”? Venha para fora comigo”! Os dois saíram o capitão sacou a pistola, uma Parabellum alemã e disse: “E agora você vai?” “Não já disse, que não vou!” “Você Vai” “Não vou”. O capitão deu um tiro na cabeça dele. Ele era bem velho e estava exausto não tinha mais forças. O soldado disse “ não posso ir a lugar nenhum agora. Acabo de voltar do turno de guarda. Estou muito cansado, não dá mais”. Então, o capitão o fuzilou bem ali por recusar-se a obedecer uma ordem. Daí voltou ao abrigo e disse: “ cavem uma cova e enterrem-no”. Foi o que tivemos de fazer (voz embargada pelo choro contido do depoente) (DVD, 2, Caldeirão, 17min; 23seg.).

Figura 10 - Ivan Sledin

Pelo o que expõe o documentário e a realidade a qual tenta transmitir ao espectador, observa-se que as dificuldades criadas na cidade de Stalingrado foram terríveis aos dois lados. Por mais que os diretores tentem manter imparcialidade, ao analisar a condição da cidade ao decorrer do combate. Observamos que a situação dos alemães era mais drástica que a dos soviéticos. Uma soma de fatores pode ser levada em conta através dos testemunhos, que proporcionaram a deplorável das tropas alemãs. Duas se despontam nos relatos dos mesmos; a fome e as doenças. As condições mais insalubres tendiam a ocorrer nas unidades que haviam sido obrigadas por ataques soviéticos a ocupar novas posições na estepe aberta, na extremidade ocidental do recém formado cerco. Em decorrência do combate entre as tropas, os alemães não tiveram a oportunidade de cavar trincheiras e latrinas, por conta disso os soldados dormiam, amontoados como sardinhas, em buracos no terreno cobertos com uma lona impermeável. É o que afirma Günter Schroder oficial do exército alemão.

Em outras palavras, era só sofrimento para as tropas no “Caldeirão Stalingrado”. Um de meus deveres era entrar nos abrigos e decidir quem ainda estava apto a combater. Virou meu estômago ver aquela imundice, ver tanta agonia. Dei meia volta e disse “desculpe não consigo cumprir minha ordem”. O major perguntou-me por que não conseguia, e eu disse para ele entrar e ver ele mesmo. Ele saiu e depois vomitou de ver o que viu no abrigo (DVD, 2 Caldeirão, 21min;00 seg.).

Figura 11- Gunter Schroder.



A má acomodação favorecia o alastramento de infecções. Rapidamente a disenteria passou a ter um efeito debilitante e deprimente quando os soldados se acoravam sobre escavadoras nas trincheiras depois jogavam fora o conteúdo pelo parapeito. Além da disenteria a tifo¹⁵⁰ se fez presente entre os soldados alemães, a origem dessa doença se associa a regiões frias onde a higiene é problemática e o acúmulo de piolhos é abundante. Logo em Stalingrado não havia tempo para misericórdia e quando um soldado morto era diagnosticado pelos companheiros com tifo seu corpo era jogado em um rio para que a doença não espalhasse entre os militares do front alemão. Joachim Porzag soldado de infantaria alemã pode sentir os efeitos da doença em seu corpo;

Dei o azar de pegar tifo em 1941 e a sorte de sobreviver. Então aquela maldita pegou-me de novo em Stalingrado, 1943. Isso quer dizer que eu tinha de sair de baixo do tanque a cada 20 ou 30 minutos para eliminar o sangue. Quem está com tifo fede muito e contamina facilmente os outros. Dormíamos juntos uns dos outros. Era horrível (DVD, 2 Caldeirão, 21min; 48seg.).

¹⁵⁰SIGEIRIST, 2010, p.130-132. [...] Quando a guerra mundial de 1914-1918 se iniciou, a ciência médica tinha feito progressos tão grandes que se esperava uma conflagração sem a interferência de grandes epidemias. Isso sucedeu na frente ocidental, mas à leste o tifo precisou de apenas três meses para aparecer e se estabelecer como o principal estrategista na região [...]. No momento em que a Segunda Guerra Mundial está acontecendo, em territórios em que o tifo é endêmico, o espectro de uma grande epidemia constitui ameaça constante. Enquanto estas linhas estão sendo escritas (primavera de 1942) já foram recebidas notificações de surtos locais, e pequenos, mas a doença parece continuar sob controle e muito provavelmente permanecerá assim por algum tempo.

Figura 12 - Joachim Porzig.



Diante da terrível situação a qual as tropas alemãs se encontravam e com a propaganda soviética, a todo vapor com mensagens com o escopo de desmotivar os combatentes nazistas. Os diretores colocam a questão da religiosidade como algo que poderia salvar os combatentes, da eminente morte que se desenhava a seus olhos. Um oficial médico que veio a falecer em 1944 em um campo de prisioneiros desenhou, em uma parede a imagem de Madona, esse simples desenho se espalhou pelo front e serviu para dar esperança aqueles que já não alimentavam expectativas sobre Hitler. Gunter Schoreder soldado de infantaria aponta que: *“aquele desenho e sua mensagem espalhou-se pelas fileiras rapidamente. Ele renovou nossa esperança de que ainda a situação poderia melhorar (DVD, 2 Caldeirão, 27min;13seg.)*.

Não houve melhoras, pelo contrário a situação se agrava cada dia mais. Na fonte para mostrar a situação deplorável dos alemães, e tentar a comoção dos espectadores os diretores traçam um paralelo entre o natal¹⁵¹ de 1942 no front alemão e em seu país. Se na

¹⁵¹ BEEVOR, 2011, p.355. A discussão em torno do rompimento do cerco na segunda metade de dezembro também deixou passar um fator psicológico curiosamente importante. A aproximação do Natal. Nenhuma formação da Wehrmacht estava mais preocupada com o assunto que o sitiado sexto exército. Os esforços bastante extraordinários dedicados à sua comemoração nas casamatas embaixo da estepe dificilmente indicam impaciência para romper o cerco. Sem a menor dúvida, a letargia causada pela má nutrição, combinada com o devaneio escapista, desempenhou um papel, e na certa também o fez a mentalidade de “Fortaleza” que Hitler ajudara a cultivar. Mas nada disso explica inteiramente o foco emocional quase o obsessivo que a perspectiva do Natal teve para os colhidos num cerco tão longe de casa.

Alemanha as famílias usufruíam de alimentos e condições de vida adequadas, em Stalingrado soldados degustavam carne de cavalo. Gunter Mai soldado de infantaria aponta que *“naquele natal comemos carne de cavalo. Tiramos alguns cavalos de baixo da neve. Todos nos sabíamos onde os cavalos mortos estavam. Cortamos nacos da carne e fizemos almôndega. Almôndegas de cavalo”* (DVD, 2 Caldeirão, 39min; 50seg.).

Figura 13- Gunter Mai



O interessante é que após esse depoimento de sofrimento de um militar alemão de um natal miserável, os diretores colocam na seqüência o testemunho de um oficial soviético. A declaração desse soviético é controversa a do alemão. O natal para ele foi ótimo, o mesmo pode usufruir de alimentos tomados dos inimigos. Com o sorriso estampado em seu rosto afirma:

Era a época perfeita para pilhagens. Sempre voltávamos com muitos presentes: salsichão, geléia, arvorezinhas de natal. Pegávamos o que podíamos e nunca nos sentíamos mal por isso. Afinal, os alemães tinham as palavras “deus conosco” gravadas na fivela dos cintos. Eles eram religiosos. (DVD, 2 Caldeirão, 40min; 49seg.).

Figura 14 - Victor Kidyarov.



Todavia, no século XX, a extrema violência da guerra não teve apenas transformações tecnológicas como já víamos a destacar. “*Suas raízes são também de ordem cultural, e devem ser buscadas nos sistemas de representação dos próprios beligerantes*” (ROUZEAU, 2008, p.395). Na agressividade do combate moderno, com o dever muitas vezes de se defender e defender o próprio país de forma legítima. Stalingrado exemplifica que muitos procedimentos de limitação da violência desapareceram. O respeito ao Natal ocorrido na primeira guerra entre alemães e britânicos é um deles. Os depoimentos mostram que o respeito mútuo pela data festiva, no fim de ano, não era capaz de frear a violência entre os adversários.

Em meio a tanta agonia alguns militares entendiam que a morte, era preferível ao invés de se ferir. O ferimento aumentava ainda mais a dor daqueles que sobreviviam na cidade. Em certos relatos percebemos como era a condição sanitária para os feridos, que “viviam nas acomodações” hospitalares de campanha em Stalingrado. Hans Mroczinski soldado que passou por uma “acomodação” militar garante que as cenas de terror eram iguais ou pior, que no front.

Os porões estavam repletos de homens feridos gravemente. Febris moribundos. Fediam como a peste e o cheiro impregnava-se. Era [...] como explicar? Era como um ossuário em que os corpos ainda estão vivos. Havia um hospital cirúrgico de campanha montado no prédio de uma fábrica, onde vi muito sofrimento. Não dá para descrever em detalhe. Se fosse para dizer alguma coisa de que vi. Mas não gosto de fazer isso é muito perturbador (DVD, 3 A Morte ,9min; 13seg.).

Figura 15- Hans Mroczinski



A violência dos campos de batalha não se limitou somente aos militares, ela estendeu-se também aos civis. Em Stalingrado com o cerco realizado existiam aproximadamente dez mil civis vivendo nela. Sua grande maioria eram velhos e crianças. Muitos civis soviéticos foram desprovidos pelos alemães de alimentos, cobertores e bolsas de água quente, antes da rendição do sexto exército. Fato é que a condição a qual Stalingrado se encontrava, não havia a menor possibilidade de viver, em virtude do feroz combate travado na cidade. A mesma se tornou um amontoado de entulhos, foi totalmente devastada pela fúria dos exércitos. A noção de civilidade a qual o indivíduo possuía se foi junto, com as bombas e tiros disparados pelos alemães e soviéticos.

A sobrevivência, a seleção das espécies, a continuidade, a expectativa do amanhã, a repetição dos cenários, levam as pessoas a agirem friamente, sem paixões ou emoções, e a tomarem medidas que em situações normais não tomariam, quer sejam militares ou civis. Uma civil soviética, afirma que havia a prática de degustação de carne humana. O canibalismo foi um ato “normal” praticado por soviéticos e alemães em Stalingrado. Evgenia Zorova uma sobrevivente soviética, presenciou atos de canibalismo.

Quando não havia muito frio lá fora, as mulheres russas e os soldados alemães saíam para pegar a carne dos cavalos mortos. Quando acabaram os cavalos, eles passaram a comer os cachorros e, depois os gatos. Quando não sobrou nada para comer. Aí, perdão, cortavam fatias das nádegas dos cadáveres congelados (DVD, 3 A Morte ,11min; 28seg.).

Figura 16 - Evgenia Zorova sobrevivente soviética



Toda desgraça aos alemães era pouca, aos civis e militares soviéticos ver a angústia e o sofrimento dos nazistas era um grande prazer, Mariya Rochlina enfermeira no exército vermelho relata: *“eu não os via como fascistas. Mas sentia certo prazer com a desgraça deles. “Bem-feito” eu pensava*” (DVD, 3 A Morte ,23min; 22seg.). Essa falta de compaixão ao inimigo alemão pode ser facilmente compreendida se levarmos em consideração, as atrocidades a quais os mesmo sofreram desde a invasão alemã, a União Soviética. O soviético foi desumanizado pelos nazistas mesmo antes da invasão, uma eficaz propaganda deu conto do recado em animalizar o inimigo, em transformá-los em meros escravos do povo germânico. Não é de se estranhar *“portanto que as piores atrocidades ocorreram nas frentes de combate onde toda a pertença a uma humanidade comum fosse negada ao adversário”* (ROUZEAU, 2008, p.404).

Essa animalização com a rendição¹⁵² das tropas alemãs faz o sentido inverso. São os soviéticos agora tendo os alemães como seus prisioneiros, que os transformam como tal. Essa afirmação pauta-se na idéia de “domesticar” o inimigo de guerra, que se fez tão presente no contexto ao qual refletimos. Os soviéticos promoveram grandes deslocamentos de alemães, que se assemelha a grandes rebanhos, pode ser lida também como uma verdadeira marcha da morte. Com base nas idéias de Rouzeau compreendemos que essa

¹⁵² BEEVOR, 2011, p.461. Cerca de 3.500 civis foram postos para trabalhar como turmas de enterro. Amontoavam os cadáveres dos alemães à beira da estrada, como pilhas de madeira de construção, e, embora tivessem algumas carroças puxadas por camelos, a maior parte do trabalho de remoção foi realizada com trenós e carrinhos de mão improvisados. Os mortos alemães eram levados para casamatas, ou à imensa vala de antitanque cavada no verão no verão e ali despejados. Depois, 1.200 prisioneiros alemães foram postos para trabalhar na mesma tarefa, usando carroças, com seres humanos em vez de cavalos para puxá-los.

é a vontade de domesticação ainda ela que se deve ler nas imensas massas humanas de civis e militares confinadas atrás das cercas de arame farpado.¹⁵³

Em virtude de toda a incerteza que os rodeava, e das situações que afetavam os prisioneiros alemães, tornou a marcha para o cativeiro um verdadeiro martírio. No percurso em que percorreram o saldo do combate estava à frente daqueles, que caminhavam para a servidão. Havia um grande número de corpos que se espalhavam pela neve. Hans Mroczinski enfatiza, que *“sim fomos marchando, passando sobre pedaços de corpos de soldados, que haviam sido esmagados pelos tanques. Estavam esparramados pelas trincheiras congelados na neve ensangüentada. Essa imagem permanece clara em minha mente”* (DVD 3, A morte, 31min; 44seg.).

Figura 17- Hans Mroczinski.



Também tiveram de lidar com a fúria dos civis no percorrer da marcha, muitos tiveram os cobertores das costas retirados, cuspiam-lhes no rosto e até eram apedrejados. A melhor opção era ficar próximos a frente da coluna, e o mais seguro de tudo junto à escolta. Alguns soldados pelos quais passavam, ao contrário das ordens do Exército Vermelho, davam tiros ao acaso nas colunas de prisioneiros, apenas por diversão, exatamente como os soldados alemães haviam disparado em colunas de prisioneiros do Exército Vermelho em 1941.

¹⁵³ROUZEAU, 2008, p.406. [...] o arame farpado, inventado nos Estados Unidos no século XIX para cercar os animais, e depois modificado a fim de se tornar mais perigoso ainda para a fina pele humana, tornou-se século XX, e, sobretudo na Europa, um dos meios simples para entender aos seres humanos a sua transformação corporal em rebanho doméstico para o trabalho, a fome, a epidemia e, de modo geral, para a morte.



Prisioneiro alemão sendo revistado imagem da fonte.

Frente à condição de penúria, parte dos alemães entrevistados afirma que aceitavam o trabalho forçado, em busca de uma libertação que os fizesse retornar aos braços de seus familiares. O medo da morte e de um futuro assassinato em massa, também perturbava alguns. A morte até aquele momento viria em diferentes formas como temos observado, mas algumas gentilezas entre soviéticos e alemães desfazia aos poucos entre os prisioneiros a idéia de um futuro extermínio em massa. Hans Mroczinski presenciou um ocorrido que o fez crer, que a brutalidade a qual os alemães usaram com os soviéticos, não seria retribuída.

Diante de nós estava um oficial alta patente, fumando um charuto pilhado, um belo charutão, tragando de um jeito tal que anéis de fumaça subiam pelo ar. Então o nosso amiguinho de Berlim disse: “Ei parece bom o charuto! Posso dar uma baforada?” e estendeu o braço para o oficial. Mas o oficial só franziu a testa e, de repente deu um risinho e entregou-lhe o charuto aceso. Aquele incidente deu me esperança de que talvez seríamos bem tratados. Não tínhamos nos rendidos a pessoas cheias de ódio, que queriam nos destruir (DVD 3, A morte, 33min; 38seg.).

Os diretores em certa passagem do filme mencionam o número de mortos de alemães em Stalingrado. A morte como expõe os diretores e o testemunho dos alemães, está ligada ao deplorável estado da maioria dos prisioneiros na época da rendição, era nítido que haveria um número alto de óbitos nas semanas e meses seguintes. Do total de 91 mil soldados feitos prisioneiros quase a metade veio a falecer. Na fonte não se diz, mas as ordens de

tratamento com os prisioneiros solicitadas foram ignoradas como reconheceu o governo soviético.

É impossível calcular quantos alemães foram fuzilados sem demora, durante ou logo após a rendição, muitas vezes como vingança pelas mortes de parentes e camaradas. Ressaltamos que a condição deplorável das tropas em Stalingrado, não era a mesma dos Generais alemães. Esses como mostram algumas imagens de época contidas no documentário, tinham boa aparência, ou seja, enquanto seus soldados morriam de fome, recebiam refeições mais ou menos regulares. Ao que parece o único homem com um semblante abatido, era Paulus; nota-se um tique nervoso na face esquerda do mesmo.¹⁵⁴

Todas as mazelas somadas a fome que os alemães enfrentavam nas ruínas de Stalingrado antes de seu aprisionamento, estiveram presente nos campos de prisioneiro com um grau mais elevado, nos primeiros meses. A fome teve certa importância na causa das mortes nos campos de prisioneiros, ao lado da tifo,¹⁵⁵ essa sim responsável em grande parte pelo número de mortos. Fome que fez com que os alemães perdessem qualquer noção de civilidade, e os levasse agora a praticar o canibalismo, mas esse ato não só servia para sanar a fome daqueles pobres soldados de Hitler, que foram relegados em Stalingrado a própria sorte.



Corpos amontoados sobre Stalingrado imagem retirada da fonte.

¹⁵⁴ Ver: DVD 3, A Morte, 42 min; 11 seg.

¹⁵⁵ BEEVOR, 2011, p.465. Contudo o maior medo dos médicos em relação aos pacientes não era a morte por fome, mas uma epidemia de tifo. Muitos haviam esperado um surto no Kessel quando surgiram os primeiros casos, mas não ousaram manifestar suas preocupações para não desencadear o pânico. No sistema de túneis, eles continuaram isolando as diferentes doenças quando apareciam, fosse tifo ou disenteria. Imploraram às autoridades que fornecessem equipamentos de desinfestação de piolhos, mas muitos soldados do Exército Vermelho e quase todos os civis na região também estavam infectados.



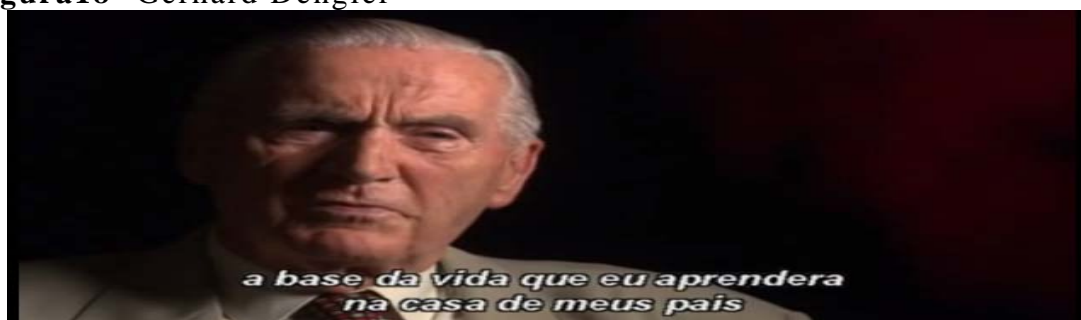
A fome testou os soldados
até o limite.

Imagem da fonte de um cavalo junto aos corpos de Stalingrado

Os soldados alemães recorreram ao canibalismo com o objetivo de continuar vivo, para isso cortavam finas fatias de carne congelada dos cadáveres, que eram fervidas. O produto final era oferecido como “carne de camelo”. Afirma Gunter Mai militar alemão e prisioneiro dos soviéticos que *“naquele campo estavam esquartejando os corpos e vendendo as carnes”* (DVD 3, A morte, 35min; 08seg). Gerhard Dengler que vigiava um campo de prisioneiros alemães diz ter visto soldados comendo carne humana e fica espantado com situação a qual os mesmos chegaram. Para ele os alemães perderam toda a noção de civilidade.

A moral comum foi destruída em Stalingrado. Vi alemães transformarem-se em canibais. Para mim, a base da vida que eu aprendera na casa de meus pais era o mundo civilizado e honrado, mas tudo aquilo desmoronara em Stalingrado. Não foram capazes de mante-lo diante de um conflito tão desumano (DVD 3, A morte, 35min; 30seg.).

Figura18- Gerhard Dengler



a base da vida que eu aprendera
na casa de meus pais



Vítima do combate em Stalingrado imagem da fonte.

A péssima condição dos alemães fez com que alguns médicos soviéticos levassem em consideração o lado humano, eram pessoas que necessitavam de cuidados e os ideais fascistas que o caracterizavam foram colocados de lado, ao menos pela equipe médica de uma oficial soviética de origem judaica. A enfermeira Antonina Folomeva, aponta para o fato que *“a equipe médica esforçava-se bastante, nosso oficial médico dizia; “Estamos lindando com seres humanos”. Nessas horas não existe, fascistas apenas doentes”* (DVD 3, A morte, 41min; 24seg).

Figura 19- Antonina Folomeva.



Todo o acúmulo de cansaço somado a doença e a fome também desumanizaram os prisioneiros de outras maneiras. Aqueles que estavam adoecidos pela disenteria, desabavam e caíam no buraco do inferno das latrinas eram deixados para se afogar, embora ainda vivos. Poucos tinham forças para tirá-los de lá. A necessidade maior de usar a latrina era urgente demais a ponto de socorrer um camarada.

Não espanta pelo o que a fonte trás ao espectador que tantos tenham morrido. Ao que entendemos parecia restar pouco motivo pela vida. Ver a família parecia ser um sonho distante, naquele contexto de Stalingrado. A Alemanha estava tão longe, que parecia outro mundo, algo que se tornava naquele instante pura fantasia.

A morte era à libertação do sofrimento, da dor e da imundice em que viviam. Os soldados com maior chance de viver eram aqueles que mantinham a luta, seja por fé religiosa, ou pela recusa em morrer em tremenda podridão. O principal combustível para se manter vivo que os sobreviventes da fonte relatam e que foi a essencial, para conduzi-los a melhores condições de vida, foi o apego em viver para reencontrar a família. Essa vontade de viver teve papel importante na caminhada forçada aos campos de prisioneiros.

Milhares foram levados no que só pode ser entendido como marcha da morte, uma vez que enfrentaram as piores temperaturas entre vinte e cinco e trinta graus abaixo de zero, sem comida e nem água, a sede era uma ameaça tão grande quanto a fraqueza da fome. Em poucas noites houve abrigo, muitos ao acordar se deparavam com camaradas mortos e rígidos a seu lado. Apenas seis mil sobreviveram aos campos forçados de trabalho. Como expõe o prisioneiro repatriado alemão Helmut Tomisch “*você não pode morrer aqui. Você precisa sobreviver. Você quer voltar para casa. Você quer rever sua mulher e seus filhos, seus pais, suas irmãs. Foi isso que me deu uma vontade indestrutível de viver*” (DVD 3, A morte, 43min; 07seg).

Figura 20 - Helmut Tomish.



Os alemães que dão seu testemunho conseguiram seu regresso para Alemanha somente em 1955, dez anos após o fim do conflito voltaram a sua terra natal, como afirmou Molotov após contribuírem com reconstrução de Stalingrado. Os familiares desses sobreviventes puderam remediar sua dor no reencontro com seus entes queridos.¹⁵⁶ Conviver com o sofrimento de não rever seu próximo e também de não poder ser sepultá-lo, era o fardo de muitas famílias, tormenta que caminhou por toda vida. Sepultamento esse impossível e tão característico na segunda guerra. Na prisão houve muitos casos de traição, e o acerto de contas ocorreu na Alemanha, no tão esperado regresso, e o pagamento era a morte, um destino um tanto cruel para alguns. Afirma Helmut Tomish “*só de ter sobrevivido aquele inferno já era uma vitória*”.

Entendemos que a fonte estudada além de levar ao espectador toda a dor e sofrimento dos militares do Sexto Exército em Stalingrado, mostra também um período da história alemã que foi relegada ao esquecimento. Essa sem dúvida é a maior contribuição dessa produção. Por outro lado há uma forte tentativa ao decorrer do filme, em culpar Hitler pela catástrofe de Stalingrado. Os soldados foram vítimas da obsessão do Führer, de conquistar a todo custo à cidade que levava o nome, de seu inimigo.

¹⁵⁶ Sobre a antiga Stalingrado milhares de corpos alemães que não puderam ser enterrados em solo alemão jazem em meio às construções da cidade. Ainda hoje há missões com o objetivo de entregar os restos mortais de alemães e soviéticos, em Volgogrado (Stalingrado), mas a identificação é muito difícil para ambas as partes, muitas vezes os voluntários partem de suposições.

À medida que se desenterravam nos anos pós-guerra as recriminações, sobre a responsabilidade pelo martírio do Sexto Exército foi sendo redistribuída a culpa pela derrota alemã nesta cidade. A figura de Paulus passa a ser considerada subserviente a Hitler e indeciso. Os diretores, não entendem assim e tiram em certa medida a culpa sobre Paulus, e a colocam exclusivamente em Hitler. Paulus configura-se como alguém que nada mais fez que cumprir as ordens do líder nazista, seria também uma vítima do poder desse, uma vez que a rendição causaria a sua morte.

Assim, o documentário descreve bem a selvageria da guerra e a violência a que foram expostos os homens, e a dignidade que foi retirada em decorrência da brutalidade da mesma. Exprime de forma satisfatória a questão do luto, mesmo que aja um esforço coletivo para prestar honras póstumas aos mortos, aqueles que perderam alguém sofrem com uma perda que é sua, e não é compartilhada. Pelas narrativas expostas, nunca encontraram uma compensação no discurso da glorificação da morte em combate ou na idealização do combatente, cujas bases foram dilaceradas pela guerra industrial. O luto da guerra não foi negado, ao contrário, ocupou bastante a cena, mas a dor não se tornou mais tolerável por ser tida como o destino comum.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

No primeiro capítulo, Foi necessário recorrer a autores que se dedicam a refletir ao campo teórico da produção de documentários. Eles foram essenciais, ao mostrar como se dá a produção, além da diferenciação de tipos e gêneros. O interessante é que o documentário ganha esse rótulo pelo o público, e pelas agências que os financiam. Pelo público seria por lidar com a proximidade da realidade, grande parte daqueles que o assistem entendem como uma produção que mostra o real. Essa questão do real me chamou atenção também nessa primeira parte da pesquisa. Por isso busquei entender a qual realidade os autores que produzem documentários lidam. Pude ver que cunham uma “outra realidade” partir daquela que tiveram acesso. É o que pude chamar de “segunda realidade”.

Já no segundo, ra necessário contextualizar a fonte. Buscaram-se então autores que refletissem sobre a Segunda Guerra, a partir de uma questão mais humana. Aquela que enfatiza o soldado, o homem comum que deixa sua família e parte para o front. Sentiu-se a necessidade também de refletir sobre a questão do poder, por isso a leitura de Hannah Arendt e Walter Benjamin sobre essa temática se fez necessária. Mesmo que não se tenha conseguido nesse item do poder, fazer um paralelo estreito entre o governo nazista e o bolchevista, pode-se ter uma noção maior sobre o tema em específico.

As idéias de Rouzeau sobre a guerra e o corpo nesse segundo capítulo foram satisfatórias, para se entender toda a mudança de combate que vem desde a primeira guerra. Saliento que a experiência do corpo na guerra abriu um leque maior de se entender o soldado e seus traumas. Traumas que estão ligados a percepção daquilo que se vê, ouve, sente de um corpo estraçalhado a sua frente, ou de tiro disparado contra o inimigo que não se vê.

No terceiro capítulo, pude analisar o que havia sido proposto na pesquisa, à dor e o sofrimento dos emergidos em Stalingrado. A violência e a brutalidade a qual os envolvidos foram postos nesta cidade, é algo que foge a nossa imaginação. As condições eram tão precárias de sobrevivência que qualquer noção de civilidade foi posta abaixo. A contribuição da fonte está exatamente em mostrar, uma parte da história da Alemanha que foi esquecida e relegada por décadas.

Finalmente, essa pesquisa concentrou-se em princípio a entender a angústia e a dor daqueles que estiveram em Stalingrado. Para tanto o filme documentário se tornou, um objeto de estudo valioso nessa empreitada. Entender a Batalha de Stalingrado através de uma concepção puramente estratégico militar não mostra a realidade do campo, o sofrimento e a aflição daqueles que ali estavam. Da mesma forma que os mapas de Hitler na

Wolfsschanze de Rastenburg só o isolaram num mundo de fantasia, distante do sofrimento dos seus soldados. Documentários como Stalingrad, podem ser entendidos como uma atividade de luto, ou seja, fazem parte da sua produção, narrativas e testemunhos que levam ao espectador histórias de vida, que poderiam ser esquecidas pelo tempo. O mesmo é tido como um lugar de memória, onde essas pessoas têm a oportunidade de narrar suas experiências de guerra, e seus traumas.

Portanto, ao entender a fonte como um lugar de memória que potencializa a narrativa, no primeiro capítulo buscou-se enfatizar questões ligadas ao campo da memória com a história e com o documentário. A leitura de Walter Benjamin foi essencial nessa primeira parte da pesquisa para compreender o papel da narrativa, experiência e também do cinema. Autores ligados ao tema da memória ajudaram na argumentação e sustentação para se criar uma reflexão mais ampla sobre a fonte.

Afinal, documentários proporcionam aos alemães sobreviventes de Stalingrado, narrar seus traumas e experiências que continuam a ser negados pela história. Os alemães em decorrência de sua história com o nazismo parece não ter direito a contar a sua versão. Quando acontece, muitos historiadores já vêm como revisionismo. O nazismo e suas consequências aos alemães, ainda hoje é uma tema delicado que merece ser tratado com respeito, e não com descrédito. Os alemães de uma geração mais recente têm o direito de saber parte da sua história. Essa produção cumpre bem esse papel narra mesmo que haja algumas incoerências, o sofrimento e a dor daqueles que foram abandonados em Stalingrado.

FONTE DISPONÍVEL

<https://www.youtube.com/watch?v=ZJLaH9HpiBw>

<https://www.youtube.com/watch?v=dZvyKqGyEfU>

<https://www.youtube.com/watch?v=JP5fhw1Rypo>

BIBLIOGRAFIA

ALISSEN, F. **Guerras: Motivação e História**. Rio de Janeiro: Axcel books, 2005.

ARENDDT, Hannah. **A Promessa Política**. São Paulo: Relógio D' Água, 2007.

_____. **O conceito de história antigo e moderno**. In: **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 69-126.

_____. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

ASSUNÇÃO Barros, José. **O Campo da História - especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Os Usos da Temporalidade na Escrita da História**. S/Seculum-Revista de História [13]; João Pessoa, Jul./dez.2005

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.

BEEVOR, Antony. **Stalingrado o Cerco final**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

_____. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Teoria da Cult: ADORNO; Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

_____. **Experiência e Pobreza**. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 1-3

_____. **Obras escolhidas**. **Magia e técnica, arte e política**. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Teorias do fascismo alemão* in: **Documentos de cultura, documentos de barbárie**. Trad.: ChristlBrink, Ilka Roth, Irene Aron e outros. São Paulo: Cultrix, 1986.

_____. **Sobre a violência**, trad. André de Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2009.

BLOCH, March. **Apologia a História**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Introdução a História.** Lisboa: Europa-América, 1987.

BERNADET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BIOSCA, Vicente Sánchez. *Imágenes marcadas a fuego. Representación y memoria de la Shoah.* **Revista Brasileira de História, São Paulo, v.21, n.42, p.283-302, 2001.**

BRAITHWAITE, R. **Moscou 1941: Uma cidade e seu povo na guerra.** Trad. Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro; Record, 2009.

CALIL, Carlos Augusto. *A conquista da conquista do mercado.* In: MOURÃO, Maria Dora; LABAKI, Amir (orgs.). **O cinema do real.** São Paulo: Cosac Naify.

CARR, Edward Hallet. **O Que é História?** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

CARROLL, Noel. *Fiction, Non-fiction and the Film of Presumptive Assertion: A Conceptual Analysis.* In. **Film Theory and Philosophy**, Ed. Richard Allen, Murray Smith, Clarendon Press, Oxford, pp. 173-202, 1997.

CARDOSO Jr., Hélio Rebello. **Narrativas e Totalidades como problemas na historiografia um estudo e dois casos.** In: Malerba, Jurandir (Org.). *A Velha História.* Campinas, SP: Papirus, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica.** In. *A escrita da história.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial.** São Paulo, Ed: USP, 2000.

CORNELIUS, Ryan. **O Mais Longo dos Dias.** São Paulo. Ed: Lp&M Pocket.2004.

DOSSE, François. **A história a prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido.** São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

DAVIES, Norman. **Europa na Guerra: 1939-1945. Uma História nada simples.** Trad. Vitor Paolozzi. Rio de Janeiro: Record, 2009.

EHRENREICH, Barbara. **Ritos de Sangue: Um estudo sobre as origens da guerra.** Trad. Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade Tupinambá.** São Paulo: Ed. Pioneira, 1970.

FERREIRA, Marieta M.; AMADO, Janaina; (Org.) **Memória e Tradição in: Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998,

FERRO, M. **Cinema e História**. Trad.: Flávia Nascimento- São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Micro-física do Poder**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Verdade e memória do passado**. Projeto História, São Paulo, PUC, v.17, 1998.

_____. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva: Campinas: UNICAMP, 1998.

GLANTZ, D. **Confronto de Titãs: Como o Exército Vermelho Derrotou Hitler**. São Paulo: C&R editorial. 2009.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**. Companhia das Letras, SP, 2007.

GROSSMAN, V. **Um escritor na guerra: Vasily Grossman com o Exército Vermelho 1941-1945**. Trad. Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. **O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória**. In: ABREU, Martha. SHOIET, Rachel e CONTIJO, Rebeca (Org.). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 23-41.

GLEZER, Raquel. **Tempo e História. Ciência e Cultura**, São Paulo, Vol. 54, n.2, Out/Dec.2002.

HATORG, François. **Tempos do Mundo, História, Escrita da História**. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. (Org.) *Estudos sobre a Escrita da História*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p.16.

HART, I. **O outro lado da colina da colina**. Ed: Biblioteca do Exército; Rio de Janeiro, 1983.

HOBBSBORN, Eric. **A Era dos Extremos. O Breve Século XX 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrita, São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

_____. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. Trad. José Vargas. São Paulo: Companhia das letras, 2007

JUDT, Tony. **Reflexões sobre um século esquecido**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2010.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LENZ, E. Sylvia. *Mulheres Alemãs na Guerra e após 1945*. In: **A Segunda Guerra Mundial e Pós 1945**. Orgs. VASCONCELOS, A. L; LENZ, E. S. Ed. Clube de Autores. 2012.

LINS, Consuelo. *Documentário: uma ficção diferente das outras*; In: **Documentário: Ecos do Cinema, lumiere ao digital**. Editora UFRJ, 2007, p. 225-235.

MARGARET, Macmillan. **Usos e Abusos da História**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MAZOWER, Mark. **Continente Sombrio**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O Império de Hitler**. Trad. Lúcia Boldrine; Cláudio Carina. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MONSATO, Márcia. *Concepções de alunos sobre significância histórica*. In Barca, Izabel; Schmidt, Maria Auxiliadora, (orgs) **Educação Histórica: investigação em Portugal e no Brasil, Actas das 5º s jornadas internacionais de Educação Histórica**. Braga: Universidade do Moinho/ Centro de Investigação em Educação/Instituto de Educação e Psicologia, 2009.

MORRETTIN, E. *Apresentação in: História e Documentário*. ORGs; MORRETTIN E; NAPOLITANO, M; KORNIS, M, A. Rio de Janeiro. Editora: FVG, 2012.

NAPOLITANO, M. **Fontes audiovisuais: a história depois do papel**. p: 231-290. In: PINSKY, C. B (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Trad.: Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, PUC, n.10, p.7-29, dez. 1993.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário: História, Identidade, Tecnologia**. Lisboa. Ed: Cosmos, 1999.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

_____. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

PORTELLI, A. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, n°. 2, 1996, p. 59-72.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC/SP, 2008

_____. (Org.). **Teoria Contemporânea do Cinema: documentário e narrativa ficcional**. São Paulo: SENAC: São Paulo, 2005. Vol. II.

SANTOS, Andréa Paula dos. *À esquerda das Forças Armadas Brasileiras: história oral de vida de militares nacionalistas de esquerda*. **Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SERENY, Gitta. **O Trauma Alemão: Experiências e Reflexões 1938 a 2000**. Trad. Milton Chaves de Almeida. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 2007.

SCHWARTZ, Vanessa R. *O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto pela realidade na Paris fim do século*. In: **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo. Cosac Naify, 2001.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Galli Flávia. **A memória evanescente**. In: PINSKY, B. C.; LUCA, T. R. (orgs). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: contexto, 2009.

KRACAUER, S. **L'Histoire dès avant-dernières choses**. Stock, Paris, 2006

KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. Trad. S. Duarte. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

----- **Uma História da Guerra**. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado – contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007 [original: 1979].

KOSSOY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 1999.

REMARQUE Eric. M. **Nada de Novo no Front**. Trad. Helen Rumjanek. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

RICCEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). **Usos e abusos de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 93-101.

ROUSSEAU, J. J. **Do Contrato Social**, Ed. Nova Cultural, 1987, São Paulo.

RÜSEN, J. **Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ROUZEAU, Stéphane Audoin. *O corpo e a guerra*. In: COURTINE, Jean-Jaques (Org.). **História do corpo: as mutações do olhar – o século XX**. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 365-416.

SALIBA, Thomé Elias. **As Aventuras e desventuras pós-modernas**. In: PINSKY, B. C.; LUCA, T. R. (orgs). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: contexto, 2009.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva.** São. Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-Silva, Márcio. **Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento.** In: História, Memória e Literatura- O Testemunho na Era das Catástrofes. .Campinas: Ed. Unicamp, 2003, p. 59-90. SIMSON, Olga de Moraes Von.

_____. **Zeugnis e Testimonio: um caso de intraduzibilidade entre conceitos in *Literatura e Autoritarismo*,** Letras nº 22, Jaime Ginzburg; Umbach Ketzer; Ursula Rosani (Orgs.), Janeiro/Junho, pp.121-130.

SÉMELIN, Jacques. **Purificar e Destruir: Usos políticos dos massacres e dos genocídios.** Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro, 2009.

SIGMUND, Freud. **Escritos Sobre a Guerra e a Morte.** Trad. Artur Morão. 2009.

TAYLOR, A.J.P. **A Segunda Guerra Mundial.** Trad. Dutra, Waltensir. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TODOROV, Tzvetan. **“O Medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações.** Rio de Janeiro, Vozes, 2010.

TOMAIM, Cássio dos Santos. **O documentário como chave para nossa memória afetiva.** In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo, v.32, n.2, p. 53-69, jul./dez. 2009.

TOULET, Emmanuelle. **O cinema e a invenção do século.** São Paulo: Objetiva, 2000.

VALLAUD, P. **O Cerco de Leningrado.** Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história.** Brasília: UNB, 1998.

VIRILIO, Paul. **Guerra e cinema.** São Paulo: Página Aberta, 1993.

WALZER, Michael. **Guerras justas e injustas: uma argumentação moral com exemplos históricos.** Trad. Waldéa Barcellos. São Paulo; Ed: Martins Fontes, 2003.